

POLICIAIS PENAIS DA PARAÍBA (Perfis)





POLICIAIS PENAIS DA PARAÍBA (Perfis)

Josélio Carneiro
Organizador

João Pessoa, PB
Agosto - 2025

FICHA TÉCNICA

Entrevistas e Coordenação Editorial
Josélio Carneiro de Araújo

Projeto Gráfico

Naudimilson Ricarte dos Santos

Revisão e edição de textos

Josy Gomes Murta

Fotografias

Arquivos pessoais

Autores

João Paulo Ferreira Barros
Alexon Adler Abrantes de Albuquerque
Alisson Paulo Pereira de Souza
Anna Amélia Dantas de Almeida Feitosa Lopes
Auristela Cristina de Moura Camelo Costa
Breno Cavalcanti Cunha
Carlos Augusto Moura Coelho
Edmilson Alves de Souza
Fabiano Lucas Lins da Silva
Isaias Ramos de Figueirêdo Neto
Ivana Leite Ribeiro
Josélio Carneiro de Araújo
Lindemberg Gonçalves Lima
Marcel Freire Cantalice Gomes
Mazukyevicz Nascimento
Mirtes Daniele da Silva
Roberto Daniel de Figueiredo
Rogério Borges Ferraz Gominho
Stanley Gusmão de Paiva
Thiago Robson dos Santos Lopes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P766 Carneiro, Josélio.
Políciais Penais da Paraíba - Perfis / Organização de Josélio
Carneiro de Araújo. – João Pessoa : Editora Letras e Versos, 2025.
192 p. : il. ; 16x23 cm
ISBN 978-65-01-59016-5

1. Sistema Penal da Paraíba. 2. Polícia Penal. 3. Policiais penais
da Paraíba. 4. Relatos de experiência. 5. Reinserção Social.

CDU: 351.746

Bibliotecária Milena Monteiro – CRB 15/890

Feito o depósito legal, Parahyba, 2025

SUMÁRIO

Prefácio.....	7
João Paulo Ferreira Barros.....	9
Alexon Albuquerque.....	14
Alisson Paulo	20
Anna Amélia	29
Auristela Camelo.....	40
Breno Cavalcanti Cunha	47
Carlos Coelho	61
Edmilson Alves de Souza (Selva).....	70
Fabiano Lucas	74
Isaias de Figueirêdo Neto	80
Ivana Leite Ribeiro	87
Primeiros dias	87
Josélio Carneiro de Araújo	94
Lindemberg Gonçalves Lima	104
Marcel Freire Cantalice Gomes	115

Início da jornada	115
Mazukyevicz Nascimento	121
Mirtes Daniele da Silva	126
Roberto Daniel de Figueiredo	137
Rogério Gominho.....	156
Stanley Gusmão.....	168
Thiago Robson Lopes	176



Prefácio

*Josélio Carneiro de Araújo

Os livros são instrumentos de suma importância rumo ao conhecimento. Em qualquer área, obras literárias têm papel essencial enquanto documentos. A escrita surgiu por volta do ano 3200 a.C., pela necessidade das pessoas em registrar e transmitir informações.

As páginas de Policiais Penais da Paraíba – Perfis contam um pouco da trajetória de seus 20 autores e autoras no Sistema Penal da Paraíba. Os 16 homens e quatro mulheres policiais penais narram a chegada no sistema, o aprendizado, os desafios, as conquistas enquanto profissionais e cidadãos e cidadãs.

A partir de entrevistas elaboradas por este colega, os personagens descrevem os passos no sistema, uns desde o ano de 2009, quando foram nomeadas as primeiras turmas do concurso público realizado em 2008, outros, a partir de anos posteriores. Todos registram a evolução como pessoa, como profissional e o desenvolvimento do próprio sistema penal de nosso estado.

São depoimentos com base no que cada um vivenciou até aqui. Acredito que esses relatos servem de estímulo aos demais colegas policiais penais. Também de lições a novas gerações que ingressarão na Polícia Penal da Paraíba, em futuros concursos.



Na condição de idealizador, editor e um dos autores desta obra, o sentimento é de satisfação em dar minha parcela de contribuição ao processo de construção da biblioteca específica sobre o sistema prisional paraibano. Este livro junta-se a outros que produzimos coletivamente.

Em quatro coletâneas publicadas, a participação de 81 pessoas que escreveram sobre gestão de unidades prisionais, reinserção social de pessoas em privação de liberdade e a respeito de outras temáticas relacionadas ao universo nas prisões.

Louvável e necessário o engajamento de tantos policiais penais nos projetos de ressocialização. Nos plantões do dia a dia, a dedicação também à missão de contribuir para mudar as vidas de reeducandos e reeducandas que escolhem ter a segunda chance na sociedade e no seio de sua família.

Agradeço ao secretário João Alves pelas palavras na orelha do livro e aos 19 colegas policiais penais pela parceria nesse projeto, inclusive ao secretário executivo João Paulo Ferreira Barros. Concluo afirmando que esta obra é inovadora e se tornará documento na história centenária da Seap-PB.

Boa leitura!

*Jornalista desde 1989, escritor a partir de 2002, com 13 livros publicados, e policial penal desde julho de 2017.



João Paulo Ferreira Barros



Ser policial penal é verdadeiramente um sacerdócio, uma missão que requer vocação, dedicação, abnegação, muita força de vontade e disciplina, porém muito gratificante.

Trajétória profissional

Inciei minha trajetória profissional na Penitenciária Desembargador Sílvio Porto, que, na época, era a unidade prisional com maior população carcerária do Estado da Paraíba. A estrutura apresentava uma complexidade única devido à sua antiguidade, pois havia sido adaptada para recolher presos em regime fechado, onde outrora era destinada ao recolhimento de albergados.

Após quase 17 anos de carreira, tive a oportunidade de desempenhar algumas funções, como diretor de unidades prisionais, coordenador geral do Grupo Tático Operacional, gerente executivo e secretário executivo da Seap-PB.

Sistema Penitenciário

O sistema penitenciário é um reflexo das políticas criminais e sociais de um país. Melhorar as condições de encarceramento e aumentar a eficácia dos programas de reabilitação e reintegração – são passos cruciais – para garantir que o sistema não seja somente punitivo, mas também construtivo.

A primeira impressão que se pode ter ao abordar este tema é a de um ambiente austero, muitas vezes associado a conceitos de punição e reabilitação. No entanto, para compreender plenamente o seu funcionamento e impacto, é importante considerar vários aspectos, desde as condições de encarceramento até os programas de reintegração social.

A infraestrutura das prisões desempenha um papel fundamental na qualidade de vida dos detentos. Um ambiente degradado e mal equipado pode impactar negativamente a saúde física e mental dos indivíduos encarcerados, além de dificultar a implementação de programas de educação e trabalho.

Um dos objetivos declarados do sistema penitenciário é a reabilitação dos detentos e reintegrá-los à sociedade. Contudo, a eficácia desses programas é frequentemente questionada, muitas vezes em decorrência do desconhecimento mais profundo dos melindres, que são presentes, no âmbito do sistema penitenciário.

Os programas educacionais e de trabalho são essenciais para preparar os detentos para uma vida fora das grades. A educação pode oferecer novas

perspectivas e oportunidades, enquanto o trabalho promove habilidades práticas e disciplina. No entanto, a implementação eficaz desses programas ainda é um desafio em muitos lugares.

O Sistema Penitenciário Paraibano vem se desenvolvendo bastante, ao longo desses últimos dezessete anos, sobretudo, com o advento do concurso público e a criação da polícia penal. Muitas são as conquistas e, atreladas a elas, apresentamos resultados extremamente positivos quando nos referimos às estatísticas de controle de fugas, rebeliões, motins, homicídios e números de detentos envolvidos em atividades de reintegração social de uma forma geral.

Polícia Penal

Um aspecto extremamente relevante e essencial para se alcançar resultados positivos no sistema penitenciário através da polícia penal é o trabalho em equipe, ele desempenha um papel crucial na realização de objetivos comuns e na promoção de um ambiente colaborativo e inovador. Quando pessoas com diferentes experiências e habilidades se unem, a diversidade de ideias é enriquecida. Isso pode levar a soluções mais criativas e inovadoras, pois cada membro da equipe contribui com sua perspectiva única.

O trabalho em equipe é um componente vital para o sucesso em muitos contextos, sobretudo no ambiente prisional, no desempenhar das funções dos policiais penais. Ao promover a colaboração, a comunicação e a



inovação, o sistema penitenciário pode alcançar resultados superiores aos que seriam possíveis individualmente. Apesar dos desafios, com estratégias adequadas, o trabalho em equipe pode ser uma experiência enriquecedora e gratificante para todos os envolvidos.

“Polícia Penal unida e determinada se torna cada vez mais forte e eficiente na prestação de seus serviços à sociedade”.

Ser policial penal

Enfim, ser policial penal é verdadeiramente um sacerdócio, uma missão que requer vocação, dedicação, abnegação, muita força de vontade e disciplina, porém muito gratificante. Sabemos que estamos contribuindo de forma direta com um bem coletivo que é a paz social, além de nos trazer muitos aprendizados para a vida. O aprendizado contínuo é essencial para nos mantermos atualizados e relevantes.

O conceito de aprendizado na vida laboral é vasto e multifacetado. Ele nos desafia a sermos profissionais curiosos, proativos e abertos às mudanças. Ao abraçar o aprendizado contínuo, não somente nos tornamos mais capacitados, mas também contribuimos para um mundo mais informado, inovador, justo e solidário.

PERFIL

João Paulo Ferreira Barros

Nascimento: João Pessoa/PB, em 07/07/1980.

Formação: Cursos/Especializações

Graduado em Segurança Pública

Pós-graduado em Gestão do Sistema Penitenciário

Ingresso no Sistema Penitenciário da Paraíba: 24/01/2009



Alexon Albuquerque



Ser Policial Penal não estava nos meus planos profissionais, mas, por condução e permissão de Deus, hoje faço parte de uma força que está ganhando espaço na sociedade e tem um potencial muito grande.

Primeiros anos: da adaptação a superação

A falta de experiência e prática no exercício das atividades penitenciárias era o maior desafio para a maioria dos novos concursados. A ansiedade era perceptível em muitos, ao mesmo tempo, o entusiasmo também fazia parte das emoções dos novos integrantes do Sistema Penitenciário da Paraíba. Era compreensivo que a adaptação seria um processo gradual, porém necessário. Fico maravilhado com muitos que entraram naquela época, ainda sem a experiência que se faz necessário na área prisional, mas que superaram seus limites, e hoje têm um papel de destaque no SisPen.

É válido ressaltar que, nesses primeiros anos, tivemos o apoio de instrutores e gestores capacitados de instituições coirmãs, que desempenharam um papel fundamental para forjar quem nós somos hoje. Incluo aqui o Cel. Sérgio Fonseca, que mesmo sem o material adequado disponibilizado na 1ª turma do curso de formação, conseguiu passar técnicas que estão até hoje bem presentes na minha memória. Destaco também a importância dos servidores veteranos da Seap, que dedicaram e arriscaram suas vidas pelo Sistema. Com eles, aprendemos mais a cada dia.

Trajetória profissional

Iniciei o serviço na Cadeia Pública de Rio Tinto. Uma unidade muito pequena, com fragilidades na segurança orgânica. Isso me fez saber que precisava me capacitar melhor, assumindo uma postura profissional mais proativa.

Após 5 anos, fui convidado por Dona Guilmar, diretora da Escola de Gestão Penitenciária da Paraíba, para fazer parte da EGEPEN. E foi na organização do Curso de Introdução à Atividade de Inteligência Penitenciária, idealizada pelo novo Gerente, Major Assis, que fui chamado para fazer parte da GISOP, onde atuei por quase 10 anos no setor de contrainteligência.



Depois desse período, voltei a trabalhar na Egepen; depois no Centro Integrado de Comando e Controle - CICC; e estou atualmente lotado na Penitenciária Desembargador Silvio Porto.

Sistema prisional paraibano

Hoje, com muita honra, faço parte de um sistema prisional muito diferente, em muitos aspectos, de quando iniciamos em 2009. A começar pela valorização da categoria, incluída no art. 144 da Constituição Federal. Ao longo desse tempo, a Seap passou por alguns processos de reestruturação na área administrativa e operacional, para manter um Sistema melhor articulado e funcional. Obviamente, ainda temos muito a evoluir, mas é perceptível um progressivo avanço.

Nesse tempo, destaco como aprendizado a necessidade de trabalharmos de fato como um sistema, uma engrenagem, onde várias peças precisam estar unidas e ajustadas para que esse sistema funcione adequadamente. Cada pequena peça é importante e necessária, cada policial que desempenhe suas funções operacionais, administrativas e até mesmo gerenciais.

Policial penal

Como citado anteriormente, é uma honra fazer parte dessa instituição. Ser Policial Penal não estava nos meus planos profissionais, mas, por condução e



permissão de Deus, hoje faço parte de uma força que está ganhando espaço na sociedade e tem um potencial muito grande. Muitos desafios, mas também muitas conquistas para enaltecer ainda mais nossa instituição.

Além de operacionais de execução das atividades intramuros, temos hoje servidores com conhecimento técnico/acadêmico que podem fazer diferença no sistema, evoluindo e elevando o nível da instituição. Penso que, através do novo concurso, o quadro funcional da Seap/PB irá permitir uma melhor distribuição de policiais dentro das unidades. Espero continuar contribuindo em conhecimento e experiência na área da Tecnologia da Informação e desenvolvimento de sistemas.

Produção literária

“O meu povo perece por falta de conhecimento”. Fazendo uma analogia a esse texto bíblico descrito em Oseias 4:6, creio que o conhecimento é essencial nesse processo de evolução e fortalecimento do Sistema Penitenciário da Paraíba. Isso se dá, também por meio de produções literárias que conte desde a nossa história, até a formulação de normas e procedimentos operacionais padrão. Fazer parte dessa memória e poder contribuir nesse processo é um privilégio.

Ainda sobre o tema “conhecimento”, faço uma observação. Salvo às informações reservadas e a “necessidade de conhecer”, relativo ao Princípio da



Compartimentação (descrito na Doutrina Nacional de Inteligência Penitenciária), o conhecimento que for necessário a um melhor desempenho das atividades penitenciárias, deve ser compartilhado para que todo policial penal faça seu trabalho com mais efetividade, seja nos procedimentos administrativos ou operacionais. Como disse o filósofo estoico Sêneca: “Se a gente não puder compartilhar o conhecimento, não tem por que tê-lo”

Livro autoral

Temos excelentes profissionais, capacitados e empenhados na melhoria do Sistema Penitenciário da Paraíba. Portanto, espero, sim, poder aliar forças e conhecimentos para registrar algo de valor para consulta e aprendizado a outros integrantes da segurança pública.

PERFIL

Alexon Adler Abrantes de Albuquerque

Nascimento: Natal/RN, em 15 de novembro de 1974.

Formação Acadêmica:

Graduação em Tecnologia em Processamento de Dados, 2000.

Especialização em Gestão da Tecnologia da Informação, 2006.

Cursos de aperfeiçoamento:

Capacitação em Gestão de Sistemas Prisionais, 2019.

Capacitação Técnica: Introdução à Atividade de Inteligência/SENASP.

Introdução à Atividade de Inteligência/PMPB.

Introdução à Atividade de Inteligência/DEPEN.
Introdução à Atividade de Inteligência Penitenciária 1ª e 2ª edição/Seap-PB.
Segurança Orgânica.
Crimes Cibernéticos; Análise dos 6 Canais de Comunicação.
Técnica de Entrevista.
Inteligência Cibernética.
Investigação Criminal 1 e 2.
Mediação de Conflitos 1.
Uso da Informação na Gestão de Segurança Pública.
Análise Criminal; Gerenciamento de Crises.
Ingresso no Sistema Penitenciário da Paraíba: Janeiro de 2009.



Alisson Paulo



Sinto-me orgulhoso em fazer parte dessa categoria, que trabalha no processo de ressocialização, garantindo – com trabalho silencioso – a tranquilidade de toda a sociedade. Pois cada pessoa recuperada representa uma vitória para a comunidade e demonstra a eficácia do trabalho da polícia penal.

Primeiras impressões: perspectivas e oportunidades

Minhas primeiras impressões estavam baseadas na estabilidade no serviço público, porém sempre com a preocupação de encontrar um sistema sem estruturas dignas de trabalho.

Nessa perspectiva, ingressei no curso de Psicologia para, assim, poder entender melhor o universo em que estava inserido, como as relações interpessoais no ambiente de trabalho, as questões emocionais e também, de forma humanizada, compreender melhor o processo do encarceramento.

Sempre tive a percepção de acreditar na ressocialização dos reeducandos, tendo em vista que educar é tão nobre quanto ressocializar, sendo um processo de reintegração do indivíduo à sociedade após o cumprimento de sua pena, visando sua reabilitação e a prevenção de reincidência criminal.

Tive a oportunidade de realizar oficinas para custodiados que trabalhavam na Gerência Executiva de Ressocialização (GER), com temáticas sobre a importância do trabalho e da família durante o cumprimento da pena, saúde mental das pessoas em privação de liberdade – e percebi o quanto é primordial a oportunidade de trabalho ofertada ao reeducando, tendo em vista o resgate da autoestima e da dignidade da pessoa privada de liberdade – e o quanto o papel da família faz a diferença, fortalecendo os laços afetivos durante a prisão.

Enquanto acadêmico e policial penal realizei algumas visitas técnicas em penitenciárias da capital, e acompanhei as atividades realizadas pela equipe de saúde e também pelos policiais penais, e tive a nítida impressão o quanto é fundamental o papel do policial penal – além da custódia, que requer segurança – base para qualquer processo ressocializador, bem como o suporte para atividades educacionais, como também a facilitação para as atividades laborais e a reintegração, o qual é a preparação do reeducando para o retorno à sociedade, garantindo assim os direitos desses indivíduos privados de liberdade.

Aqui na Paraíba, foi um grande diferencial – ver de perto o trabalho desses profissionais e percebo o quanto é fundamental para a construção de uma sociedade mais



justa, segura e igualitária. Ao oferecer oportunidades de mudança e reintegração, a ressocialização não apenas beneficia o indivíduo, mas também reduz a violência e promove a segurança pública.

Trajetória profissional

Comecei as minhas atividades como policial penal na Penitenciária Desembargador Flósculo da Nóbrega, conhecida popularmente como Presídio do Róger.

Logo após, ingressei no Centro de Operações Penitenciárias (COPEN), na função de Operador, em seguida Coordenador Operacional e, tempos depois, fui designado para Coordenador Geral. Foram anos de muitos desafios e também de muitas experiências gratificantes.

Há mais de 4 anos faço parte do Serviço de Atendimento à Pessoa Custodiada (APEC), na função de Psicólogo. Este serviço foi firmado por meio de um Acordo de Cooperação Técnica (ACT), entre o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) e a Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap-PB). O Serviço APEC contribui para o aprimoramento da Audiência de Custódia, no sentido de garantir os direitos das pessoas custodiadas, observando o contexto de vida e os aspectos psicossociais (educação, saúde, renda, moradia, dentre outros), articulando o acesso dessa população às redes de serviços que devem promover ações de cuidado, cidadania e inclusão social.

Sistema prisional paraibano

A mudança é notória no sistema prisional paraibano, pois foram grandes os desafios. Recompensador é ver mais reconhecimento na carreira do policial penal e integração à segurança pública. Enxergar investimento em materiais de segurança, por exemplo: armas, munições, viaturas, coletes, entre outros. Além de cursos de capacitação ofertados pela Escola de Gestão Penitenciária (EGEPEN), em várias áreas do conhecimento.

Tive a oportunidade de me aperfeiçoar como Gestor, Psicólogo, Palestrante, Docente (credenciado na EGEPEN, nos anos de 2023 e 2024), e de fazer parte de várias atividades no âmbito da Seap, pois represento a instituição em alguns seguimentos, como: Atendimento à Pessoa Custodiada (APEC), na função de Psicólogo – nas audiências de custódias; Comissão de identificação e documentação básica da Seap (Registro civil de documentos); Rede Estadual de Atenção, de Enfrentamento e Atendimento à LGBTQIAPNB+ do Estado da Paraíba, conhecida como (REALP); Representante da Política de Grupos específicos da Secretaria Nacional de Políticas Penais (SENAPPEN) e consultor, pelo Executivo, no Comitê Estadual de Políticas Penais da Paraíba (CEPPP/PENA JUSTA).

Experiências relevantes – Aprendizados

Não dirigi nenhuma unidade prisional, contudo, tive experiências relevantes e de muitos aprendizados. Como citei anteriormente, fui Coordenador Operacional



e Coordenador Geral do COPEN. Estas oportunidades me proporcionaram habilidades de liderança, gestão de pessoas e resolução de conflitos. Vivências [únicas] que me possibilitaram ampliar minha compreensão sobre a dinâmica do sistema prisional e fortaleceram minha capacidade de atuar de forma estratégica e humana em ambientes complexos.

Considero extremamente importante o trabalho em equipe. Entretanto, para o trabalho em equipe acontecer de forma satisfatória, é necessário destacar alguns aspectos que são considerados essenciais na dinâmica de uma equipe profissional. Exemplificando: a disponibilidade para o encontro humano, a consideração das singularidades de cada membro, a atenção e cuidado com os movimentos humanos, psíquicos e comportamentais que ocorrem – antes, durante e depois – do processo de realização da tarefa.

No COPEN tive a oportunidade de viver em grupo, e o trabalho em equipe faz a diferença, é aquele que traz a necessidade de uma maior atenção – à percepção de si e do outro – para que o ambiente interacional da equipe possa ser harmonioso. Então, é de suma importância o uso da empatia [capacidade de compreender o que o outro sente] e colocar-se no lugar do outro, enquanto vivência, isso traz maior flexibilidade de ação nas relações humanas e amplia na percepção do outro.

A comunicação eficaz é fundamental, pois o líder de equipe deve estabelecer uma visão clara e inspiradora, alinhando os membros da equipe em torno de objetivos comuns e motivando-os a alcançá-los. Uma equipe eficaz se caracteriza por uma comunicação franca e transparente, onde todos

os membros sentem-se à vontade para compartilhar ideias, preocupações e feedback.

Policial penal

Sinto-me orgulhoso em fazer parte dessa categoria, que trabalha no processo de ressocialização, garantindo – com trabalho silencioso – a tranquilidade de toda a sociedade. Pois cada pessoa recuperada representa uma vitória para a comunidade e demonstra a eficácia do trabalho da polícia penal.

A polícia penal desempenha um papel crucial na segurança pública, ao garantir o isolamento temporário dos infratores, contribuindo com a proteção da sociedade. A redução da reincidência e da diminuição dos índices de criminalidade a longo prazo e o cumprimento da lei, incluindo a execução das penas, é um caminho para alcançar esses objetivos.

Ressalto novamente a importância da ressocialização, que garante a preparação para o retorno ao convívio social e produtivo, conforme os princípios básicos e fundamentais do Sistema Penitenciário da Paraíba, que emanam de concepções humanísticas, filosóficas, políticas, éticas e sociais.

Desafios - Propósitos

Sempre teremos desafios enquanto profissionais e, se queremos mudança, é necessário lutar em prol da



categoria e, para isso, é preciso gerir conflitos internos e externos, pois mediamos tensões entre os privados de liberdade e prevenimos situações de riscos.

A gestão de situações conflituosas busca mediar impasses, reduzindo ao máximo suas consequências negativas. Além disso, quando bem gerenciados, os conflitos podem ser transformados em excelentes oportunidades para aprendizado e desenvolvimento no âmbito pessoal e profissional.

Outro fator é o combate ao crime organizado, tendo em vista que o policial penal impede a todo momento a articulação de facções dentro das unidades prisionais. Observo que um dos fatores que prejudicam as atividades laborais é a precariedade estrutural das unidades prisionais, tendo em vista as condições adversas com recursos limitados. E mesmo com situações adversas, o policial penal mantém a ordem e a disciplina das unidades prisionais do Estado.

Por outro lado, é perceptível a evolução da nossa categoria, com formação de grupos específicos de intervenções imediatas, criação de setores administrativos e também de centros de operações no âmbito da Seap. Todos com os mesmos propósitos, do bom andamento do serviço prestado e transparência.

Fundamental ressaltar o aumento das ofertas de cursos de capacitação oferecidas ao policial penal, no âmbito do Estado da Paraíba. Isso demonstra o quanto é preciso que o policial desenvolva certas habilidades e competências, como:

- Ter autocontrole e gestão de emoções em situações extremas.

- Diálogo assertivo com detentos, colegas e outros profissionais.

- Procedimentos operacionais e protocolos de intervenção e antecipação de ameaças e gestão preventiva de crises.

Almejo que essas capacitações sejam oferecidas de forma contínua, com disciplinas técnicas e humanísticas. Com treinamentos periódicos sobre novos protocolos e tecnologias. Garantindo a qualificação da categoria.

Produção literária

É relevante contribuir com produções literárias: em relatos de experiências, artigos ou capítulos de livros. Pois a escrita constrói pontes entre pesquisadores e a sociedade. Acredito que a escrita contribui com a perpetuação de ideias que transformam vidas e impulsionam o progresso humano, o fortalecimento da instituição de que você faz parte.

O conhecimento publicado torna-se acessível a todos. Rompe barreiras geográficas e sociais. Escrever ou fazer parte da história das primeiras páginas dos quase 100 anos da Seap/PB, sem dúvidas, é estar diante de um livro que agrega documentos e registros que preservam o saber para gerações futuras. São testemunhos da evolução intelectual, humana e profissional de um policial penal.



A escrita

Por fim, que possamos deixar eternizada através da escrita, nossas histórias, nossas experiências, nossa trajetória profissional, nossa evolução. Nenhuma descoberta existe isoladamente, e cada publicação é um tijolo no edifício do conhecimento. A escrita, além de criar conexões com outros pesquisadores, é fundamental para o avanço científico. Considere como sua pesquisa pode beneficiar a sociedade na totalidade.

PERFIL

Alisson Paulo Pereira de Souza

Nascimento: Paulo Afonso/BA, em 18/06/1981.

Filiação: Cícera Pereira Campos de Souza e Antônio Barbosa de Souza.

Formação/Cursos/Especializações:

Bacharelado em Psicologia.

Licenciado em Língua Portuguesa, Pedagogia e CST em Gestão Pública.

Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental.

Psicologia Hospitalar e da Saúde, Saúde mental, Saúde Coletiva.

Educação Especial e Inclusiva, Neuropsicopedagogia, Neuropsicologia e

Psicologia Forense e Prisional.

Ingresso no Sistema Penitenciário da Paraíba: 27/09/2012.



Anna Amélia



Para mim, ser policial penal na Paraíba é mais do que uma profissão; é uma missão de vida, uma oportunidade de transformar realidades e de mostrar que, mesmo sendo a força mais jovem, temos força, garra e determinação de sobra para fazer a diferença.

Missão de vida

(Entrevista)

Josélio Carneiro — Qual foi a impressão nos primeiros dias ou meses no sistema prisional paraibano e, por onde começou, qual unidade?

Aнна Amélia — Eu nunca tinha entrado em uma penitenciária antes. De repente, lá estava eu, uma menina de 23 anos, recém-formada, enfrentando meu primeiro plantão de 24 horas nesse ambiente totalmente novo para mim. Confesso que senti um misto

de nervosismo e curiosidade. Tudo era muito diferente do que eu imaginava na faculdade ou em qualquer estágio que tivesse feito até então.

No começo, a sensação era de insegurança, mas também de determinação. Precisei me adaptar rapidamente às rotinas, às pessoas e às situações inesperadas que surgiam a todo momento. Tive que manter a calma, pensar rápido e garantir que tudo estivesse sob controle, mesmo quando o ambiente ficava mais tenso. E, para ser sincera, a noite foi assustadora. O silêncio pesado, os barulhos estranhos, a sensação de que algo poderia acontecer a qualquer momento...

Tudo isso me deixou bastante nervosa. Foi um período difícil, mas também uma oportunidade de testar minha coragem e minha resistência. Ao longo do plantão, percebi o quanto esse universo é complexo e cheio de nuances. Cada momento foi uma oportunidade de aprender algo novo, de entender melhor as dificuldades e a resiliência das pessoas que vivem e trabalham ali. No final, saí daquele dia com uma sensação de conquista e uma nova perspectiva.

Me senti mais madura, mais consciente da realidade daquele ambiente e de mim mesma. Apesar dos desafios e do medo que senti durante o serviço, descobri que tinha força e coragem para enfrentar qualquer situação, e isso me deixou ainda mais motivada a seguir aprendendo e crescendo na minha profissão.

Josélio Carneiro — Passados esses anos, em quais unidades prisionais atuou e quais as funções/cargos exerceu? Conte tópicos de sua trajetória até aqui.

Anna Amélia — Desde o início da minha carreira, tive a oportunidade de atuar em várias unidades prisionais, enfrentando diferentes desafios e aprendendo bastante ao longo do caminho. Meu primeiro contato foi na Penitenciária Feminina de Campina Grande, onde trabalhei de janeiro de 2009 até 2010. Lá, passei por muitas dificuldades, principalmente devido aos abusos por parte da gestão local, na época. Foi um período difícil, mas que me ensinou muito sobre resistência e perseverança.

Depois, em 2010, fui transferida para a Penitenciária Padrão de Campina Grande, onde permaneci até 2015. Nesse período, trabalhei inicialmente no serviço administrativo, o que me proporcionou uma visão mais ampla do funcionamento da unidade.

Posteriormente, durante a gestão do Secretário Carlos Mangueira, fui nomeada para cuidar dos serviços jurídicos daquela unidade e presidir a Comissão de Sindicância, uma das responsabilidades mais desafiadoras e importantes que assumi. Essa comissão tinha a missão de apurar faltas disciplinares e decidir sobre punições para os presos, que afetam diretamente o histórico prisional do interno e seu processo, gerando grandes consequências, o que é uma tarefa delicada e de grande responsabilidade.

Na época, a unidade era conhecida como “Máxima” justamente por receber presos de alta periculosidade, muitos deles considerados perigosos e com histórico de violência. Isso tornava o trabalho da comissão ainda mais delicado, pois as decisões tinham impacto direto na segurança de todos, incluindo os próprios internos, os servidores e a sociedade. Como mulher, jovem, as-



sumir essa posição foi um grande desafio, pois muitas vezes enfrentava olhares de dúvida ou resistência, de descrédito, e dada a complexidade do ambiente prisional e a percepção de que esse tipo de responsabilidade era mais comum para homens.

No entanto, sempre acreditei na importância de exercer meu papel com firmeza, honestidade, justiça e ética, buscando garantir que as punições fossem justas, que a segurança fosse preservada. Presidir essa comissão me ensinou muito sobre liderança, sobre a importância de manter a calma sob pressão e de tomar decisões equilibradas, mesmo em situações extremamente tensas. Foi uma experiência que reforçou minha determinação de atuar com responsabilidade e contribuir para um ambiente mais seguro e justo dentro do sistema prisional.

Após essa experiência, fui transferida novamente para a Penitenciária Feminina de Campina Grande, onde, em 2016, assumi o cargo de diretora adjunta. Fiquei nessa função até 2019, quando fui exonerada e passei a trabalhar na Cadeia Pública de Picuí. Nesse período, enfrentei muitos desafios, especialmente pela falta de estrutura física na unidade, o que dificultava bastante o trabalho e o bem-estar de todos.

Em 2019, fui nomeada diretora da Cadeia Pública de Juazeirinho. Em dezembro do mesmo ano, fui removida para a Cadeia Pública de Santa Luzia, onde trabalho até hoje. Tenho dedicado meus esforços para melhorar as condições da unidade e garantir a segurança de todos.

Recentemente, em maio de 2024, fui nomeada diretora dessa unidade, uma responsabilidade que assumo com muita dedicação e esperança de promover mudanças positivas.

Ao longo desses anos, aprendi muito com cada experiência e sigo firme no compromisso de fazer a diferença na área prisional, sempre buscando melhorias e o bem-estar de todos os envolvidos.

Josélio Carneiro — Qual leitura você faz hoje do sistema prisional paraibano em comparação ao primeiro ano e quais lições e aprendizado você destacaria na sua trajetória profissional?

Anna Amélia — Desde que ingressei no sistema prisional da Paraíba em 2009, como a primeira turma de concursados, pude acompanhar de perto uma verdadeira transformação. Naquele início, encontrei um sistema com pouca estrutura, muitas dificuldades e desafios a serem superados. Era um momento de muito esforço e esperança, pois, não apenas eu, mas vários, sabíamos que poderíamos fazer a diferença. Ao longo desses anos, crescemos muito.

O Governo investiu na capacitação do seu quadro funcional, buscando sempre aprimorar conhecimentos e habilidades para oferecer um serviço mais eficiente e humano. Houve avanços na disponibilização de armamento e munições, garantindo mais segurança para todos. Além disso, houve uma escolha qualificada para ocupar cargos de direção, assumindo responsabilidades crescentes na gestão do sistema.

Hoje, diferente do início, os diretores são policiais de carreira, qualificados e experientes, o que fortalece ainda mais a gestão e a segurança do sistema penitenciário.



Também foram criados grupos especiais, fortalecendo a segurança e a eficiência das ações.

Hoje, ao olhar para trás, vejo o quanto evoluímos. Cada passo dado foi fundamental para transformar o sistema penitenciário da Paraíba em uma estrutura mais sólida, segura e preparada para os desafios de hoje e do futuro. E tudo isso só foi possível graças ao esforço de toda a equipe, que nunca desistiu e sempre acreditou na capacidade de melhorar. O maior aprendizado que tive ao longo dessa jornada foi não perder a esperança, pois dias melhores chegam para aqueles que confiam e perseveram.

Josélio Carneiro — Fale um pouco sobre essa missão, que depende muito de uma equipe articulada, qualificada e compromissada.

Anna Amélia — Atualmente estou como diretora da Cadeia Pública de Santa Luzia. Gerenciar uma Unidade Prisional masculina como mulher é, sem dúvida, um grande desafio, mas também uma experiência extremamente enriquecedora e emocionante. Enfrentar esse papel exige força, coragem e muita determinação, pois lidar com um ambiente predominantemente masculino, cheio de complexidades e responsabilidades, requer uma dose extra de resiliência. Cada dia traz novas dificuldades, mas também a oportunidade de mostrar que o compromisso, a dedicação e o amor pelo que fazemos podem transformar qualquer cenário.

Tenho muito orgulho de dizer que o sucesso da minha gestão se deve, principalmente, ao quadro funcional

comprometido e dedicado que tenho ao meu lado. Os policiais penais que trabalham comigo são verdadeiros heróis silenciosos, que enfrentam diariamente as adversidades com coragem e profissionalismo. São eles que, com esforço e dedicação, garantem a segurança, a ordem e a dignidade dentro da unidade. Cada um deles representa a força e a esperança de um sistema penitenciário mais justo e humano.

Essa jornada me ensinou que, mesmo diante de desafios imensos, o trabalho em equipe, o respeito e a dedicação fazem toda a diferença. Sou grata por poder contar com profissionais tão comprometidos, que não medem esforços para cumprir sua missão com excelência. Juntos, estamos construindo uma história de superação, de força feminina e de esperança de um sistema penitenciário cada vez melhor. E, acima de tudo, aprendemos que, com união e perseverança, é possível transformar obstáculos em conquistas.

Josélio Carneiro — Para você, o que representa ser policial penal, integrar a mais jovem Força de Segurança Pública da Paraíba?

Anna Amélia — Ser policial penal e fazer parte da mais jovem força de Segurança Pública da Paraíba é uma honra e uma grande responsabilidade ao mesmo tempo. Essa missão representa o compromisso de proteger, garantir a segurança e promover a dignidade dentro do sistema penitenciário, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e segura. Ser parte dessa nova força significa estar na vanguarda das mudanças,



inovando e buscando sempre o melhor para a população e para os colegas de trabalho. Como a mais jovem força de segurança, temos a oportunidade de mostrar que podemos fazer a diferença, enfrentando desafios com coragem, dedicação e profissionalismo.

Cada dia é uma chance de aprender, evoluir e reafirmar o nosso papel fundamental na manutenção da ordem e na reintegração social. Essa posição também simboliza esperança de um sistema mais eficiente, humano e transparente, onde o respeito e a valorização do profissional são prioridades. Para mim, ser policial penal na Paraíba é mais do que uma profissão; é uma missão de vida, uma oportunidade de transformar realidades e de mostrar que, mesmo sendo a força mais jovem, temos força, garra e determinação de sobra para fazer a diferença. É uma oportunidade de deixar um legado de coragem, dedicação e esperança para as futuras gerações de policiais penais.

Josélio Carneiro — Quais os desafios seus enquanto agente essencial nesse processo de formação da Polícia Penal e por consequência, na evolução do sistema prisional do estado?

Anna Amélia — Como agente essencial na formação da Polícia Penal e na evolução do sistema prisional do estado, enfrente diversos desafios que são ao mesmo tempo, obstáculos e oportunidades de crescimento. Um dos principais desafios é me adaptar a uma nova estrutura de segurança, implementando práticas modernas e humanas no sistema penitenciário. Além disso, preciso



lidar com a resistência natural às mudanças, sempre buscando me capacitar e me atualizar constantemente para desempenhar meu papel da melhor forma possível.

Outro desafio importante é garantir a segurança de todos — colegas, internos e a sociedade — enquanto trabalho para promover uma abordagem mais humanizada e de reintegração social. Também tenho a responsabilidade de ajudar a construir uma identidade forte e reconhecida para a Polícia Penal, com respeito e valorização, o que exige muita dedicação, perseverança e coragem. Apesar de tudo isso, sei que meu papel é fundamental para tornar o sistema prisional mais eficiente, justo e humano.

Cada obstáculo superado é uma vitória que contribui para a consolidação de uma nova fase na segurança pública do estado. Meu esforço é essencial para que essa transformação seja duradoura e positiva. Faço parte de uma história de mudança, esperança e progresso, e sei que meu trabalho faz toda a diferença nesse caminho de evolução.

Josélio Carneiro — Trazendo a temática, produção literária dos últimos anos, mais especificamente sobre o sistema prisional - Polícia Penal. O que significa para você - contribuir, ser personagem, autor de artigos, de livros neste campo, escrevendo as primeiras páginas da história quase centenária da Seap-PB?

Anna Amélia — Na minha opinião, a produção literária dos últimos anos sobre o sistema prisional e a Polícia Penal tem sido fundamental para ampliar o



entendimento, promover debates e fortalecer a nossa história nesse campo tão importante. Acredito que é extremamente relevante contribuir ativamente, seja como personagem, seja como autora de artigos ou livros, para escrever as primeiras páginas de uma história que está sendo construída com muita dedicação e esperança.

Foi algo muito emocionante para mim - ser autora do livro “Mulheres que fazem acontecer no sistema penitenciário da Paraíba”, especialmente por escrever a crônica “É cor de rosa, choque”. Essa experiência foi uma oportunidade única de compartilhar histórias de mulheres que atuam nesse universo, mostrando força, coragem e determinação.

Sinto que, ao compartilhar experiências, reflexões e conhecimentos, posso ajudar a consolidar uma narrativa mais justa, humana e eficiente para a Secretaria de Administração Penitenciária da Paraíba (Seap-PB). É uma oportunidade de deixar um legado, de participar da transformação do sistema e de contribuir para que essa história seja marcada por avanços reais e duradouros. Para mim, fazer parte desse processo literário é uma forma de fortalecer a nossa identidade e de inspirar futuras gerações a continuarem lutando por um sistema prisional mais digno e humano.

Josélio Carneiro — Pretende escrever livro autoral ou com colegas parceiros sobre temáticas relacionadas ao sistema prisional?

Anna Amélia — Na verdade, nunca escrevi um livro inteiro. Tenho um grande interesse em continuar

produzindo literatura, sobre especialmente a história da Secretaria de Administração Penitenciária da Paraíba (Seap-PB) e a profissão de Policial Penal. Acho que essas histórias merecem ser contadas e compartilhadas, e estou animada para contribuir com mais textos e relatos que possam inspirar e informar as pessoas sobre esse universo tão relevante.

PERFIL

Anna Amélia Dantas de Almeida Feitosa Lopes

Naturalidade: Caicó-RN, em 26/04/1985.

Filiação: Isabel Rosinete Dantas Feitosa e José Artur de Almeida Feitosa.

Formação:

Direito (UFCG).

Pós-graduada em Direito Penal e Processual Penal (UEPB).

Ingresso no Sistema Penitenciário da Paraíba: Janeiro de 2009.



Auristela Camelo



Sinto muito orgulho em integrar o quadro da Polícia Penal da Paraíba e em contribuir com dedicação para o fortalecimento do sistema penitenciário do nosso estado.

Primeiro trabalho: muito além de abrir e fechar cadeados

Minha trajetória no Sistema Penitenciário da Paraíba iniciou na Penitenciária Feminina de Campina Grande. Havia concluído a faculdade recentemente e este seria meu primeiro trabalho. Estava apreensiva, tanto pelo fato de ser um ambiente desconhecido, como pela discriminação que ainda havia com a nossa profissão.

Adentrei receosa àquele grande portão de ferro para me apresentar à direção e conhecer meu local de trabalho. Fui bem recebida pela diretora, que explicou

as regras da Unidade e me levou para conhecer as dependências.

Na entrada do pavilhão, o ambiente parecia sombrio, era um longo corredor com muitas grades, de onde ecoava muito barulho. As presas conversavam muito entre si. Ao notarem nossa presença, reduziram o tom da voz e procuravam nos visualizar com a ajuda de pequenos espelhos. Entrei, meio que desconfiada, e logo fui indagada se era “agente” novata e até recebi as boas-vindas de algumas. Lentamente, aquele ambiente tão hostil foi se tornando familiar.

Foi naquela penitenciária que aprendi a exercer a profissão e pude descobrir que nosso trabalho vai muito além de abrir e fechar cadeados. Na realidade, somos responsáveis pela guarda, vigilância, mas também garantidores de direitos e grandes auxiliares na possível ressocialização dos presos. Todos exercemos um pouco as funções de enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais.

Minha jornada: transformando barreiras em degraus

Ao longo dos anos, tive a oportunidade de trabalhar em diferentes unidades prisionais, e enfrentei desafios que contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional.

Penitenciária Feminina de Campina Grande: local onde iniciei minha trajetória profissional e adquiri conhecimentos acerca da rotina e dos procedimentos prisionais.



Penitenciária Feminina de Patos: Após seis meses de trabalho, assumi como diretora adjunta, ficando responsável pela administração da Penitenciária Feminina. Foi um grande desafio em virtude de minha inexperiência, da precariedade da estrutura, da superlotação e da localização do prédio que ficava no centro da cidade.

GPOE: participei da segunda turma do Curso de Escoltas e Intervenção Tática em Estabelecimentos Prisionais (CEITEP), o qual me capacitou para integrar o respeitoso Grupo Penitenciário de Operações Especiais (GPOE). Foi uma grande experiência que agregou conhecimentos técnicos mais aprofundados à minha vida profissional. Permaneci por alguns anos acumulando as funções de direção e as missões do Grupo.

Direção da Penitenciária Feminina de Campina Grande: inicialmente fui diretora adjunta e, posteriormente, titular da Penitenciária, que marcou o início da minha trajetória na gestão prisional. Nesse período, pude contribuir com melhorias significativas na unidade, além de participar ativamente de excelentes projetos de ressocialização.

Cadeia Pública de Juazeirinho: algum tempo após o retorno da minha licença maternidade, fui lotada na Cadeia Pública de Juazeirinho e tive a oportunidade de vivenciar a rotina de uma unidade prisional masculina, atuando no setor administrativo, realizando revistas e escoltas. Seguidamente, fui nomeada diretora e permaneço até os dias atuais. Foi mais um desafio. Inicialmente, pelo fato de ser uma mulher na gestão de um estabelecimento destinado a presos masculinos, por possuir uma estrutura antiga e precária, baixo efetivo e inexistência de qualquer projeto de ressocialização. Entretanto, com o auxílio

de colegas gestores de outras unidades, foi possível a implementação do Projeto de Confecção de Renda Tenerife e, em seguida, conseguimos instalar uma sala de aula do EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Sistema prisional paraibano

Os policiais penais atualmente em exercício na Paraíba são oriundos do único concurso realizado em 2008. Desde então, importantes conquistas foram alcançadas, refletindo a evolução da carreira e o fortalecimento do sistema penitenciário no estado.

Hoje temos uma Polícia profissionalizada, equipada, em constante aperfeiçoamento, respeitada e reconhecida pela sociedade.

Ainda existem desafios, pela natureza e complexidade do Sistema Penitenciário, mas temos avançado muito.

Policial penal

Quando fiz o concurso para o Sistema Penitenciário, minha intenção era buscar estabilidade para permanecer estudando e fazer outros concursos. Entretanto, com o passar do tempo e com as incumbências que fui assumindo, me envolvi cada dia mais com o trabalho e hoje, tento contribuir para tornar a nossa polícia cada dia melhor.

Posso afirmar que me identifico profundamente com o trabalho que realizo, o qual me proporciona crescimento constante, tanto pessoal quanto profissional. Sinto muito orgulho em integrar o quadro da Polícia



Penal da Paraíba e em contribuir com dedicação para o fortalecimento do sistema penitenciário do nosso estado.

Desafios

Os desafios são muitos. Lidamos com uma parcela segregada da sociedade, que muitas vezes se recusa a entender que aquelas pessoas privadas de liberdade, um dia, retornarão ao convívio social e, nós, policiais penais, precisamos fazer com que saiam melhores do que entraram.

Existe também a questão de gênero, pois exercemos nossas funções em um ambiente predominantemente masculino. Somado a isto, acumulamos as funções de mães e chefes, também na organização, das nossas casas.

Na função de gestão, necessitamos diuturnamente tomar decisões, impor disciplina e procedimentos, exercendo liderança sem perder a humanidade e a essência. Além disso, nos deparamos diariamente com situações que testam nosso controle emocional e precisamos ter o equilíbrio e a sabedoria de não absorver os problemas.

Produção literária

É de suma importância a produção de obras que retratem a realidade do Sistema Penitenciário, tanto pela escassez de literatura existente, como pela necessidade de registrar os avanços ocorridos nos últimos anos.

Recordo que, durante a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Direito, optei por pesquisar sobre o Sistema Penitenciário Brasileiro. Na ocasião, encontrei poucas referências disponíveis que pudessem contribuir de forma significativa com a minha pesquisa.

Nos últimos anos, o aumento na produção de artigos e nas pesquisas realizadas por policiais penais tem contribuído significativamente para o registro da nossa história e demonstra, claramente, o comprometimento da categoria com o fortalecimento e o desenvolvimento da Polícia Penal.

Contribuições na literatura

Tive a satisfação de escrever o artigo intitulado *“O Outro Lado do Espelho: Desconstituindo a Ideia do Caos Prisional em Campina Grande”*, no qual relato experiências vivenciadas naquela penitenciária, com uma abordagem crítica e reflexiva sobre a realidade do sistema prisional. Publicado no ano de 2023, na obra *“Tramas e Resistências Prisionais”*, Organização dos amigos e Professores Vanderlan Silva e Valdeci Feliciano.

Também tive a honra de contribuir com a obra *“95 Anos (1928–2023) SEAP”*, publicada em 2023 e organizada pelo amigo e também Policial Penal Josélio Carneiro, reforçando meu compromisso com a valorização da história da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária da Paraíba.

Particpei do livro *“Mulheres que Fazem Acontecer no Sistema Penitenciário da Paraíba”* publicado em 2024, uma



coletânea escrita por 36 mulheres com experiências diversas no Sistema Penitenciário da Paraíba. Uma obra pioneira.

PERFIL

Auristela Cristina de Moura Camelo Costa

Nascimento: Pedra/PE, em 25 de junho de 1986.

Filiação: José Jonas Camelo e Djaci Ribeiro de Moura Camelo

Formação/Cursos/Especializações:

Bacharel em Direito.

Especialista em Direito Penal.

Curso de Escoltas e Intervenção Tática em Estabelecimentos Prisionais (CEITEP/GPOE).

Ingresso no Sistema Penitenciário da Paraíba: 17 de setembro de 2011.



Breno Cavalcanti Cunha



Ser policial penal e integrar a mais jovem “Força de Segurança Pública da Paraíba”. Sinto-me bem representado quando, atualmente, observo as realizações de muitos policiais, como a criação de forças-tarefa que estão moldando o perfil do sistema.

Apresentação – Início da jornada

Quando fui convidado para participar do projeto literário “Policiais Penais da Paraíba”, fiquei imaginando como fazer minha apresentação. Na abertura do romance “Moby Dick” de Herman Melville, é dita a famosa frase: “Chamem-me Ismael”, marcando o início da jornada narrada pelo personagem Ismael. No meu caso, será pretencioso falar “Chamem-me Breno Cunha”. Brincadeiras à parte, meu nome é Breno Cavalcanti Cunha, nasci em 17 de julho de 1966 em Recife/PE. Fui acolhido pela querida João Pessoa há 13 anos, em



minha segunda vinda para o Estado da Paraíba. Casei duas vezes. Sou pai de três filhos.

Ao ingressar no Sistema Penitenciário da Paraíba, meus primeiros passos e impressões, nos primeiros dias ou meses, foram bastante desafiadores, visto a avalanche de estigmas e paradigmas apresentados. A quebra de crenças e preconceitos nunca é fácil, mas o tempo, como o senhor de todas as coisas, nos ajuda a compreender, adaptar e superar.

Recordo-me muito bem de minha chegada e entrada no sistema, na Penitenciária Desembargador Silvio Porto, da qual trago muitas lembranças. Muito a agradecer aos que me receberam naquela unidade prisional: diretores, agentes, prestadores de serviço e inclusive os reeducandos. Todos têm algo para nos oferecer, todos possuem uma importância singular. Tenho um carinho especial pela equipe de direção que sempre esteve presente. Foram momentos de compartilhamentos de instantes complicados – como também alguns – um tanto divertidos. Fui designado para o plantão “C”. Relembro-me do nervosismo ao adentrar em um ambiente que me era completamente estranho. Não largava um terço que trazia no bolso (um escudo) contra minhas inseguranças.

Uma curiosidade é que fiz minha estreia na visita de domingo. Após a entrada dos visitantes, notei uma fumaça com cheiro diferente, que persistiu até bem depois do final das visitas. No dia seguinte, quando cheguei em casa após o plantão, tinha tanto sono que adormeci por quase 24 horas. Até hoje fico imaginado do que se tratava.

Trajetória profissional – Múltiplas funções

Entrei para a Secretaria de Administração Penitenciária via concurso público, em 2008, nomeado em 27 de setembro de 2012.

No Presídio Sílvio Porto, exerci diversas funções: agente de pátio (nos plantões e extras), armeiro, chefe de manutenção e coordenador de plantão. Estas experiências abriram caminho para exercer as funções de Diretor do Complexo Agroindustrial de Mangabeira, gestor do Almojarifado Central do Sistema Prisional da Paraíba e, posteriormente, Diretor do Centro Socioeducativo Edson Mota da FUNDAC. Foram muitas as atribuições e desafios.

A minha afinidade e aproximação com a educação em prisões me levou a participação no curso de formação de Educador no contexto prisional para Educação de Jovens e Adultos e o curso de Produção de Material Didático e Formação de Mediadores de Leitura para a Educação de Jovens e Adultos, ambos pela UFPB.

Como trabalho de conclusão do primeiro curso, nossa equipe – formada pelos professores Eliane Aquino, Breno Cunha, Max Silva, Josefa Rosélia, Sérvio Túlio, Cira Maia, João Batista e Leandro Santos. Apresentamos a ideia de criação de escolas prisionais que não fossem simplesmente adoções de escolas extramuros, mas unidades próprias, destinadas à função de garantir a educação para os apenados.

A ideia foi o ponto de partida para o desenvolvimento e execução de um plano mais estruturado, o



projeto para implantação da Escola Técnica Estadual de Educação de Jovens e Adultos Prisional, na Penitenciária Desembargador Silvio Porto.

Assim, pelo Decreto n.º 36.907, de 15 de setembro de 2016, foi criada a EEEFM Graciliano Ramos, em João Pessoa, seguida pela EEEFM Paulo Freire, em Campina Grande, também instituída pelo mesmo decreto, e pela EEEFM Ariano Villar Suassuna, em Cajazeiras, criada pelo Decreto n.º 36.909.

Na criação da primeira Escola Prisional, participei de intenso processo seletivo e tive a honra de ser o primeiro gestor, exercendo por quatro anos consecutivos este honroso cargo, pois fui o primeiro diretor da EEEFM Graciliano Ramos e primeiro policial penal a exercer a função de direção de uma Unidade Escolar, no Estado da Paraíba. Minha nomeação veio no ato governamental n.º 1.278 de 12 de abril de 2019.

Um sonho realizado, ocupar o cargo de primeiro gestor da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Graciliano Ramos. Sonho este que começou quando fui estimulado pela educação em prisões na SEECT, em especial pela Coordenação de Educação em Prisões, e com o aval da Vara de Execuções Penais. Uma realização graças a pessoas ilustres – como o Dr. Carlos Neves e a Dra. Andrea Arcoverde, da Vara de Execuções Penais, da Capital – como também a professora Eliane Aquino e a Professora Mara da SEECT.

Uma conquista fruto de muito esforço e superação. Foram muitas entrevistas que finalmente culminaram na Gestão da Primeira Escola no contexto prisional do Estado da Paraíba. Nesta função permaneci por quatro

anos muito felizes e de muito êxito. Aprendi muito com os professores, agentes e alunos. Imensa gratidão!

Nesta caminhada, ladeado pela educação em prisões, tivemos alguns trabalhos compartilhados com a então Coordenadora de Educação em Prisões, Professora Eliane Maria de Aquino e equipe. Realizamos alguns feitos de bastante relevância: por dois anos consecutivos, apresentamos o evento de “Arte e Educação na Prisão”, que revelou muitos talentos. Mostramos também o anuário “Maritaca”, nos anos de 2015 e 2016, que, por desejo do Major Josinaldo da Cunha Lima, apresentou as realizações da unidade durante dois anos.

A parceria com A SEECT foi fundamental. Realizamos a abertura de salas de aula na Unidade Sílvio Porto, uma parceria SEAP, SEECT e Vara de execuções Penais, da Capital. A justiça conseguiu uma parte do numerário, a educação forneceu material de construção e a equipe de manutenção do Sílvio Porto, auxiliado pelo Curso de Pedreiro e Mestre de Obras, realizou a construção. A nossa mão de obra foi fundamental.

Fechamos nossa passagem com a escola melhor estruturada da capital dentro de uma Unidade Prisional. Tiro o chapéu para cada um destes parceiros que nos auxiliaram na caminhada por uma educação mais humanizada e abrangente.

Tivemos, por fim, a “Banda de reeducandos” e o “Coral”, que foram abraçados pelos professores, reeducandos e pela Vara de Execuções Penais (VEP). Estes últimos sempre abrilhantaram os eventos da unidade. O Coral, em especial, foi aplaudido de pé no encontro de corais na UFPB. O maestro Daniel Berg e

Sergio Gerard foram parceiros insubstituíveis nesta caminhada. São ações como estas que reforçam a máxima: ninguém faz nada sozinho! Meu respeito e carinho por todos que participam da minha caminhada no Sistema Prisional da Paraíba.

Trabalhar em prol da Educação em Prisões para mim foi muito importante, me senti realizado. Tive a convicção de um senso de propósito ao ver o impacto positivo da educação na vida dos alunos. Contribuir com novas perspectivas e habilidades para a reintegração de pessoas privadas de liberdade na sociedade é extremamente gratificante.

Na medida que os anos passaram, a caminhada por várias unidades foi natural, assim como os diversos cargos e funções.

Fui transferido para a direção da Penitenciária Agrícola da Mangabeira e, por conseguinte, chefia do Almoxarifado Central do Sistema Penitenciário da Paraíba. Logo após, assumi a direção adjunta da Penitenciária Feminina Maria Julia Maranhão. Nesta passagem, tive o privilégio de trabalhar em um ambiente orquestrado por mulheres, que me ensinaram muito e me fizeram crescer ainda mais como homem. Tenho carinho e respeito por todas as queridas que ali me acompanharam.

Remição pela leitura

Estimulante, desafiador. Trabalhar nos projetos, **“Remição pela leitura”**, auxiliados por nomes como os professores Reginilda da Silva Vaz, Jerlyane Dayse

Santos, Osman Matos, Rosana Luna, Audrey Araripe, entre outros, igualmente importantes. Educadores que transformaram a vida de muitos alunos reclusos. Meio que parafraseando Paulo Freire, quando afirma que “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Digo com ousadia que a leitura transforma e inspira mudanças positivas na vida das pessoas, levando-as a refletir sobre suas próprias vidas e valores.

Desafio

Passada a terrível pandemia, em novembro de 2022, fui convidado para prestar serviço junto à Fundação de Desenvolvimento da Criança e do Adolescente Alice de Almeida – FUNDAC, onde exerço atualmente a Direção do Centro Socioeducativo Edson Mota. Este novo desafio tem posto à prova todo o conhecimento acumulado, onde também me vi necessitado de quebrar muitos paradigmas.

Meu crescimento como ser humano tem sido constante e o aprendizado é diário. O contato com os agentes socioeducativos e com os profissionais multisetoriais só fortalecem o meu conhecimento e ampliam minha visão de educador, gestor, policial e pai.

Atualmente, desempenho as seguintes funções: Diretor do Centro Socioeducativo Edson Mota-CSE, que pertence à Fundação Desenvolvimento da Criança e do adolescente “Alice de Almeida” – FUNDAC-PB; Diretor Presidente da Associação de Apoio e Assistência às



Pessoas em Estado de Vulnerabilidade (João Pessoa-PB); Presidente do Conselho da Comunidade do Município de Santa Rita-PB; Instrutor de Direitos Humanos da Escola de Gestão Penitenciária (EGEPEN-PB) e Instrutor de Direitos Humanos nos cursos de formação continuada para Socioeducação, Diretoria técnica da FUNDAC.

Sistema Prisional da Paraíba

Nas minhas indagações sobre o “Sistema Prisional da Paraíba” em comparação à minha entrada no primeiro ano, quando paro para refletir sobre quais lições e aprendizados obtive na minha trajetória profissional, me vem rapidamente à memória, quando cheguei no Sistema, em 2012. A minha visão inicial era de que havia retornado para o serviço militar.

Rapidamente, o contraste de minhas experiências na caserna conflitava com a nova realidade. A forma de tratamento com os colegas, a hierarquia dentro do Sistema Prisional, a forma de tratamento com os apenados, enfim, tudo conflitou com as minhas vivências anteriores.

Sempre soube que aqueles indivíduos – ali reclusos – eram pessoas, e não feras, e sempre os tratei com respeito e dignidade. Muito embora houvesse um certo (romantismo), sempre soube que eram sentenciados. Porém, para mim, pouco significava o passado deles, pois sempre enxerguei a pessoa, e assim fica mais fácil de conviver e esperar.

Esperançar por mudanças no homem. Todos possuem diversas facetas, e sei que algumas não são

tão bonitas. No geral, trata-se de pessoas com história, família, acertos e tropeços. Ainda acredito em mudança, mesmo após tanto tempo.

Aprendi que, por muitas vezes (por mais que queiramos), as circunstâncias não ajudam na transformação. Eles terão que retornar para as mesmas comunidades, as mesmas amizades, vão ter fome, sede, como qualquer outra pessoa, e muitas das vezes retornarão para as mesmas práticas.

Há um certo determinismo cruel, mas quando se cria um objetivo, onde se espera e se trabalha com a resiliência necessária e suficiente, milagres acontecem. Mudanças podem ocorrer. Tenho exemplos de reeducandos que saíram da penitenciária e hoje concluíram cursos superiores, e se realizam com suas profissões: dentista, enfermeira, radiologista, chefe de cozinha, magarefe, e muitos outros. Traficar e roubar não são mais opções na vida de muitos. Mas não podemos, nos casos adversos, apenas ensinar a pescar. Devemos fornecer os meios necessários para que estes outros possam ter acesso aos meios de produção e superação. Eu ainda acredito que vidas podem ser transformadas.

Gestor: trabalho e missão

Retomando sobre minhas passagens nas unidades prisionais, gostaria de ressaltar que em todas as unidades que dirigi e dirijo, no âmbito de Unidade de Reclusão, eu observo que esse trajeto me permite falar um pouco da **missão do gestor**, que depende muito de uma equipe articula-



da, qualificada e compromissada. Na gestão de Unidades, aprendi que ninguém faz nada sozinho. Se há sucesso, é de responsabilidade de todos. Assim como o contrário. Não é possível ser onipresente e onipotente, sempre dependermos de apoio dos membros de nossa equipe.

O grande divisor de águas é quando conseguimos trabalhar as pessoas – para que se complementem – e respeitem as limitações de cada membro do grupo, e possamos não competir, mas auxiliar e enxergar que, antes de pensar em um culpado, a solução é sempre mais importante.

A chefia só será imposta se não houver liderança que estimule, oriente, apoie, direcione o grupo, a equipe. O ambiente de trabalho leve e humanizado é fundamental para a eficiência e eficácia, já que uma equipe madura e bem treinada é o sonho de qualquer gestor. Com o passar dos anos dentro do sistema, aprendemos que o correto gerenciamento de pessoas traz produtividade. Temos muitos bons profissionais que, diversas vezes, só precisam do reconhecimento e incentivo para brilharem.

Policial penal

Ser policial penal e integrar a mais jovem “Força de Segurança Pública da Paraíba”. Sinto-me bem representado quando, atualmente, observo as realizações de muitos policiais, como a criação de forças-tarefa que estão moldando o perfil do sistema.

Temos desafios hercúleos, que com muita competência estão sendo superados. A principal caracte-



rística é que, com formação continuada, estamos ocupando novos espaços e, mesmo com entraves políticos, o profissionalismo vem prevalecendo e o nível dos nossos policiais está sendo reconhecido nacional e internacionalmente.

Lembro-me da “missão dos policiais para o Peru”, em 2023. Um fato que recebeu moção de aplauso da Câmara de Vereadores de João Pessoa, no mesmo ano. O intercâmbio de conhecimentos e apoio direto na formação de 120 policiais naquele país – foi um fato meritoso – para nosso sistema e estado.

Aproveito para citar minha participação, em 2021, como palestrante, na etapa da América do Sul e Caribe da International Conference on Adult Education - CONFINTEA VII, a convite da “UNESCO” para falar das experiências da Educação em Prisões na Paraíba. Este evento trata da educação de adultos e é realizado a cada 12 ou 13 anos. Estivemos presentes, também, convidados pela Cátedra da UNESCO da Universidade Federal da Paraíba, por indicação do Prof. Dr. Timothy Ireland, pelo qual tenho muito respeito e admiração.

Ainda no campo literário, pude representar o Estado da Paraíba enquanto policial do Sistema Penitenciário da Paraíba, bem como professor, gestor e escritor, com a premiação da obra literária “Banho de Sol: Pessoas Privadas de Liberdade, Relatos de Vida”, onde atuei como coautor, juntamente com a professora Rosana Freire e o professor Osman Matos. Fomos escolhidos entre mais de 250 obras naquele festival de 2022.

Os fatos acima citados demonstram nossa participação no engrandecimento e visibilidade do sistema,



da educação e do Estado da Paraíba, que passam muitas vezes despercebidos.

Não há novidades quanto aos desafios que, enquanto agente, nesse processo de formação da polícia penal e por consequência na evolução do sistema prisional do estado, temos que enfrentar. Acredito que a grande provocação enfrentada pelo sistema é de continuar se [re-troalimentando] com as ações afirmativas e positivas, aprender com as que não obtiveram sucesso e superar. O constante aprendizado, a constante resiliência para não parar, desistir ou se deixar influenciar por negativismo. Se reinventar, aproveitar nossos quadros: o maior patrimônio desta Secretaria. Eu colocaria que o esperar, o sonhar, planejar e executar com sabedoria – trará um Sistema menos inchado – mais justo e humanizado.

Produções literárias

Com relação às produções literárias dos últimos anos, em especial do grupo de servidores escritores, considero relevantes as contribuições. Personagem, autor de artigos ou de livros neste campo – escrevendo as primeiras páginas – da história quase centenária da Seap-PB. É fundamental que escritores, sejam eles iniciantes ou experientes, sejam estimulados a produzirem suas obras.

Em toda minha caminhada pela educação, em especial “Educação em Prisões”, com os relatos anteriormente apresentados, não poderia deixar de me colocar completamente favorável às produções. Me estimulam

nomes como de apaixonados pela literatura, como o Policial Penal Josélio Carneiro, Professor Osman Matos, Policial Penal Stanley G. de Paiva, Coronel Onivan Elias e o Coronel Walber Rufino, entre outros, que só reforçam que não estamos em uma “sociedade de poetas mortos”, mas viva e pulsante. Meu carinho e respeito a todos que ousam pegar a caneta: escritores visíveis e invisíveis.

Livro autoral

Quando provocado se já havia escrito ou pretendia escrever livro autoral, ou com colegas parceiros, sobre temáticas relacionadas ao Sistema Prisional, não poderia deixar de lembrar da “Bienal do Livro” em São Paulo. Boas lembranças de uma aventura memorável com os professores Osman Matos e Rosana L. Freire. Como já falado, participamos da construção do livro “Banho de Sol: Pessoas privadas de Liberdade, relatos de vida”, uma experiência sem paralelos proporcionada pelos professores Osman e Rosana. Certamente um presente de generosidade dos professores e dos internos que abriram suas vidas para a publicação.

Mas existem alguns temas recorrentes, que me desafiam, como uma reflexão na posição da educação como “privilégio ao invés de um direito”, que me inquieta. Outro tema que me atrai é sobre a história da Socioeducação na Paraíba.

O projeto do Professor Timothy, na Penitenciária de Segurança Máxima Doutor Romeu Gonçalves de Abrantes, inclusive com um projeto premiado pela UFPB em 2022, é uma história que gostaria de contar juntamen-



te com o professor. No PB-01 foi desenvolvido o projeto “Cartas, palavras e conversas Entre Nós”, uma caminhada literária auxiliada pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal do Tocantins (UFT). Foram muitos encontros memoráveis com desafios e revelações também memoráveis, sempre com novas descobertas e grandes desafios, quando adentramos em uma população carcerária em regime diferenciado. Este universo ajuda a “esperançar” possíveis projetos literários que espero, vencendo a procrastinação, colocar no papel.

Me despeço com um quê de que faltaram alguns relatos e impressões, mas quem sabe, será tema para um novo projeto de livro.

PERFIL

Breno Cavalcanti Cunha

Nascimento: Recife-PE, em 17 de julho de 1966.

Minha formação é bastante eclética, sendo fundamentalmente com base em humanas, como segue abaixo:

- Graduação em Marketing pela Faculdade de Tecnologia Gestão e Marketing (2010).
- Especialização em Logística e Comercio Exterior pelo Instituto Brasileiro de Gestão e Marketing (IBGM/2013).
- Especialização em Inteligência Prisional de Segurança Pública e de Estado pela Faculdade de Comunicação e Turismo de Olinda (FACOTTUR/2015).
- Aperfeiçoamento para Educador no Contexto Prisional (UFPB/2016).
- Aperfeiçoamento Formador de Material Didático e Mediador de Leitura para EJA (UFPB/2018).
- Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Tecnologia de Capacitação (FTEC/2023).
- Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Aberta do Tocantins (FAT/2024).

Ingresso no Sistema Penitenciário da Paraíba: 27/09/2012.



Carlos Coelho



Ser policial penal na Paraíba, atualmente, significa assumir um papel de protagonismo na custódia, controle e ressocialização de pessoas privadas de liberdade.

Primeiros dias

Ingressei no sistema prisional da Paraíba em 2014. Naquela época, fui designado para iniciar meus trabalhos como Agente de Segurança Penitenciária no Presídio Silvío Porto, onde começou minha trajetória profissional.

Os primeiros dias sempre foram desafiadores com moldagem na nova profissão, que exigia um preparo mental, físico e emocional para lidar com as diversidades do dia a dia do ambiente prisional.

Trajetória profissional

Iniciei minha trajetória profissional na Penitenciária Desembargador Silvio Porto, onde comecei a me familiarizar com a rotina do sistema prisional. Passados seis meses, fui escolhido pelo então diretor Capitão Lima (hoje Coronel Lima) para exercer a função de coordenador de plantão.

No ano de 2016, realizei o curso CESAR (FTPEN). No mesmo ano, realizei o curso CEITEP (GPOE). Já em 2017, realizei o curso de Conductor de Cães Penitenciário.

Em 2017, fui nomeado diretor da cadeia pública de Alagoinha. E em 2018 fui nomeado diretor da Cadeia Pública de Itabaiana (cumulativamente).

Posteriormente, em 29/01/2019, fui nomeado diretor adjunto do presídio do Roger.

Já em 21/12/2020, fui nomeado diretor titular da Penitenciária de Regime Especial Desembargador Francisco Espínola.

Em junho de 2022, fui nomeado mediante portaria para ocupar a função de Diretor Administrativo do Grupo Penitenciário de Operações Especiais (GPOE).

Em maio de 2024, assumi a função de coordenador geral do Grupo Penitenciário de Operações com Cães (GPOC).

Gostaria de destacar que, em 2023, realizei o 1º CNP (Curso de Negociação Policial) através da Secretaria de Administração Penitenciária, com a autorização do atual secretário da pasta, o Dr. João Alves.

No ano de 2024, fui credenciado como instrutor da Academia da Polícia Penal nas disciplinas de armamento e tiro e gerenciamento de crises.

Sistema prisional paraibano

Atualmente, são incontestáveis os avanços alcançados no sistema prisional em comparação à precariedade do início no sistema. É possível perceber o desenvolvimento significativo no âmbito institucional e a evolução contínua, as mudanças e as modernizações com o passar de todos esses anos. E todas essas conquistas refletem no esforço de todos em prol de uma identidade profissional cada vez mais forte e respeitada.

Reflexão

Ao refletir sobre os anos que se passaram, percebo o quanto progredi na minha carreira profissional junto ao Sistema Penitenciário da Paraíba, especialmente considerando as inúmeras dificuldades enfrentadas no começo da minha trajetória.

Hoje, vejo que todas as perdas, quedas e ganhos serviram como aprendizado e amadurecimento para a construção de um servidor cada dia mais atuante e um sistema cada vez melhor. Que se preocupa em buscar soluções para o crescimento e desenvolvimento institucional.



Em suma, destacaria como aprendizado na minha trajetória profissional, o meu esforço e a minha dedicação para contribuir com esse crescimento.

Gestor

Durante o período em que estive à frente da direção de uma unidade prisional, compreendi profundamente que essa missão só é possível, com uma equipe verdadeiramente articulada, qualificada e comprometida.

Gerir uma penitenciária vai muito além da Administração de pessoas privadas de liberdade. É garantir segurança, ordem e, sobretudo, dignidade, mesmo em um ambiente adverso.

A rotina exige decisões rápidas, firmes e muitas vezes difíceis, e por isso o trabalho em equipe é essencial. Um dos pilares mais importantes é a confiança mútua entre os setores: segurança, saúde, assistência social, psicologia, disciplina, entre outros.

O sucesso de qualquer ação, seja uma movimentação interna, uma revista geral ou até mesmo projetos de ressocialização, depende da sintonia entre essas frentes.

Investir na qualificação constante do efetivo também é algo que encarei como prioridade.

Uma equipe bem treinada reage melhor às crises, comunica-se de forma mais eficiente e lida com os internos com mais preparo técnico e operacional. Mas nada

disso funciona sem o comprometimento. É ele que faz com que, mesmo com recursos escassos e sob pressão, a equipe continue se dedicando, mantendo a disciplina e a ordem, cuidando para que o ambiente não descambe para o caos.

Dirigir uma cadeia é, antes de tudo, saber liderar pessoas e isso exige respeito, diálogo e presença constante. É uma missão desafiadora, mas extremamente necessária para a segurança pública e para a reintegração social, buscando sempre a dignidade da pessoa humana.

Policial penal

Ser policial penal da mais nova força policial da federação representa, antes de tudo, um marco de transformação e valorização do sistema penitenciário. Essa nova identidade, reconhecida oficialmente como força policial, carrega consigo uma série de significados importantes:

– Reconhecimento institucional: é o reconhecimento da polícia penal como uma força essencial para a segurança pública, lado a lado com as polícias: civil, militar e federal. Isso legitima o trabalho que anteriormente foi realizado, e amplia as possibilidades de atuação e valorização profissional.

– Responsabilidade e protagonismo: Ser policial penal na Paraíba, atualmente, significa assumir um papel de protagonismo na custódia, controle e ressocialização



de pessoas privadas de liberdade. Além disso, com a implementação da nova estrutura, esses profissionais podem ter a possibilidade de atuar em ações externas, escoltas, operações integradas, inteligência penitenciária e diversas outras funções mais complexas.

- **Orgulho e identidade:** A criação da polícia penal estadual traz também um sentimento de orgulho e identidade para a categoria. É deixar de ser visto apenas como “Agente Penitenciário” e passar a ser reconhecido como um profissional de segurança pública em sua plenitude.

- **Desafios e evolução:** Com o novo status, surgem também novos desafios: capacitação contínua, modernização das estruturas, combate à corrupção e enfrentamento do crime organizado dentro e fora dos presídios. Ser Policial Penal é estar na linha de frente dessa luta com coragem, técnica e ética.

- **Esperança de mudança:** Por fim, representa a esperança de um sistema prisional mais justo, mais seguro e mais eficiente. Onde a disciplina e a dignidade possam andar juntas, e onde a lei realmente se cumpra.

Desafios

Enquanto agente essencial na formação da Polícia Penal da Paraíba, meu maior desafio é contribuir ativamente para a construção de uma corporação sólida, ética e tecnicamente preparada. A transição do antigo sistema penitenciário para uma estrutura mais profissionalizada exige romper paradigmas, implementar

práticas modernas de segurança e reintegração social, além de promover uma cultura organizacional baseada em disciplina, valorização humana e respeito aos direitos fundamentais.

Nesse contexto, meu papel se torna ainda mais desafiador, pois exige não apenas conhecimento técnico e comprometimento institucional, mas também sensibilidade para lidar com as complexidades sociais que envolvem o sistema prisional. O objetivo maior é colaborar para que a polícia penal seja reconhecida como uma força essencial à justiça, à segurança pública e à ressocialização dos custodiados, contribuindo diretamente para a evolução e humanização do Sistema Prisional do Estado da Paraíba.

Produção literária

A produção literária recente sobre o sistema prisional da Paraíba, especialmente no contexto da Polícia Penal e da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (SEAP-PB), representa o marco significativo na construção da memória institucional e na valorização dos profissionais que atuam nesse setor.

Nos últimos anos, a Seap-PB vem investindo na publicação de obras que registram e analisam as transformações ocorridas no sistema prisional paraibano. Destacam-se três publicações:

- **Reinserção no Sistema Prisional Paraibano: Idealizado e editado pelo jornalista e Policial Penal Josélio Carneiro, este livro é uma coletânea de depoimentos de servidores da Seap-PB.**



- SEAP 95 anos - Secretaria de Estado da Administração Penitenciária: Publicada em 2023, esta obra traz registros históricos sobre as origens da secretaria, além de artigos de profissionais e dos secretários Dr. João Alves e João Paulo Ferreira Barros.

- Mulheres que fazem acontecer no Sistema Penitenciário da Paraíba: Lançado em 2024, este livro reúne artigos científicos e relatos de experiência de 35 mulheres, incluindo policiais penais, jornalistas, professoras, assistentes sociais, entre outras, destacando o papel feminino no Sistema Penitenciário da Paraíba.

Livro autoral

Sim, pretendo ainda escrever sobre este tema - com a minha experiência acumulada ao longo dos anos - no Sistema Prisional da Paraíba. Especialmente no campo administrativo operacional, onde atuei como gestor em diversas unidades, adquirindo assim, uma bagagem sólida.

PERFIL

Carlos Augusto Moura Coelho

Nascimento: 05/03/1975

Filiação: Haroldo dos Reis Coelho e Rosemary Carvalho de Moura Coelho.



Formação:

Graduado em Pedagogia.

Graduado em Direito.

Graduado em Medicina Veterinária.

Pós-Graduado em Gestão de Sistemas Prisionais.

Pós-Graduado em Cinotecnia Policial.

Ingresso no Sistema Penitenciário da Paraíba: 05/08/2014.



Edmilson Alves de Souza (Selva)



Sinto um enorme orgulho, desde minha atuação como agente penitenciário até a importante transição para policial penal.

Dos primeiros dias à trajetória profissional

Uma mistura de satisfação, felicidade, por conquistar o emprego público por meio de concurso e muito receio – medo do novo – do desconhecido).

Minha trajetória começou na Penitenciária de Regime Especial Desembargador Francisco Espínola (Alfa 10). Após três meses, essa unidade foi renomeada para Penitenciária Romeu Gonçalves de Abrantes (PB1), onde permaneci até 2013. Nesse ano, fui convidado pelo então secretário Walber Virgulino para assumir a direção da Penitenciária Padrão de Santa Rita, função que exerci até 2016. Em seguida, trabalhei na Penitenciária de Segurança Média Juiz Hitler Cantalice. Posteriormente, retornei ao

PB1 e, desde 2019, estou no Presídio Desembargador Flósculo da Nóbrega (Presídio do Roger).

Atuei como coordenador de plantão no PB1; exerci a função de diretor do Presídio Padrão de Santa Rita; desempenhei o cargo de coordenador de plantão na Penitenciária de Segurança Média Hitler Cantalice, e atualmente sou o diretor do Presídio do Roger.

Sistema Penitenciário

Desde 2009 (ano em que tomei posse), posso dizer que o concurso foi um divisor de águas para o Sistema Penitenciário, em todos os aspectos, desde a garantia dos direitos dos apenados até as condições de trabalho dos policiais penais (antes, agentes penitenciários). Tudo funcionava de forma quase artesanal, eu diria, que nem era institucional, do dia a dia operacional e administrativo.

A partir deste marco, o sistema começou a se consolidar institucionalmente, estabelecendo rotinas diárias, projetos de educação e ações de ressocialização, em geral. Foram adquiridos armamentos, veículos, equipamentos de proteção e outros recursos. Estamos em constante progresso.

Gestor

A direção tem que ter acima cuidado com a segurança e a disciplina. O mais importante é a relação humana com os detentos e principalmente com seus



familiares, que num momento tão difícil precisam ser atendidos e acolhidos dentro do possível.

Policia penal

Somos uma polícia que surge com um papel fundamental, de caráter diferente, que é manter seres humanos em estado de vigilância constante, mantendo a segurança, a disciplina, combatendo ilícitos, além de garantir os direitos básicos dos privados de liberdade. Temos muito ainda a crescer.

Sinto um enorme orgulho, desde minha atuação como agente penitenciário até a importante transição para policial penal.

Desafios

Posso assegurar que nenhum dia é igual ao outro. Cada dia traz um novo desafio. O que temos de mais valioso nas unidades prisionais é o nosso pessoal: policiais penais, equipes de saúde, de educação, membros da Defensoria Pública, além da Pastoral Carcerária, que desempenha um papel fundamental na assistência religiosa e no apoio material.

Os maiores desafios atuais incluem superar e desmistificar estigmas, nos qualificar cada vez mais e fazer a nossa parte no processo de ressocialização e, sobretudo, combater a reincidência criminal.



Produção literária

A produção literária que tomou fôlego – ultimamente – é de extrema importância, pelo tema e mais ainda porque um sistema secular precisa ter registrada sua importância e memória oral e escrita.

Ser um dos autores das primeiras páginas da história quase centenária da Seap-PB é motivo de muito orgulho.

Livro autoral

Ainda não escrevi um livro autoral, mas pretendo continuar dando minha contribuição, sempre que for chamado a fazê-lo.

PERFIL

Edmilson Alves de Souza (Selva)

Naturalidade: Gravata/PE, em 23/05/1972.

Filiação: Maria Antonieta de Souza e João Alves de Souza

Formação/Cursos/Especializações:

Pós-graduado em Fisioterapia – Traumatologia Ortopédica

Pós-graduado em Segurança Pública

Curso de formação de cabo (CFC)

Curso de formação de sargento (CFST)

Ex-sargento do Exército Brasileiro na área de Comunicações.



Fabiano Lucas



Ser policial penal para mim hoje é uma história de amor à profissão...

Início da jornada

Como tudo na vida e principalmente se tratando do sistema penitenciário de todo o Brasil, entrei um pouco apreensivo e cauteloso, sabia que não iria trabalhar com crianças e sim com pessoas que cometeram crimes de inúmeras e variáveis situações. Mas acredito que Deus me deu um presente - dentre vários que já ganhei na vida - e foi de começar a trabalhar como agente penitenciário na Penitenciária de Segurança Média Juiz Hitler Cantalice. Ali, recepcionado por policiais antigos de carreira, muitos já próximos de se aposentar, me passaram muito de sua experiência e conhecimento. Experiência vivida no cotidiano e não

adquirida em salas de aulas de academias de ensino. Alguns, que já até foram vítimas, mantidas como reféns em rebeliões no sistema paraibano. Ali tive aulas que jamais vou esquecer.

Evolução na carreira

Tempos depois, ingressei no Grupo Penitenciário de Operações Especiais da Paraíba na função de agente de operações especiais. Atuei como diretor-adjunto da Penitenciária de Regime Especial Desembargador Francisco Espínola. Na sequência, passei da função de agente de operações para líder de grupamento do Grupo Penitenciário de Operações Especiais da Paraíba (GPOE). Em seguida, coordenador adjunto do Grupo Penitenciário de Operações Especiais da Paraíba.

Atualmente, exerço a função de diretor-geral do Grupo Penitenciário de Operações Especiais da Paraíba, pioneiro, cargo este que ocupo desde 13-08-2012. Ou seja, mais de 12 anos à frente desta seleta equipe de profissionais, treinados e qualificados para situações adversas à normalidade do dia a dia da unidade.

Reestruturação da gestão penitenciária

O Sistema Penitenciário da Paraíba passou por uma grande transformação. Posso evidenciar que em todos os aspectos possíveis, seja ele com seus trajes e/ou fardamentos, seja com procedimentos, equipamentos e capacitações. Como diretor-geral do Grupo Penitenciário



de Operações Especiais e ferrenho apaixonado pelo meu trabalho, posso destacar várias situações e aprendizados, mas a maior transformação e aprendizado certamente vieram da reestruturação da gestão penitenciária - com a criação do Centro de Operações Penitenciária e Grupos Operacionais. A criação de tais setores possibilitou a reorganização de todo sistema penitenciário, seja ele do ponto de vista administrativo ou por sua nova identidade visual, com homens e mulheres bem equipados, bem treinados e bem fardados.

GPOE - Ponta da lança

Com o passar dos anos, rompemos as barreiras do profissionalismo e criamos um vínculo de amizade fraternal. Sou grato a todos e sempre agradeço por toda dedicação e profissionalismo a que se dedicam a seu trabalho. Não é fácil, todos os dias, se empenhar para criar atividades diferentes, para que não caiamos na rotina. É ser psicólogo, amigo e chefe... e saber diferenciar no momento certo. Certamente aprendo todos os dias com meus comandados. É uma troca de experiência diária. Em todas as reuniões que presido sempre enfatizo, sistematicamente, que a gestão está ali para direcionar, mas a principal ferramenta que eleva a grandiosidade a qual o GPOE se tornou ao nível não só de Estado, mas de Brasil, são eles, a chamada ponta da lança.

PoliciaL penal

Hoje, para mim, ser policial penal é uma história de amor à profissão, quando digo hoje, é porque entrei



em busca de uma estabilidade financeira, ou seja, em busca de ganhar dinheiro, um salário. Mas, ao adentrar as portas do sistema e trabalhar com esses grandes profissionais, vi que estava no lugar certo e que teria muito para contribuir em favor da Polícia Penal e consequentemente da sociedade paraibana.

Maior desafio

O maior desafio foi e será a modificação de concepção e tentar mostrar ao policial penal que ele é importante para todo sistema e para a sociedade, que deve tentar buscar sempre estar um passo à frente do seu tempo, se qualificando profissionalmente, buscando seu bem-estar físico e mental, afinal, o policial tem que estar bem em todos os sentidos para poder executar da melhor maneira suas atribuições dentro e fora dos muros.

Produção literária

A produção literária, com participação ativa dos servidores da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária, traz uma expressiva contribuição no sentido de abrir uma caixa de (certa forma fechada) aos olhos externos ou extra muros/Seap. Ou até mesmo aos colegas outrora distantes pela geografia estadual que nos encontramos, uma compreensão macro dos pensamentos, pontos de vista e atividades laborais coletivas ou individualmente, por diversos policiais em



suas respectivas áreas de atuação. Considero louvável - de maneira a se consolidar - na história, através das páginas dos livros, as atuações significativas, para construir uma Polícia Penal, mais atuante e profissional, trazendo aos olhos dos leitores todas as adversidades para essa nova etapa em que vivemos.

Primeiro livro

Por fim, deixo aqui registrado que no momento estou em processo de produção da obra intitulada: “A Criação do Grupo Penitenciário de Operações Especiais da Paraíba - GPOE/PB e a construção da ordem nos presídios da Paraíba”. O primeiro livro que planejo publicar, ainda sem previsão de lançamento.

PERFIL

Fabiano Lucas Lins da Silva

Nascimento: João Pessoa-PB, em 27 de abril de 1981.

Formação: Arquitetura e Urbanismo (UNIPÊ-JP).

Pós-Graduação em Gestão Pública (UNIPÊ-JP).

Pós-Graduação em Gestão de Sistemas Prisionais (IBRA-MG).

Pós-Graduação em Segurança Pública e Direito Penitenciário (FACEMINAS-MG).

Pós-Graduação em Gestão Pública e Gestão de Pessoas (FACEMINAS-MG).

Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior (FACEMINAS-MG).

Cursos de Aperfeiçoamento:

Curso de Escolta e Intervenções Táticas em Unidades Penais (DEPEN/MJ).

Curso de Tiro Tático - Nível I (Clube Pessoaense de Tiro/PB).



Isolamento e Prevenção de Local de Crime (Academia de Ensino da Polícia – AEP/ACADEPOL/PB).

Gerenciamento de Crises (SENASP/MJ).

Direção Defensiva (ESPEP/PB).

Curso de Sistemas e Gestão em Segurança Pública (SENASP/MJ).

Técnicas e Tecnologias Não Letais de Atuação Policial (SENASP/MJ).

Uso Diferenciado da Foça (SENASP/MJ).

Sistemas de Comando de Incidentes (SENASP/MJ).

Violência, Criminalidade e Prevenção – VN (SENASP/MJ).

Condutor de veículos de emergência (SENASP/MJ).

Sistema comando de incidentes I (SENASP/MJ).

Uso da informação em gestão da segurança pública (SENASP/MJ).

Mediação e conflitos (SENASP/MJ).

Atendimento pré-hospitalar APH Tático – Ministério do Trabalho.

Curso de Operador de Arma Elétrica (Taser) – SDS/PE 2014.

Informações adicionais:

Atualmente exerce a Função de Diretor-Geral do Grupo Penitenciário de Operações Especiais da Paraíba – GPOE/PB.

Coordenador-Geral do Grupo Penitenciário de Operações Especiais da Paraíba – GPOE/PB (13-08-12 até a presente data). Portaria 0656/GS/SEAP/12 – Diário Oficial da Paraíba.

Isaias de Figueirêdo Neto



Ser policial penal é uma missão honrada e diária, na qual temos vários papéis em nosso ofício, tais como: ressocializadores, educadores, disciplinadores, dentre tantos outros.

De prestador de serviço a policial penal (concurgado)

Antes do concurso para agente penitenciário, não havia policiais de carreira. Tive a oportunidade de atuar como prestador de serviço com o apoio do meu pai, que era delegado. Acompanhei-o em algumas cadeias e carceragens onde ele atuava. Durante esse período, surgiu o desejo de seguir uma carreira na segurança pública. Naquela época, em que tudo era precário e improvisado, já percebia a necessidade de um

concurso e de uma organização para essa instituição. Fiquei feliz ao ser aprovado no primeiro concurso para agente penitenciário do nosso estado.

Iniciei minha carreira como policial penal de carreira (concurgado) na Paraíba pela Penitenciária Padrão Regional de Campina Grande (PPRCG). Ao chegar em meu primeiro plantão, fui impactado por um universo novo, um ambiente cheio de descobertas e vivências, totalmente diferente de tudo que vi anteriormente. Como o ser humano é adaptável, fui me familiarizando e aprendendo com os novos colegas que ali também chegaram, ao ponto de considerarmos nossa segunda casa.

Trajatória profissional: experiências e oportunidades

Iniciei minha trajetória profissional no ano de 2012, na Penitenciária Padrão Regional de Campina Grande, no plantão ordinário e assumi no mesmo ano a coordenação de plantão, nesta mesma unidade, posteriormente a chefia de segurança e disciplina da mesma.

Passado algum tempo, assumi também a direção adjunta desta unidade. Foi um tempo de muito aprendizado e até hoje coleciono boas lembranças e ótimas amizades.

Outra experiência gratificante foi participar da Força Tarefa de Intervenção Prisional (FTIP) no estado de Roraima, onde pude aprender bastante ao interagir com colegas de todo o país.



Tive o privilégio de me familiarizar com as atividades da Força de Intervenção Penitenciária Integrada (FIPE), do Ceará. Na época, participei de um curso de operador de fuzil IA2 IMBEL e conheci o trabalho dessa força tão importante.

Outra experiência marcante foi a participação como instrutor, no meu estado, do Nivelamento Operacional Padrão (NOP). Tive a oportunidade de viajar por toda a Paraíba, interagindo com todos os colegas envolvidos.

Também participei na formação de algumas guardas civis municipais do Estado da Paraíba, conhecendo a realidade dos mesmos, repassando os conhecimentos adquiridos e contribuindo com a formação desses novos profissionais de segurança.

Diversas instituições penitenciárias nas quais atuei, na capital paraibana:

– Penitenciária Desembargador Flósculo da Nóbrega (Roger).

– Penitenciária Desembargador Silvio Porto.

– Penitenciária de Segurança Máxima Doutor Romeu Gonçalves de Abrantes (PB1).

No interior do estado:

– Cadeia Pública de São Bento.

– Cadeia Pública de Araruna.

– Penitenciária Regional Raimundo Asfora (Serrotão), em Campina Grande.

Atualmente, faço parte da Força Tática Penitenciária (FTPEN), grupo no qual ajudei a fundar e que tenho a maior estima, carinho, dedicação e desejo de permanecer enquanto policial penal em exercício.

É uma honra integrar a FTPEN. Uma equipe de operação dedicada, que exerce uma função fundamental na preservação da ordem e da segurança do Sistema Penitenciário da Paraíba, trabalhando em várias áreas para assegurar a proteção de todos os envolvidos e a tranquilidade da sociedade.

Sistema prisional paraibano

Contemplo o Sistema Prisional Paraibano como uma entidade policial em constante evolução e, ao comparar com os primeiros anos em que assumi, percebo um avanço significativo em todos os setores da nossa secretaria. Alguns pontos valem a pena destacar:

- Uma gerência executiva nossa.
- Uma secretaria executiva, também nossa.
- Todas as direções das unidades compostas por colegas policiais penais.
- Uma padronização que está em contínua progressão, entre outros.

Gestor

Assumi a direção adjunta do Presídio do Serrotão (PPRCG) onde tive a satisfação de gerir a unidade de for-



ma parceira – com todos os colegas plantonistas – percebendo a necessidade de uma equipe unida para o bom andamento da mesma.

Na oportunidade, participamos de várias capacitações, melhorando a qualidade do serviço prestado, experiência tal – que guardo até hoje – como uma das mais proveitosas para o amadurecimento profissional.

Policial penal

Para mim, ser policial penal é uma missão honrada e diária, na qual temos vários papéis em nosso ofício, tais como: ressocializadores, educadores, disciplinadores, dentre tantos outros.

Tenho orgulho da minha profissão, que procuro desempenhar com grande esforço e determinação, a cada plantão. A cada dia e a cada ano que se passa, me sinto mais orgulhoso da profissão que escolhi.

Estou ciente de que nós, policiais penais, temos muito a conquistar, ultrapassar barreiras, realizar sonhos e desejos, e a nossa esperança é de uma polícia penal cada vez mais reconhecida e preparada.

Desafios

A polícia penal é uma instituição desafiada constantemente, seja pela opinião pública, pela imprensa ou por outras instituições, que não conhecem a nossa realidade. Um dos obstáculos pessoais que encontrei foi a



necessidade de distinguir entre a vida pessoal e a carreira profissional. Ao entrar na profissão, precisei fazer alterações na minha rotina e aprimorar meu controle emocional. É importante diferenciar o privado de liberdade de seu crime.

Muitas conquistas tivemos ao longo desses anos. E ainda há muito por conquistar. Temos uma janela aberta de oportunidades onde podemos explorar, aproveitar e mostrar nosso valor, para que assim tenhamos uma polícia penal e um sistema prisional, que sejam mais valorizados e eficientes.

Produção literária

Confesso que primeiramente fiquei surpreso e honrado pelo convite, considero de suma importância a produção literária especificamente sobre o sistema prisional – a Polícia Penal. Nossa história é o que nos move, e fazer parte desse projeto autoral é, sem dúvida, uma experiência ímpar.

Livro autoral

Sim, planejo criar escritos sobre diversos temas ligados ao sistema prisional, tais como:

- Desafios da educação prisional (profissionais da educação vs. policiais penais).
- Manual prático para coordenadores de plantão.



- Causos e histórias no dia a dia de plantão.
- Conversas de alojamento.
- Manual prático do condutor de veículos de emergência voltado ao sistema prisional.
- Escolta segura.
- Variação Linguística no Sistema Prisional (material já feito).

PERFIL

Isaias Ramos de Figueirêdo Neto

Nascimento: Campina Grande/PB, em 02/03/1982.

Filiação: Luís Ramos de Figueirêdo e Rita da Silva Figueirêdo

Formação:

Graduação em Letras – Língua Portuguesa.

Graduação em Recursos Humanos.

Pós-graduação em Literatura Brasileira.

Pós-graduação em Gestão de Pessoas.

Cursos:

Instrutor de Escolta Prisional.

Instrutor de Direção Defensiva e Evasiva.

Instrutor de Relações Interpessoais.

CESAR (Curso de Escolta e Apoio à Recapturas).

Táticas em duplas (Realizado no Centro de Ensino da Polícia Militar da Paraíba).

TNL (Tecnologias Não Letais).

Gestão Prisional e Penitenciária (EGEPEN);

Ingresso no Sistema Penitenciário da Paraíba: 29/08/2012.

Ivana Leite Ribeiro



Integrar a polícia penal é estar na linha de frente de uma transformação, lidando com desafios complexos, muitas vezes invisíveis à sociedade, mas essenciais para o funcionamento da segurança pública como um todo.

Primeiros dias

Ingressei no sistema prisional em 2012. Naquela época, tive o privilégio de escolher onde gostaria de iniciar minha trajetória profissional. Optei pela Penitenciária de Recuperação Feminina Maria Júlia Maranhão, uma escolha que carrego com muito orgulho até hoje.

Os primeiros dias sempre são desafiadores, regados de incertezas e adaptações que exigiam muito além de um preparo físico e emocional. Enxergar os outros como seres humanos, mesmo diante de seus desvios de comportamento, é um exercício constante, especialmente em um ambiente onde se percebe que

a execução da lei penal é muito mais complexa do que parece à primeira vista.

Trajatória profissional

Iniciei minha trajetória profissional na Penitenciária de Recuperação Feminina Maria Júlia Maranhão, onde adquiri uma compreensão sólida da rotina e da dinâmica do sistema prisional.

Após alguns anos, em busca de novos desafios e crescimento na carreira, participei de uma seleção interna para o Curso de Escolta e Apoio a Recapturas, o que me habilitou a ingressar na Força Tática Penitenciária, integrando a turma pioneira.

Mesmo atuando na área de Escolta e Recapturas, continuei investindo na minha formação por meio de cursos internos e externos, que me credenciaram para atuar no Grupo Penitenciário de Operações com Cães.

Posteriormente, fui nomeada Chefe de Almoxarifado da Penitenciária Doutor Romeu Gonçalves de Abrantes – PB1, onde tive a oportunidade de vivenciar a rotina de uma unidade prisional masculina, ampliando ainda mais minha experiência no sistema penitenciário.

Com o passar dos anos, assumi o cargo de Diretora Adjunta do Complexo Agroindustrial de Mangabeira e, após mudanças administrativas, deixei a função e passei a atuar na Penitenciária Desembargador Flóscolo da Nóbrega, integrando a equipe de revistas da unidade. Nesta mesma unidade prisional, surgiu a oportunidade de

exercer a função de sindicante, para a qual fui convidada pela direção em razão da minha formação e experiência.

Anos depois, recebi o convite da gestão do Secretário Dr. João Alves para integrar a equipe de assessores da Chefia de Gabinete da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária, onde venho contribuindo com a gestão estratégica da pasta.

Gostaria de destacar, ainda, minha atuação como docente voluntária na futura Academia de Polícia Penal, atualmente denominada Escola de Gestão Penitenciária. Nessa escola de polícia, lecionei disciplinas como Execução Penal, Ética e Profissionalismo, entre outras, reafirmando meu compromisso com a formação e o desenvolvimento dos profissionais da área.

Sistema prisional paraibano

Atualmente, são notórios os avanços no sistema prisional paraibano em comparação ao cenário do meu primeiro ano de atuação (2012), é possível perceber avanços significativos que marcaram uma trajetória de evolução e amadurecimento institucional.

Um dos pontos mais notáveis, na minha opinião, diz respeito à qualificação dos servidores, pois, atualmente, é raro encontrar um policial penal que não possua formação superior, e muitos já contam com especializações nas mais diversas áreas ligadas à segurança pública, gestão prisional e direitos humanos.



Esse avanço reflete diretamente na qualidade do serviço prestado e na postura profissional da categoria.

Além da valorização do capital humano, também houve um importante investimento por parte do governo em equipamentos.

Essa modernização dos instrumentos de trabalho tem contribuído de forma direta para otimizar a atuação dos policiais penais, tornando o ambiente prisional mais seguro e eficiente.

Recursos como tecnologias de monitoramento, viaturas e criação de emblema representativo demonstram um comprometimento com a estruturação do sistema.

É verdade que ainda há desafios no sistema prisional, por sua natureza complexa, que exigem constante aprimoramento, mas é inegável o quanto já avançamos.

Essa trajetória me ensinou que mudanças estruturais e valorização dos profissionais caminham juntas para a construção de um sistema mais justo, seguro e eficiente.

O aprendizado mais valioso, sem dúvida, é perceber que o investimento em pessoas e em condições de trabalho é o caminho mais sólido para transformar realidades.

Polícia penal

Embora seja uma polícia oficialmente nova, com reconhecimento mais recente dentro do sistema de



segurança pública, suas atribuições são antigas e historicamente fundamentais para a manutenção da ordem e da justiça.

Integrar a polícia penal é estar na linha de frente de uma transformação, lidando com desafios complexos, muitas vezes invisíveis à sociedade, mas essenciais para o funcionamento da segurança pública como um todo.

Desafios

Atuar como docente na Escola de Gestão Penitenciária tem sido, para mim, uma das experiências mais significativas da minha trajetória profissional.

Contribuir diretamente com a formação dos policiais penais é uma responsabilidade que ultrapassa a transmissão de conhecimento técnico, afinal, a missão é inspirar, orientar e preparar policiais conscientes da importância do seu papel na sociedade.

Nesse sentido, o investimento na academia de polícia é essencial, sendo ela a porta de entrada da carreira, onde temos a oportunidade de moldar a cultura institucional, promover a valorização da profissão e despertar o sentimento de pertencimento. Quanto mais estruturada for essa etapa inicial, mais preparados e conscientes estarão os policiais penais para enfrentar os desafios diários e contribuir com a evolução do sistema como um todo.

Tenho plena convicção de que, ao formar com responsabilidade os policiais penais do presente,



estamos preparando os líderes, gestores e agentes transformadores do futuro.

Essa esperança que me move: cada aula, cada orientação e cada troca de experiência tem o potencial de impactar positivamente, não apenas a segurança pública atual, mas também as gerações que virão.

Produção literária

Considero toda produção literária de grande relevância, especialmente quando voltada à realidade institucional.

Essas obras contribuem significativamente para a construção de um acervo que preserva memórias, compartilha experiências e orienta práticas futuras.

Mais do que relatos de experiências, essas produções eternizam aprendizados, fortalecem a identidade da polícia penal e servem como referência valiosa para as próximas gerações de policiais.

Experiência na escrita — Produção acadêmica

Possuo experiência na escrita de capítulos de livros, tanto na área da educação quanto no contexto do sistema prisional, além de publicações em revistas e artigos científicos.

As vivências com a produção acadêmica me permitiram contribuir para a disseminação de conhecimento, o fortalecimento do debate qualificado e o registro de experiências relevantes, que podem servir como referência para profissionais e pesquisadores dessas áreas.

PERFIL

Ivana Leite Ribeiro

Nascimento: João Pessoa-PB

Formação/Cursos/Especializações:

Mestrado em Educação.

Especialista em Direito Penal.

Especialista em Direito Digital.

Bacharela em Direito.

Ingresso no Sistema Penitenciário da Paraíba: 2012.



Josélio Carneiro de Araújo



Precisamos edificar a biblioteca do sistema penal paraibano, portanto, nossa literatura está começando a brotar frutos, livros estão sendo escritos.

Primeiros livros da bibliografia do Sistema Penal Paraibano

Minha nomeação para o cargo de agente de segurança penitenciária por meio do concurso público de 2008 - ocorreu em julho de 2017. Fui designado para o Presídio Padrão da cidade de Santa Rita. Após alguns anos, fui transferido para a Penitenciária de Recuperação Feminina “Maria Júlia Maranhão”, unidade a qual estou lotado atualmente.

Sobre meu olhar, minha opinião a respeito do sistema penal paraibano, avalio que desafios, etapas a serem vencidas existirão sempre, porém, há avanços sim. Na última década, é notória a evolução, sobretudo

nos últimos três anos, na gestão do secretário João Alves. Passos importantes estão sendo dados. No campo social, mais pessoas privadas de liberdade estão em projetos de reinserção social, acreditam nelas e nas ações do governo. Nós policiais penais temos avançado em formação continuada. A lei orgânica da Polícia Penal será uma realidade e norteará nossos caminhos, fortalecerá essa jovem Força de Segurança Pública da Paraíba.

A maioria dos colegas policiais penais sabe que sou jornalista há 36 anos, formado pela Universidade Federal da Paraíba em 1991. Então, fui designado para atuar na Assessoria de Comunicação da Seap-PB. Por sete anos e meio, fui um dos assessores de imprensa. Em janeiro de 2015, solicitei transferência e hoje estou na Central Integrada de Alternativas Penais – CIAP.

Nas primeiras reportagens que fiz nos presídios, confesso, fiquei impactado com os cenários. Meses depois, consegui entrar numa unidade prisional, digamos, com mais naturalidade.

Na Ascom-Seap-PB fui repórter, pauteiro, editor adjunto da Revista Seap em Ação e assessor de gabinete do secretário João Alves. Aliás, mesmo noutro setor, sigo com algumas colaborações divulgando ações de nosso sistema penal.

Revista Seap em Ação

A revista Seap em Ação foi criada na gestão do secretário Harrison Targino, no ano de 2012. Na gestão



do secretário Coronel Sérgio Fonseca, a jornalista Naná Garcez, diretora-geral da Empresa Paraibana de Comunicação – EPC, em reunião no gabinete do secretário, apresentou a proposta de um jornal no formato tablóide escrito por pessoas em privação de liberdade. Um projeto nos eixos da reinserção social. Na ocasião, presente à reunião, eu defendi também a produção da Revista Seap em Ação, publicação bimestral, com páginas coloridas, documentando as ações da Seap. Ideia prontamente acatada pelo coronel Sérgio e bem recepcionada pela colega Naná Garcez. Tempos depois, o secretário Sérgio me falou que a prioridade seria a revista. Numa outra ocasião, se pensaria no jornal escrito pelos reeducandos.

A revista teve seis edições, deixou de circular em outubro de 2023. Nessa época, eu já não atuava nesta publicação. Considero uma mídia estratégica que deve ser retomada. Na maioria das edições, assinei textos, criei manchetes, sugeri pautas.

Produção de livros

Antes de tudo, externo minha gratidão a cada pessoa participante dos livros que idealizei e editei. Cada policial penal, cada profissional da Seap-PB, meu muito obrigado pela confiança, pela parceria. No ano de 2018, idealizei e produzi, com o saudoso Almeida, a plaquete Seap 90 anos. Até onde sei, o primeiro livro sobre nosso sistema penal em nove décadas.



A pesquisa de Almeida cita todos os secretários até aquele ano, inclusive os cinco secretários que se tornaram governadores da Paraíba.

Em 2021, o então secretário Coronel Sérgio Fonseca também autorizou a publicação da edição digital do livro *Reinserção Social no Sistema Prisional Paraibano*, no site da Seap. Obra idealizada por este jornalista e policial penal. Convidei vários profissionais que escreveram artigos relevantes.

Em abril de 2022, o secretário João Alves assume a secretaria. Apresento a ele o livro e sugiro a publicação impressa. De imediato, ele autorizou a Seap a financiar a impressão de 500 exemplares pela editora A União. A obra está disponível no site da Seap:

<https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-de-administracao-penitenciaria/arquivos/livro-seap-versao-final-02-08-22.pdf>

No ano de 2023, minha colaboração com a literatura do sistema prisional paraibano foi com a edição do livro *Seap 95 anos*. Trago nesta obra tópicos da história da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária e, mais uma vez convido pessoas como coautores: os secretários João Alves e João Paulo, José Ferreira Nunes Neto, Mazukyevicz Ramon Santos do Nascimento Silva, Jailma Santos, Gabriela Freitas de Siqueira, Cizia de Assis Romeu, Breno Cavalcanti Cunha, Ronaldo da Silva Porfírio, Rodrigo da Nóbrega Cunha Moura, Ivana Leite Ribeiro e Auristela Cristina de Moura Camêlo Costa.

Mulheres que fazem acontecer no Sistema Penitenciário da Paraíba, livro publicado em 2024, reúne depoimentos e artigos científicos de 36 mulheres, incluindo 16

policiais penais. Conta ainda com artigos dos secretários João Alves, João Paulo, Mazukyevicz Nascimento e Josélio Carneiro. A obra teve grande repercussão e exemplares chegaram às mãos da ministra do Supremo Tribunal Federal, Carmem Lúcia, entregue em Brasília por nossa colega policial penal Mirtes Daniele, uma das autoras.

O secretário nacional de Políticas Penais (SE-NAPPEN), André Garcia, por ocasião da 9ª reunião do CONSEJ, em João Pessoa, recebeu um exemplar das mãos do secretário João Alves, bem como o então presidente do CONSEJ, Marcus Rito. A obra chegou ainda ao governador João Azevêdo e sua esposa, Ana Maria Lins, e ao vice-governador Lucas Ribeiro e sua esposa, Camila Mariz.

https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-de-administracao-penitenciaria/arquivos/mulheres-que-fazem-acontecer-miolo-26_05_2024-

1.pdf

Assinam textos neste livro:

João Alves de Albuquerque

João Paulo Ferreira Barros

Nayhara Hellena Pereira Andrade

Mazukyevicz Ramon Santos do Nascimento Silva

Josélio Carneiro de Araújo

Alessandra Pereira Malaquias

Anairis Almeida Simplício

Andrezza Maria Barros Dantas

Anna Amélia Dantas de Almeida Feitosa Lopes
Auristela Cristina de Moura Camelo Costa
Cinthya Almeida
Cláudia Shymenne.
Edna Maria da Silva Lima Veloso
Ivana Leite Ribeiro
Liedja Marques da Silva
Maria Isabel de Araújo Gomes
Silnara Araújo Galdino
Mirtes Daniele da Silva
Nathália Kelly de Lima Moreno
Paloma Correia Lima
Raqueline Barreto
Conceição de Lourdes Marsicano de Brito Cordeiro
Josy Gomes Murta
Ana Cláudia da Silva Pereira
Eliane Maria de Aquino
Germana Dália de Oliveira Lima
Glória Maria Soares Souza
Josélia de Sousa Ferreira
Maria Samaia Ferreira Belo
Maria Welma Santos



Reginilda da Silva Vaz
Emmanuella Costa de Azevedo Mello
Isadora Serrão Wanderley
Joseneide Galdino da Silva
Larissa Medeiros Machado Santos
Mariana Almeida Nogueira Lins
Renata Bento Cabral de Lacerda
Cizia de Assis Romeu
Juvinete de Lourdes Silva
Leilane Soares de Lima.

Eu não tenho perfil de policial penal operacional. Com três décadas e meia atuando na missão de comunicar, esse veterano jornalista (63 anos), autor e editor de livros, acredita que tem a tarefa de colaborar com a organização de uma biblioteca específica sobre as temáticas que envolvem o sistema penal. O livro Policiais Penais da Paraíba – PERFIS é mais uma obra literária, coletânea escrita por mais de uma dezena de colegas que relatam suas experiências, seus aprendizados ao longo dos anos. Testemunhos agora documentados nas páginas da história da Seap-PB. Fonte de consultas para estudantes, futuros candidatos a concursos públicos para a Polícia Penal; pesquisadores, jornalistas, em quem mais tiver interesse em conhecer um pouco sobre esse universo.

Acredito que teremos mais edições deste livro [volume II, III] ou mais. Confesso minha satisfação em sa-



ber que alguns colegas estão escrevendo ou planejando escrever obras autorais sobre o sistema penal. Isto é relevante. É uma tese que defendo há alguns anos: precisamos edificar a biblioteca do sistema penal paraibano, portanto, nossa literatura está começando a brotar frutos, livros estão sendo escritos. Com o passar dos anos, essas obras serão documentos históricos e todos nós autores, personagens de nossas épocas.

PERFIL

Josélio Carneiro de Araújo

Nascimento: 01/09/1961, em Gurinhém-PB.

Filiação: João Maria de Araújo (falecido) Marina Carneiro de Araújo (86 anos).

Formação:

- Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba - campus I João Pessoa - 1990.

- Pós-Graduação Lato Sensu em Política e Gestão de Segurança Pública - Faculdade IBRA - 2020.

- Curso de Nivelamento Operacional Padrão - NOP - SEAP/GESIPE - 2019.

- Curso Uso Diferenciado da Força - EGEPEN-PB - 2020.

- Certificado IX Encontro Nacional de Execução Penal - Defensoria Pública do Estado da Paraíba e Instituto Brasileiro de Educação Pedagógica - IBEP - 2022.

Ingresso no Sistema Penal da Paraíba - Julho de 2017.

Reconhecimento

- Título de Cidadão Pessoaense outorgado pela Câmara Municipal de João Pessoa - 4 de dezembro de 2024.

- Medalha de Mérito Jornalístico "Lena Guimarães" - Outorga da Assembleia Legislativa da Paraíba - 7 de abril de 2025.



Atuação em entidades representativas da área de comunicação

- Um dos fundadores da Associação dos Servidores da Rádio Tabajara – 1993.
- Atual suplente de Diretoria da Associação Paraibana de Imprensa – API.

Atuação jornalística e de assessoria de comunicação:

- Rádio Tabajara AM – 1989 a 2017.
- Comando Geral da Polícia Militar da Paraíba – 1994.
- Secretaria de Comunicação Institucional do Governo da Paraíba – 1995 a meados de 1995.
- Secretaria de Estado dos Recursos Hídricos e Infraestrutura – Governo José Maranhão I.
- Agência Estadual de Vigilância Sanitária – AGESVISA – Governo José Maranhão I.
- Agência de Águas – AESA – Governo Cássio Cunha Lima.
- Companhia Docas (Porto de Cabedelo) Governo Ricardo Coutinho.
- Secretaria de Estado da Administração Penitenciária da Paraíba – Governos Ricardo Coutinho e João Azevêdo.
- Repórter da equipe de comunicação da Assembleia Legislativa – 2015 a meados de 2017.
- Repórter do Jornal A União – 2011 a 2015.

Livros publicados:

- Poemania – 1982, pela Escola Técnica Federal da Paraíba.
- Tabajara a Rádio da Paraíba – 2002. Editora A União.
- Paraíba Governos em Cena – 2016. Editora A União.
- Rádio Tabajara - Patrimônio Cultural da Paraíba – 2017. Gráfica JB A União - Escola de Jornalismo – 2018. Editora A União.
- Relatos de um Repórter – 30 anos na Comunicação do Governo da Paraíba -



2018. Editora A União.

Seap 90 anos – 2018. Editora A União.

Lyceu Parahybano - berço da cultura e do jornalismo – 2019. Editora A União.

Nos Trilhos da Memória - pare, olhe, escute – 2023. Editora Letras & versos – Rio de Janeiro.

Mulheres que fazem acontecer no Sistema Penitenciário da Paraíba – 2024. Editora Letras & Versos – Rio de Janeiro.

Senadores da Paraíba - Senado 200 anos (a publicar em 2025). Editora Letras & Versos – Rio de Janeiro.

Policiais Penais da Paraíba – PERFIS – 2025. Editora Letras & Versos – Rio de Janeiro.



Lindemberg Gonçalves Lima



Ser policial penal é uma honra e extremamente gratificante. Costumo afirmar a todos que sou duplamente realizado. Poder cumprir a lei, fazer o meu dever e, como astrônomo amador, poder levar a ciência para as pessoas por meio do meu trabalho é recompensador.

Do início da jornada à trajetória profissional

Iniciei minha jornada há quase 17 anos. Fui um dos primeiros convocados após o concurso. Desde o momento em que ingressei no sistema, fui direcionada para a Cadeia Pública de Esperança. Essa escolha refletiu meu desejo de me tornar policial. Antes, eu já ocupava cargo no serviço público; trabalhava na Cagepa (Companhia de Águas e Esgotos da Paraíba), como encanador.

Decidi deixar essa carreira para entrar no sistema prisional, apesar da resistência da minha família, no início. Com o passar do tempo, ficou evidente que

essa era realmente a minha vocação. Estou na função de diretor da CPE há aproximadamente quatro anos e, no total, acumulo 17 anos de experiência no sistema prisional paraibano.

Duas grandes paixões: trabalho e astronomia

Para abordar o Projeto Esperança no Espaço, é necessário que eu mencione um pouco sobre a minha trajetória, por envolver duas grandes paixões: meu trabalho e a astronomia. Desde a minha infância, sou apaixonado pela astronomia, embora não tenha tido acesso direto a um telescópio até me tornar adulto, quando então, me tornei astrônomo amador. Durante a pandemia, decidi fazer um telescópio por conta própria. Então, pensei: por que não fazer um telescópio em casa utilizando materiais simples?

No ano de 2021, fui designado para assumir a direção da Cadeia Pública de Esperança e já desejava muito oferecer oportunidades àqueles que estavam cumprindo pena. Tinha em mente um ideal, ver uma maneira, algo que realmente pudesse ocupar o tempo deles e que contribuísse com a transformação de suas vidas, permitindo que retornassem à sociedade de maneira digna, pela porta da frente, como costumamos dizer.

Então, conversando com um colega de trabalho, fiz uma brincadeira e sugeri um projeto de reintegração social, que envolvesse a construção de telescópios para serem doados às escolas públicas. No início, parecia algo inalcançável. Era uma brincadeira, mas aquilo se infiltrou na minha mente e sugeri: por que não construir telescópios?



Portanto, foi nesse momento que surgiu a ideia de colocar em prática e começar a fazer os primeiros telescópios. Foram quatro telescópios, feitos artesanalmente. Todo o material comprado com recursos próprios.

Nunca imaginei que o projeto alcançaria tamanho sucesso. A minha intenção era fazer somente quatro telescópios e doá-los às escolas. E hoje em dia estamos conseguindo abranger todo o Estado da Paraíba. Até o momento, cerca de 13 a 14 reeducandos já passaram pelo Projeto Esperança no Espaço: iniciativa que une a ciência, educação e reinserção social de forma surpreendente.

Quando paro para pensar que no começo produzimos quatro telescópios. E já passamos dos cinquenta telescópios. Temos o ideal de construir 600 equipamentos, um para cada escola do Estado. É algo inimaginável, juntar pessoas (dentro de uma cadeia), que ocupam o seu tempo construindo telescópios feitos a partir de materiais simples e reutilizados, como madeira de sobras de indústrias moveleiras, tubos de PVC, cabos de vassouras, raios de bicicleta e outros componentes, combinados com lentes oculares, espelhos e laser.

Algumas escolas da cidade de Esperança e demais municípios da Paraíba, como: Patos, Teixeira, Nova Floresta, Itapororoca e Serra Branca. Brasília (DF) já tem um telescópio.

No começo, a intenção da gente era fornecer para as escolas de Esperança. Mas o projeto começou a ganhar notoriedade. Começamos a receber pedidos de vários recantos da Paraíba, depois de outros estados, e hoje em dia, de todo o Brasil. As pessoas estão perguntando como fazer para conquistar, adquirir um telescópio.

Damos prioridade, justamente, às escolas, com projetos de astronomia, em andamento. Estamos tentando enviar um telescópio para Altamira, no Pará, de um projeto que também é vencedor do Prêmio LED, o Projeto Aldeias, com crianças. E nós vamos preparar esse telescópio para elas.

Com os nossos telescópios, conseguimos observar quase todos os planetas do sistema solar, além das galáxias, nebulosas e objetos distantes de até 30 milhões de anos-luz da Terra. Dependendo das condições de luminosidade do céu.

Uma jornada de transformação humana

Os nossos telescópios transformam a vida dos nossos reeducandos. Deixo aqui registrado o exemplo do Fábio Alexandre, da cidade de Sossego. Ele passou sete anos lá conosco, mergulhou no universo da astronomia por meio do projeto. Hoje, Fábio representa um caso de sucesso demonstrando como o projeto pode servir como um recurso poderoso na reintegração social. Ele, muito inteligente, muito curioso, fez a pergunta também, que deu – aquele estalo – indagou se, um dia, quando ele saísse da cadeia, eu poderia fazer um telescópio para ele, e eu disse que poderia fazer com ele. Então, começou ele, ali comigo. Depois chegaram junto mais quatro reeducandos, e fomos avançando. Dia após dia.

Alexandre também se envolveu com os estudos, foi aprovado no ENEM PPL. Avançou e se graduou dentro da cadeia. Hoje tem nível superior, com formação em Gestão Pública. Também aprendeu o ofício de ATM



(Amateur Telescope Making, em português, construção de telescópios amadores). Hoje em dia, ele ganha a vida vendendo telescópios, já vendeu mais de 30 telescópios e tem recebido muitos pedidos de encomendas (uma fila de espera). Recentemente, estive na casa dele e ouvi ele falar com orgulho que ele reformou a casa da sua mãe, com dinheiro da venda de telescópios. Atualmente, Fábio Alexandre vende um telescópio por 1.400 (mil e quatrocentos reais).

Algo que me surpreende dia após dia, é como o projeto muda a mentalidade dos nossos reeducandos. Eles foram transformados em pessoas melhores. Na verdade, todos que participaram do projeto até hoje, é zero por cento a reincidência. Isso mesmo! Sai da cadeia pela porta da frente (libertado da prisão de forma legal).

Embora alguns não tenham seguido para o lado da astronomia, eles optaram seguir por outro caminho: o da cidadania. Lembro de um momento marcante – eu estava na praça pública fazendo um evento de observação dos planetas, com os alunos de uma escola pública, quando fui surpreendido por um ex-reeducando, que participou do projeto. Ele chegou com a família e foi mostrar os planetas para as suas filhas. Ele contou que já estava trabalhando com carteira assinada. Então, a gente celebra o novo tempo na vida daqueles que saíram do cárcere, de cabeça erguida. A vitória deles é a nossa vitória.

Não tenho dúvidas, um projeto de ressocialização social, pode, sim, mudar a vida de uma pessoa que se envolve, e que está determinada a viver dignamente. Promove a construção de uma nova identidade e reduz a reincidência criminal.

Quando o projeto começou, um telescópio custava R\$ 600,00 (seiscentos reais), mas com o aumento da qualidade do telescópio, hoje em dia está na faixa de R\$ 800,00 (oitocentos reais) um telescópio de 114 mm. Já o telescópio de 125 mm, o valor está na faixa de R\$ 1.400,00 (mil e quatrocentos reais).

O telescópio doado pela Vara das Execuções Penais da Comarca de Esperança (VEP), através da verba pecuniária, é um equipamento 114, com espelho esférico, um modelo mais acessível, muito bom. Exatamente é esse, o que a gente entrega.

Já os telescópios financiados pela Secretaria da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (SEC-TIES) são, a partir de 125 mm. Equipamentos com espelhos parabólicos, uma ótica primorosa, uma ferramenta de pesquisa. Então, a gente já está fazendo um de 180 milímetros. E vamos começar a fazer um de 200 mm e estamos com planos de fazer um telescópio de 400 milímetros. Um potente telescópio.

Premiação Nacional

Realizamos a inscrição do Projeto Esperança no Espaço no prêmio Luz na Educação (LED), promovido pela Globo e a Fundação Roberto Marinho. Dessa forma, participamos na categoria destinada a empreendedores e instituições inovadoras (agosto/2024). Eu acreditava que conseguiríamos avançar até um determinado ponto do prêmio, mas nunca pensei que iríamos tão longe.

Fomos avançando. Quando chegou na semifinal. Pensei: para mim, já estava mais que satisfatório chegar



até aqui. Mas veio a surpresa. Fomos para a final e lá apresentei o trabalho diretamente da cadeia, por videoconferência. Foi uma apresentação ao vivo, com todos os participantes, todos os concorrentes, eram vinte finalistas. Quando saiu o resultado, aliás, na apresentação, eu já comecei a acreditar que haveria a possibilidade de a gente ganhar o prêmio. Era meio que (a ficha caiu). Quando comecei a refletir sobre a dimensão do projeto.

Recordo de um comentário do Mestre Roxinho, um dos embaixadores do Prêmio LED. Ele ganhou também, concorreu conosco e ganhou, pelo voto popular. Foi um dos campeões do Prêmio LED. (Um dos vencedores entre os projetos finalistas é escolhido por meio de uma votação popular).

Também lembro das palavras do Marcelo Gentil, presidente do Olodum, que ao ver a apresentação do Projeto Esperança no Espaço, disse que já sabia quem era o ganhador: o projeto dos telescópios fabricados por reeducandos da Cadeia Pública de Esperança.

É gratificante receber distinções em eventos. Mas o que realmente me satisfaz é ver uma vida transformada, é perceber que o nosso trabalho fez alguém se superar.

Suporte institucional - Parcerias

Para chegar até aqui tivemos o apoio de diversos parceiros, além da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária e do Tribunal de Justiça, que atua por meio da Vara de Execução Penal (VEP), contamos com o apoio

da juíza Paula Frassinete, a quem chamamos madrinha do projeto. A magistrada, foi a primeira a dar suporte à iniciativa. O “Projeto Rádio Telescópio Bingo”, também é nosso parceiro, estamos integrados, formando o “Projeto Bingo: Esperança no Espaço”.

Sistema prisional paraibano

Em se tratando do sistema prisional, tempos atrás e atualmente, é bem visível, o quanto mudou. Recordo quando entrei no sistema, ouvia sempre o ditado: o sistema é bruto. Não existia proximidade entre os companheiros de trabalho, os privados de liberdade e seus familiares, principalmente. Lembro, também, que ao revistar uma alimentação trazida por um familiar – sempre de cabeça baixa – não olhavam, nem no olho da gente. Costumeiramente, sempre cumprimentava com um bom dia. E as pessoas se espantavam, pois para elas, não era normal ouvir um bom dia. Principalmente com gentileza.

Hoje em dia, já se vê a participação dos familiares no processo de reintegração social dos apenados. Elas são tratadas com respeito. A gente procura fazer um tratamento humanizado. Creio que o sistema todo abraçou essa ideia – Acreditar também na recuperação. Antigamente, era só jogar o indivíduo lá e deixá-lo cumprir sua pena.

Até a nomenclatura “preso” foi substituída por “reeducando”. Se bem que a escolha da nomenclatura não altera a realidade da situação da pessoa que está



num ambiente carcerário. Com certeza é visível como a forma de tratamento pode influenciar como a pessoa é vista e tratada pelo sistema e pela sociedade.

Atualmente, preparamos o reeducando para a sua reintegração ao convívio social e buscamos devolvê-lo como um cidadão aprimorado. Portanto, essa é a principal característica do sistema penitenciário paraibano.

Diretor de Cadeia Pública

Ser diretor de uma cadeia é um verdadeiro sacerdócio, diferente de um presídio. É ter que ser — meio que tudo. Necessário assumir várias funções ao mesmo tempo: gestor, policial, psicólogo, médico, entre outras. Às vezes estou fazendo um telescópio com os reeducandos, e de imediato sou chamado para ajudar numa cela, pois um apenado está se sentindo mal. Interrompo o que estou fazendo e vou correndo, tenho que ir junto na missão. Também ocorre quando é preciso levar um interno para uma audiência e quando sou solicitado para resolver um conflito familiar. Frequentemente, as mães dos detentos querem conversar comigo, até para desabafar, e eu me disponho para ouvir com atenção. Por isso, e por muito mais, afirmo que o policial penal em si, que trabalha numa cadeia, precisa estar preparado para tudo. Tem, sim, que fazer de tudo.

Policial penal

Ser policial penal é uma honra e extremamente gratificante. Costumo afirmar a todos que sou duplamente realizado. Poder cumprir a lei, fazer o meu dever e,



como astrônomo amador, poder levar a ciência para as pessoas por meio do meu trabalho é recompensador.

Produção literária

Extremamente importante esse trabalho, até porque, para registro histórico, lá na frente, nossos filhos e netos e a população terão acesso à produção literária e o conhecimento do que se passou na nossa época. O trabalho de Josélio Carneiro é muito significativo para a história da polícia penal. Registrar as imagens que ficam no livro, o que se fala, o que é escrito praticamente fica para eternidade. Então, eu creio que lá na frente, quando nós não estivermos mais aqui, vão falar no nome da gente, sobre cada um de nós. Estamos mostrando a realidade do nosso tempo.

Desafios

Os desafios são muitos, principalmente em relação à mudança na mentalidade das pessoas. O sistema prisional sempre foi marcado por estigmas. É fundamental transformar a percepção da sociedade, das forças policiais e dos líderes sobre essa questão. Reconhecendo que é viável implementar um sistema prisional mais humanizado e capaz de recuperar os privados de liberdade. Por isso temos que estar preparados para trabalhar contra toda a probabilidade e vencer diariamente as adversidades. Existe um preconceito que perdura há décadas e devemos trabalhar para desfazê-lo.



As dificuldades são diárias, eu costumo afirmar que cada dia é como escalar o Everest (montanha mais alta do planeta). No entanto, quando você assume a responsabilidade, um trabalho, uma missão e demonstra ter um perfil comprometido, sabe que precisa se dedicar ao máximo. Entende que está ciente de que enfrentará desafios, encarando-os como oportunidades de crescimento e superação.

Mais do que olhar para as estrelas

Por fim, aproveito para refletir sobre minha história de vida. E penso que aquele menino, uma criança pobre e que sempre foi apaixonado por astronomia, nunca desistiu dos seus sonhos. Minha irmã dizia assim: Enquanto meus irmãos conversavam com os coleguinhas, eu ficava deitado no chão olhando para o céu, da cidade de Queimados, no Rio de Janeiro.

O tempo passou e o menino cresceu, e nunca deixou de sonhar. Quanto me sinto realizado em poder dar para as pessoas a oportunidade que eu não tive. E quantas vezes me pego pensando: quem sabe uma criança de Escola Pública que se encantou pela ciência, pela astronomia, pela física por meio de um telescópio – feito por um reeducando – de uma cadeia, poderá um dia ser o cientista de amanhã.

PERFIL

Lindemberg Gonçalves de Lima

Naturalidade: Queimados-RJ

Radicado na Paraíba há muitos anos.

Diretor da Cadeia de Esperança desde 2021

Policial penal há quase 17 anos (Secretaria de Estado da Administração Penitenciária)



Marcel Freire Cantalice Gomes



Ser Policial Penal representa, para mim, a concretização de um sonho. Sermos reconhecidos como uma verdadeira força de segurança pública, com identidade própria, atribuições definidas e papel estratégico no sistema de justiça criminal.

Início da jornada

Minha entrada no sistema prisional paraibano foi marcada por uma mistura de expectativa, responsabilidade e muitos desafios. Comecei minha jornada na Penitenciária Desembargador Flósculo da Nóbrega – Roger, João Pessoa-PB, e posso dizer que os primeiros dias foram de intenso aprendizado.

O ambiente, por sua natureza hostil, demandava firmeza, postura profissional e estabilidade emocional.



A vivência nas unidades prisionais evidenciou o quanto o trabalho do policial penal é fundamental para preservar a ordem, a segurança e a dignidade dos indivíduos privados de liberdade.

Trajetória profissional

Ao longo dos anos, atuei em diversas áreas do sistema Prisional da Paraíba, incluindo:

- Penitenciária Desembargador Flósculo da Nóbrega – Agente operacional (Setor Administrativo).

- Centro de Monitoramento por Tornozeleira Eletrônica – Coordenador Geral.

- Centro de Operações Penitenciárias – Coordenador Geral, Gestor do INFOPEN-PB, Gestor do SISDEPEN e Administrador Master do Sistema Eletrônico e Registro Público – SERP.

Essas funções me proporcionaram uma visão abrangente do sistema, desde a vigilância diária até o planejamento estratégico da gestão prisional. Também participei de várias atividades em unidades prisionais, cursos de capacitação e ações integradas com outras forças de segurança.

Sistema prisional

A evolução é visível. No início, o sistema era mais reativo, com estruturas físicas precárias, déficit de pessoal e poucos investimentos em inteligência



penitenciária. Hoje, embora ainda existam desafios, vejo um avanço na profissionalização da carreira, no uso de tecnologias e na valorização da polícia penal.

Compreendi que a disciplina, a formação contínua e a habilidade para trabalhar em equipe são fundamentos essenciais para qualquer mudança dentro do sistema. Outro aprendizado foi compreender o equilíbrio entre autoridade e respeito – uma postura firme, mas humana, faz toda a diferença.

Gestor

Embora eu não tenha exercido formalmente a função de diretor, tive a oportunidade de atuar à frente de setores que me proporcionaram uma visão profunda e concreta sobre os desafios, responsabilidades e a importância de uma gestão coletiva e integrada no sistema penitenciário.

A direção de uma cadeia ou penitenciária é, acima de tudo, uma missão que só pode ser cumprida com o trabalho articulado de uma equipe qualificada, ética e comprometida. Nenhuma liderança se sustenta sozinha. O sucesso da administração prisional depende do envolvimento de todos: agentes, técnicos, servidores administrativos, profissionais de saúde, segurança e assistência social.

Durante minha experiência em funções de coordenação, pude perceber como a atuação em rede, o diálogo constante entre os setores e o respeito às normas são elementos fundamentais para o bom funcionamento da unidade. O trabalho exige planejamento,



equilíbrio emocional, conhecimento técnico e liderança participativa. Não se trata apenas de manter a ordem, mas de criar condições para a unidade funcionar com segurança e também com humanidade.

Essa vivência reforçou minha convicção de que, mesmo sem ocupar o cargo de diretor, é possível contribuir ativamente para a missão institucional, oferecendo apoio à gestão e promovendo boas práticas no cotidiano prisional. Aprendi que o verdadeiro impacto da nossa atuação está na maneira como exercemos nossas funções com compromisso, responsabilidade e visão coletiva.

PoliciaI penal

Ser PoliciaI Penal representa, para mim, a concretização de um sonho. Sermos reconhecidos como uma verdadeira força de segurança pública, com identidade própria, atribuições definidas e papel estratégico no sistema de justiça criminal.

Integramos hoje a mais jovem Força de Segurança da Paraíba, mas com um peso histórico enorme. Carregamos na bagagem uma história quase centenária da Seap-PB e somos os protagonistas de um novo tempo, onde a inteligência, o profissionalismo e o comprometimento são as principais armas.

Desafios

Os principais desafios são: consolidar a identidade da Polícia Penal como força de Estado, ampliar a



capacitação técnica e tática dos servidores, conquistar valorização salarial e reconhecimento funcional, lutar por uma legislação mais clara e alinhada à Constituição, manter a moral e a ética profissional, mesmo diante das adversidades.

Estamos construindo algo inédito no país e a Paraíba pode ser referência nacional se continuarmos nesse caminho.

Produção literária

Vejo com muito entusiasmo a produção de artigos, livros e pesquisas sobre o sistema prisional e a polícia penal. Documentar nossa vivência é preservar a memória institucional, mas também é uma forma de influenciar políticas públicas, formar novos profissionais e combater estereótipos sobre nosso trabalho.

Considero importante contribuir como autor ou personagem, pois somos fontes legítimas da história da Seap-PB e da polícia penal. Escrever é também uma forma de resistir e afirmar nossa relevância.

Livro autoral

Tenho, sim, o desejo de contribuir com uma obra autoral – ou em coautoria com colegas – abordando temas como gestão prisional, segurança institucional,



formação da polícia penal e os desafios da contemporaneidade. Escrever é uma forma de partilhar experiências, sistematizar saberes e deixar um legado à altura da missão que abraçamos.

PERFIL

Marcel Freire Cantalice Gomes

Nascimento: 22/01/1979 – Rio de Janeiro/RJ

Formação/Cursos/Especializações:

Graduado em Sistemas de Informações com especialização em Segurança Pública e Cidadania.

MBA em Segurança da Informação.

Ingresso no Sistema Penitenciário da Paraíba: 17 de agosto de 2015.



Mazukyevicz Nascimento



Ser policial penal é cumprir uma missão de defesa do cidadão na dimensão mais ampla da palavra.

Primeira impressão

A primeira impressão que tive quando adentrei uma unidade prisional certamente não foi diferente da primeira impressão de tantas outras pessoas que conhecem esse espaço, seja na condição de profissionais, seja na condição de sociedade civil, seja na condição de pessoas privadas de liberdade. Porque, no geral, a visão que a sociedade na totalidade - tem do espaço prisional - é carregada de valores negativos. Então, desconfianças, preconceitos, medos fizeram parte também desse meu primeiro momento de ingresso, que aconteceu na Penitenciária de Segurança Máxima Geraldo Beltrão, em João Pessoa. No entanto,

aos poucos, eu fui descobrindo que se tratava de um ambiente como qualquer outro, formado por pessoas dos mais diferentes tipos, dos mais diferentes perfis, e que caberia a mim estabelecer, a partir das minhas relações e do meu comportamento, um ambiente mais tranquilo, um ambiente mais humano, um ambiente mais seguro, um ambiente menos conflituoso.

Cargos e Funções

Primeiro, ingressei na Penitenciária Geraldo Beltrão, depois passei pela Penitenciária de Psiquiatria Forense, depois fui convidado a fazer parte da equipe pioneira da Gerência Executiva de Ressocialização no ano de 2011, depois tive a oportunidade de assumir a Coordenação Estadual de Educação em Prisões, recebi finalmente o convite no ano de 2013 a assumir a Direção da Escola de Gestão Penitenciária, cargo que ocupei até o ano de 2019, depois fui convidado a trabalhar na subgerência de Programas e Projetos da Secretaria Penitenciária, e mais recentemente, no ano de 2022, retornei à Escola de Gestão Penitenciária na condição de diretor, cargo em que permanece até o momento. E durante todo esse tempo também pude ocupar algumas funções em comissões, em conselhos, representando a secretaria junto a alguns espaços da sociedade civil, alguns espaços junto ao antigo DEPEN, Secretaria Nacional de Políticas Penais, e trabalhando sempre para o desenvolvimento da Polícia Penal e do sistema penitenciário da Paraíba.



Evolução positiva

Primeiro, é preciso respeitar e reconhecer a história daqueles profissionais que atuaram no sistema prisional paraibano antes da realização do concurso de 2008. Foi importante demais o aprendizado com esses profissionais. No entanto, ao longo desses mais de 15 anos, é importante reconhecer os avanços que a nova turma de profissionais conseguiu desenvolver dentro do sistema prisional paraibano. Foram criados novos setores, novas funções, foram assumidas novas atribuições, foram conquistados alguns avanços no que diz respeito também ao reconhecimento profissional e institucional, fomos agraciados também com grandes resultados no campo da garantia de direitos, no campo da garantia da segurança, então o saldo, depois de tanto tempo de serviço prestado, penso eu, é um saldo de evolução positiva.

Gestor

Ser gestor no Sistema Penitenciário da Paraíba é uma missão honrosa e um grande privilégio, porque temos policiais de excelente nível técnico e ético, temos uma tarefa cotidiana de trabalho, bastante desafiadora, e poder atuar como gestor, ao lado de grandes profissionais, aprendendo a cada dia, trabalhando para o fortalecimento da prestação do serviço ao cidadão, é realmente uma tarefa que nos motiva e enche de orgulho.

Policial penal

Ser policial penal é cumprir uma missão de defesa do cidadão na dimensão mais ampla da palavra.



Contemplando não só a segurança, mas sobretudo a geração de direitos e oportunidades, atuando em conjunto com as demais forças, para que possamos ter todos uma vida mais tranquila. Também é cumprir uma missão ética de acreditar na capacidade humana de reinventar sua história de vida, acreditar na construção de uma sociedade mais justa, acreditar que podemos contribuir para isso é o que justifica nosso trabalho.

Desafios

O desafio é trabalhar em um espaço que carrega uma história de estigmas e preconceitos sociais, é trabalhar em uma força policial nova que está ainda construindo a sua identidade. O desafio é lidar com a cultura que muitas vezes não privilegia a oportunidade, a geração de esperança. Mas tenho certeza que a Polícia Penal da Paraíba tem se empenhado a fazer o seu trabalho da melhor maneira possível e tem alcançado os melhores resultados possíveis.

Reforço positivo

A construção de uma cultura de paz, a mudança da sociedade, a melhoria do sistema prisional e da forma como tratamos a questão penal, ela depende também de estudo, de pesquisa, de diálogo, do compartilhamento das experiências, da literatura. Então, eu vejo como uma forma importante de reforçar valores positivos do sistema prisional da Paraíba e reforçar o que há de bom no trabalho que é feito dentro do sistema prisional da Paraíba.



Dedicação

Estudar e produzir textos, artigos, livros, trabalhos sobre o sistema prisional faz parte da minha tarefa de professor, da minha tarefa de pesquisador, da minha tarefa de gestor na área de educação em serviços penais. E eu tenho feito isso com grande dedicação. Seja no espaço acadêmico, seja no espaço institucional da Secretaria Penitenciária, seja no espaço nacional, nas oportunidades de publicação da Secretaria Nacional de Políticas Penais, eu tenho procurado difundir essas ideias e essas visões positivas sobre o trabalho feito pelos dedicados policiais penais da Paraíba e assim também em relação a todos os policiais penais e profissionais que atuam no sistema prisional brasileiro.

PERFIL

Mazukyevicz Nascimento

Naturalidade: João Pessoa, em 17/07/82.

Formação: Doutor em Direito e Desenvolvimento.

Mestre em Ciências Jurídicas. Especialista em Segurança Pública e Direitos Humanos.

Informações adicionais:

Diretor da Escola de Gestão Penitenciária da Paraíba.

Policia Penal da Paraíba.

Professor Universitário.

Foi consultor do INEP/MEC na área de educação em prisões.

Membro do Conselho Editorial da Revista Brasileira de Execução Penal e do Conselho Estadual de Direitos Humanos.



Mirtes Daniele da Silva



A cada desafio, a cada experiência vivida, fui me apaixonando pela missão que a profissão exige, pela importância de atuar com segurança, disciplina e, principalmente, com humanidade.

Primeiros dias, meses: resiliente, vigilante

Minha trajetória no sistema prisional paraibano teve início na Penitenciária de Segurança Máxima Romeu Gonçalves de Abrantes – PB1, unidade conhecida pelo perfil de internos de alta periculosidade e rígido controle de segurança. À época, as imediações da unidade eram escassamente povoadas, rodeadas por mata fechada, o que acentuava a sensação de isolamento e vulnerabilidade. Ao me aproximar da unidade, meu estado de alerta se ativava de forma quase instintiva — um reflexo de tensão constante e vigilância contínua.



O sentimento que predominava era o da vigilância absoluta, uma adaptação forçada à dureza do ambiente. Não havia espaço para ingenuidade: ali, aprendia-se rápido que o profissional da execução penal precisa estar sempre atento, firme, preparado para reagir diante do inesperado. O foco era claro — sobreviver. Sobrevivência física e emocional e profissional em um cenário hostil, onde o risco era contínuo e a fragilidade, um luxo que não se podia permitir. Eu me revestia de força, mas por dentro, o medo e a insegurança habitavam silenciosamente.

Esse início árduo foi determinante na formação da profissional que me tornei: resiliente, vigilante e plenamente consciente da complexidade e da responsabilidade que envolve a missão de atuar no sistema prisional.

Trajetória — Múltiplas funções

Ao longo dos anos, minha trajetória profissional no sistema prisional paraibano foi marcada por experiências em diferentes unidades e pelo exercício de múltiplas funções, que contribuíram significativamente para a construção de uma visão ampla, técnica e humana da gestão penitenciária.

A seguir, destaco os principais marcos dessa caminhada:

Penitenciária de Segurança Máxima Romeu Gonçalves de Abrantes – PB1: ponto de partida da minha carreira, onde tive o primeiro contato com a complexidade do sistema prisional e desenvolvi os pilares da vigilância, resiliência e discernimento profissional;



Penitenciária Padrão de Santa Rita: unidade que deu continuidade ao processo de amadurecimento funcional, com vivências operacionais que ampliaram minha compreensão sobre a rotina prisional;

Cadeia Pública de Bayeux: primeira experiência em uma unidade de menor porte, onde o contato mais direto com a população carcerária e com a equipe gestora favoreceu o desenvolvimento de habilidades em mediação e liderança;

Gerência de Inteligência e Segurança Orgânica (GISOP): atuação como analista, oportunidade em que aprofundei minha formação técnica e estratégica, com ênfase em segurança orgânica, análise de perfis e leitura de cenários operacionais;

Direção da Cadeia Pública de Bayeux: retorno à unidade, desta vez na condição de gestora, exercendo a função de diretora, com foco na reestruturação organizacional e fortalecimento das rotinas de segurança e atendimento;

Direção da Penitenciária de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão: importante marco em minha carreira, onde atuei diretamente com a população feminina privada de liberdade, enfrentando desafios complexos e assumindo uma posição de liderança sensível às especificidades de gênero. Nesse período, implementei ações de reestruturação administrativa e promovi melhorias nas rotinas de segurança e no atendimento às PPLs;

Presídio Desembargador Silvio Porto: unidade de grande porte e complexidade, onde atuei no setor de Arquivo, colaborando com a organização administrativa

da unidade e participando ativamente de projetos de ressocialização;

Coordenação para Planejamento e Implementação da Comissão Técnica de Classificação (CTC): Atuo como ponto focal da SENAPPEN na Paraíba e fui nomeada coordenadora do projeto piloto que implantou os processos de classificação no estado. A convite da SENAPPEN, participei de uma ação no Estado do Amapá, onde atuei por 34 dias na classificação de todas as pessoas privadas de liberdade daquela unidade federativa. Essa experiência ampliou significativamente minha compreensão técnica sobre a individualização da pena e proporcionou aprendizados práticos sobre a padronização e a eficiência do processo classificatório. A atuação conjunta com diferentes equipes e a imersão em realidades prisionais diversas fortaleceram minha percepção sobre os desafios da gestão penitenciária no país. Sigo exercendo essa coordenação com o compromisso de aprimorar continuamente os processos, promovendo um sistema mais justo, seguro e humanizado.

Direção da Penitenciária Especial Valentina de Figueiredo (atualmente): onde exerço, no presente momento, a função de diretora, aliando experiência, técnica e compromisso com a construção de um modelo prisional mais eficiente, legalista e pautado no respeito à dignidade humana.

Sistema prisional paraibano

A leitura que faço hoje do sistema prisional paraibano, em comparação ao meu primeiro ano de



atuação, é a de um campo em permanente construção, que, embora ainda enfrente desafios estruturais e operacionais significativos, apresenta avanços inegáveis. Ao longo dos anos, tem ocorrido uma transformação gradual na forma como o sistema é compreendido, tanto internamente quanto pela sociedade. Hoje, observa-se um esforço contínuo de institucionalização, com valorização da Polícia Penal enquanto força integrante da segurança pública e com crescente reconhecimento por parte das demais instituições e da população.

Nota-se também um fortalecimento das ações voltadas à capacitação dos servidores e à estruturação das unidades, ainda que, por vezes, as condições ideais estejam aquém do necessário. Apesar disso, é visível que tudo evoluiu: a visão estratégica, os fluxos operacionais, o papel das equipes técnicas e o compromisso com a dignidade humana.

Talvez o maior aprendizado da minha trajetória não tenha ocorrido exclusivamente no campo técnico — ainda que esse tenha sido amplamente desenvolvido — mas sim no campo humanitário. Aprendi que, por trás de cada uniforme, seja do servidor ou da pessoa privada de liberdade, existem histórias, dores, potências e fragilidades. Desenvolver a capacidade de ouvir com empatia, decidir com justiça e liderar com equilíbrio tornou-se, para mim, um exercício diário. Foi nesse processo que compreendi que a verdadeira transformação do sistema penitenciário começa na forma como enxergamos o outro — com responsabilidade, mas, sobretudo, com humanidade.

Missão de dirigir uma unidade prisional

Já exerci a função de direção e, atualmente, continuo à frente de uma penitenciária. Ao longo dessa trajetória, aprendi que o principal pilar de uma gestão eficiente é, sem dúvida, a gestão de pessoas. Sozinhos, não conseguimos construir nada. Uma unidade prisional é uma engrenagem complexa que depende de uma equipe articulada, qualificada e comprometida para funcionar de maneira eficaz e harmônica.

A gestão de uma unidade prisional não se resume apenas ao controle de segurança e à administração dos recursos materiais. Ela se estende à capacidade de liderar pessoas, de motivá-las, de incentivá-las a se engajar em sua missão e de criar um ambiente de trabalho que seja não apenas seguro, mas também respeitoso e humanizado. Uma liderança eficiente deve saber reconhecer o potencial de cada membro da equipe, incentivar a capacitação contínua e, principalmente, manter um canal de comunicação aberto e transparente, pois é a confiança mútua que sustenta a qualidade dos serviços prestados.

Além disso, a missão de dirigir uma unidade prisional vai além da simples execução das normas. Trata-se de gerir um ambiente de alta complexidade, onde as situações adversas são frequentes, e a capacidade de lidar com o imprevisto e de agir com rapidez e precisão é essencial. A articulação e a qualificação das equipes não apenas garantem a segurança, mas também a realização de ações de ressocialização, fundamentais para que possamos cumprir, com dignidade, o nosso papel no sistema penitenciário.



Policial penal

Quando comecei minha trajetória profissional, não sonhei em fazer parte da Polícia Penal. O meu desejo era ser professora, uma profissão pela qual tenho grande carinho e pela qual exerci com dedicação durante seis anos. Desde pequena, sonhei em conquistar a estabilidade de um cargo público, mas até então, pouco entendia sobre o sistema prisional. Quando surgiu a oportunidade de um concurso aberto para o Sistema Penitenciário, aproveitei a chance sem saber o quanto essa decisão iria transformar a minha vida.

O que me surpreendeu foi o profundo vínculo de identificação que fui capaz de desenvolver ao longo dos anos com a Polícia Penal. A cada desafio, a cada experiência vivida, fui me apaixonando pela missão que a profissão exige, pela importância de atuar com segurança, disciplina e, principalmente, com humanidade. O que inicialmente parecia ser uma oportunidade de estabilidade se transformou em uma paixão pela profissão e pelo papel fundamental que desempenhamos na sociedade.

Hoje, sonho em ver a Polícia Penal cada vez mais valorizada e reconhecida por sua importância dentro do sistema de segurança pública. Ao longo dos anos, aprendi a valorizar não só o meu papel como profissional, mas também a necessidade de construir uma corporação que respeite os princípios da justiça, da dignidade e da segurança para todos os envolvidos. A profissão me proporcionou um crescimento imenso,



e, embora o caminho tenha sido desafiador, ele é, sem dúvida, gratificante.

Desafios

Os desafios que enfrento como policial penal na formação e evolução do sistema prisional do estado são muitos e atravessam tanto a dimensão institucional quanto a pessoal. Em um contexto de crescente complexidade na segurança pública, minha função exige atualização constante, preparo técnico e emocional, e uma postura de liderança firme, equilibrada e humana.

Como mulher e mãe atípica, carrego desafios adicionais: conciliar uma rotina profissional intensa com os cuidados familiares e emocionais que minha realidade exige. A maternidade me ensina, todos os dias, sobre resiliência, empatia e gestão do tempo — habilidades que também aplico na minha atuação dentro da penitenciária.

Além disso, é impossível ignorar as questões de gênero que ainda atravessam nosso cotidiano institucional. A ocupação de espaços de liderança feminina na Polícia Penal exige enfrentamento constante de barreiras estruturais e culturais. Não buscamos privilégios, mas sim equidade: condições adequadas, reconhecimento e respeito à nossa atuação, sem invisibilizações ou estereótipos.

Enfrento o desafio diário de ser referência para minha equipe e, ao mesmo tempo, não deixar que o peso da função apague minha identidade e minha humanidade. Ainda assim, sigo motivada pela convicção de que a transformação do sistema passa também por nós,



mulheres que constroem, com coragem e competência, uma segurança pública mais justa, forte e humana.

Produção literária

Sou entusiasta e defensora da produção literária voltada ao sistema prisional e à Polícia Penal. Considero essas iniciativas não apenas relevantes, mas fundamentais para o fortalecimento da nossa identidade institucional. O que está escrito jamais será esquecido — e é por meio da escrita que registramos nossas vivências, desafios, avanços e também nossas dores, garantindo que a memória não se perca com o tempo.

A história do sistema prisional da Paraíba, especialmente no que diz respeito à Polícia Penal, ainda é recente enquanto força de segurança pública formalmente reconhecida. Estamos escrevendo as primeiras páginas dessa trajetória, e ser parte disso — não apenas como personagem, mas também como autora — é, para mim, um ato de responsabilidade histórica.

Publicações que nascem da experiência concreta, da escuta sensível e da reflexão crítica têm o poder de inspirar, provocar mudanças e ampliar o reconhecimento da complexidade do nosso trabalho. Registrar o que vivemos é valorizar a instituição, os servidores e também os movimentos de transformação que vêm sendo construídos com muito esforço ao longo dos anos.

A escrita, nesse contexto, é resistência, memória e também projeção de futuro. Por isso, sigo contribuindo e incentivando esse tipo de iniciativa, com a certeza de que



contar a nossa própria história é uma das formas mais legítimas de garantir respeito, permanência e evolução.

Minha trajetória por meio da escrita

Sim, já participei da obra “Mulheres que fazem acontecer no Sistema Penitenciário da Paraíba”, um livro que reúne vozes femininas atuantes no sistema prisional e que, com sensibilidade e força, compartilham suas experiências, desafios e conquistas. Foi uma honra contribuir com esse projeto e poder eternizar parte da minha trajetória por meio da escrita — especialmente com uma poesia em que homenageei duas mulheres que admiro profundamente: magistradas que, para mim, simbolizam compromisso e justiça — além de narrar minha própria caminhada de vida.

Acredito que escrever sobre o sistema prisional é também uma forma de reconhecimento e valorização de quem constrói essa história todos os dias, muitas vezes em silêncio. Tenho interesse em continuar escrevendo, seja de forma individual ou em parceria com colegas, pois compreendo que há um vasto campo ainda a ser explorado — não apenas em aspectos técnicos, mas também nas dimensões humanas, institucionais e sociais. Registrar nossas vivências é um ato político, pedagógico e histórico.

Alimento, ainda, o desejo de talvez um dia escrever uma obra autoral que una minhas experiências como mulher, policial penal e mãe atípica. Escrever, para mim, é também uma forma de resistência e legado.



PERFIL

Mirtes Daniele da Silva

Nascimento: João Pessoa/PB, em 02 de janeiro de 1987.

Filiação: Lenivaldo Daniel da Silva e Mirtes Bezerra da Silva.

Cursos/Especializações:

Gestão em Segurança Pública com Especialização em perfis criminais e comportamentais.

Ingresso no Sistema Penitenciário da Paraíba: 26 de setembro de 2012.



Roberto Daniel de Figueiredo



Ser policial penal é abraçar um sacerdócio moderno, uma missão que transcende a segurança e alcança a esfera da transformação social.

Início da jornada

Nos meus primeiros passos dentro dos muros do sistema prisional paraibano, em 2012, senti o peso da história e da humanidade ali contida.

Minha jornada na Secretaria da Administração Penitenciária da Paraíba iniciou em 2012, quando fui designado a prestar serviços na Penitenciária Dr. Romeu Gonçalves de Abrantes – PB1/PB2, um microcosmo da sociedade, onde sombras e luzes travam uma batalha diária pelo espaço.

A impressão inicial foi a de um desafio monumental, uma missão que exigiria mais do que força física, mas também a força da alma e a sabedoria do coração.

Vi nos olhos das pessoas privadas de liberdade não apenas o reflexo de seus erros, também foi possível enxergar, em alguns, a centelha de esperança, aguardando uma oportunidade – como um pedido de ajuda.

Na Penitenciária Dr. Romeu Gonçalves de Abrantes, tive a oportunidade de atuar como plantonista, armeiro e, em 2013, como Chefe de Segurança e Disciplina.

Ao longo dos anos, minha jornada me levou a peregrinar por diversas unidades e instituições. Para minha felicidade, cada posição foi um degrau na escada do aprendizado, onde a teoria se encontrava com a prática, e a lei com a humanidade.

Reconhecimento

No ano de 2008 fui agraciado com o Diploma de Honra ao Mérito, honraria concedida pelo Exército Brasileiro pela excelência no desempenho de funções aos militares que demonstram alto nível de competência, dedicação e rendimento em suas atividades, bem como pelo valor pessoal e zelo profissional, pelo reconhecimento das virtudes militares, da conduta exemplar na vida privada e pública, e da paixão pela profissão.

Em 2018 tive a honra de ser agraciado pela Polícia Militar da Paraíba com a Medalha de Serviços Distintos, ela destina-se a Oficiais e Praças da Corporação e, excepcionalmente, a civis e outras corporações que tenham contribuído com serviços ou atos para elevar o conceito da corporação, ou tenham se distinguido por atos de coragem, ou ainda tenham realizado trabalho excepcional em favor da comunidade.



Trajetória profissional — Múltiplas funções

Em 2012, iniciei minha jornada na Penitenciária Dr. Romeu Gonçalves de Abrantes – PB1/PB2, desempenhei as funções de plantonista, armeiro e, em 2013, fui nomeado Chefe de Segurança e Disciplina do PB1/PB2.

No ano de 2013, fui designado para a Penitenciária Desembargador Sílvio Porto, onde tive a oportunidade de atuar como plantonista, participamos do rearranjo administrativo da unidade, estabelecendo rotinas administrativas e fluxos de informações, criando formulários/modelos de documentos ordinários e extraordinários. Também participamos da reformulação e atualização do setor de Certidões Carcerárias – criando novos modelos/formulários e estabelecendo novas rotinas administrativas.

Em 2015, na sede da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária da Paraíba, assessorando diretamente o Gerente Executivo do Sistema Penitenciário (GESIPE), foi uma excelente oportunidade, tive a possibilidade de conhecer o Sistema Penitenciário Paraibano dividido em macrorregiões e analisar mais profundamente as peculiaridades de cada uma delas.

No ano de 2016, como Diretor do Centro Educacional do Jovem (CEJ), na Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente “Alice de Almeida” – Fundac/PB, a oportunidade de gerir uma unidade de privação de liberdade e as equipes multidisciplinares.

Ainda em 2016, fiquei à disposição da Secretaria Extraordinária para Grandes Eventos do Ministério da Justiça do Brasil, com os demais companheiros dos Estados



da Federação, tivemos a oportunidade de contribuir para o estabelecimento das rotinas operacionais de segurança para as instalações Olimpíadas e Paraolimpíadas - Rio 2016, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro/RJ.

No ano de 2017, Diretor do Centro Socioeducativo “Edson Mota” (CSE), na Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente “Alice de Almeida” – Fundac/PB, mais uma vez, tive a oportunidade de gerir uma unidade de privação de liberdade e as equipes multidisciplinares.

Ainda em 2017, como Coordenador-Adjunto de Segurança (2017 e 2018) da Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente “Alice de Almeida” – Fundac/PB, recebi a confiança de poder contribuir para a gestão do setor responsável pela segurança de todas as unidades socioeducativas do Estado da Paraíba.

Em 2018, fui nomeado para o cargo de Chefe de Gabinete da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária da Paraíba (2018 e 2019), experiência administrativa extraordinária. De fato, pude compreender como tudo funciona em nossa Secretaria de Estado – não existe formação que possa nos proporcionar essa capacitação.

No ano de 2019, fui convidado a retornar para a Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente “Alice de Almeida” – Fundac/PB, dessa vez, assessorando diretamente a Presidência daquela Fundação – incumbido da missão voltada para as atividades de Segurança Institucional e Inteligência (2019 e 2021) – extraordinária experiência. Crescimento profissional e pessoal gigantes.

Em 2022, fui convidado a compor os quadros da Gerência Executiva de Disciplina do Sistema Prisional

da Paraíba, como Membro da Comissão Permanente de Disciplina – CPD na Corregedoria da Seap/PB e Investigador Preliminar – onde continuo até o momento.

Ainda em 2022, fui nomeado, para exercer cumulativamente com as funções anteriores, como membro da Comissão Permanente de Procedimento Administrativo de Apuração de Responsabilidade – CPPAAR, da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária da Paraíba.

Todos esses cargos e funções transformaram-se em lições e formação, pessoal e profissional, sempre buscando aliar o conhecimento à prática. Reconhecer nossas limitações é o primeiro passo para a evolução!

Cursos e aperfeiçoamentos

Durante a jornada, destaco alguns:

2003 – Estágio de Explosivos e Destruição de Engenheiros Falhados (Forças Armadas do Brasil/Exército Brasileiro).

2010 – Curso de Direitos Humanos (Secretaria Nacional de Segurança Pública/SENASP).

2011 – Curso Nacional de Promotor de Polícia Comunitária (Secretaria Nacional de Segurança Pública/SENASP).

2011 – Estágio de Motopatrulhamento (Polícia Militar da Paraíba).

2014 – Elaboração de Projetos (Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba).



2015 – Curso de Formação de Multiplicadores no Modelo de Inspeção para Acesso de Pessoas, Objetos, Veículos e Materiais em Estabelecimentos Penitenciários (Departamento Penitenciário Nacional/ Ministério da Justiça).

2016 – Análise, Observação e Detecção de Comportamentos Suspeitos/CAOS (Departamento de Polícia Federal/ Ministério da Justiça).

2016 – Análise, Observação e Detecção de Comportamentos Suspeitos/VIGIAR (Departamento de Polícia Federal/ Ministério da Justiça).

2016 – Controle de acesso as Instalações/MAG & BAG (Departamento de Polícia Federal/ Ministério da Justiça).

2016 – Estágio de Gerenciamento de Crise (Polícia Militar do Estado da Paraíba).

2016 – Monitoramento Eletrônico/SAC24 (Spacecom Monitoramento S/A).

2018 – Instrutor Tecnologia Não Letal/POLY DEFENSOR.

2019 – Contratos e Convênios na Administração Pública (Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba).

2019 – Aspectos Gerais Sobre Licitação (Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba).

2019 – Educação em Direitos Humanos (Escola Nacional de Administração Pública).

2019 – Cidadania e Direitos Humanos (Escola Nacional de Administração Pública).

2019 – Direitos Humanos da Criança e do Adolescente (Escola Nacional de Administração Pública).

2019 – Tratamento de Denúncias em Ouvidoria (Escola Nacional de Administração Pública).

2019 – Gestão de Conselhos de Direitos Humanos (Escola Nacional de Administração Pública).

2019 – Programa/Conselhos Tutelares (Escola Nacional de Administração Pública).

2019 – Formação de Conselheiros: Conselhos Tutelares (Escola Nacional de Administração Pública).

2019 – Gestão em Segurança Pública.

Professor, instrutor e palestrante

Tive a oportunidade de poder contribuir para a formação e aperfeiçoamento de alguns profissionais no decorrer do serviço público – Foram mais de 1.000 (mil) pessoas que já passaram por algum tipo de formação e aperfeiçoamento. Destaco:

Instrutor (2016)

Modelo de Inspeção para Acesso de Pessoas, Objetos, Veículos e Materiais para Acesso à Instalações Olímpicas e Paraolímpicas (Secretaria Extraordinárias para Grandes Eventos do Ministério da Justiça do Brasil).

Palestrante (2017)

Comportamento em Ambiente de Privação de Liberdade para Adolescentes e Jovens em Cumprimento de Medida Socioeducativa em Meio Fechado.

Instrutor (2019)

Tecnologia Não Letal – Nivelamento para uso de sprays incapacitantes – formação continuada para servidores da Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente “Alice de Almeida” – FUNDAC/PB.

Palestrante (2019)

Comportamento em Ambiente de Privação de Liberdade para Adolescentes e Jovens em Cumprimento de Medida Socioeducativa em Meio Fechado. Formação Continuada para Professores e Técnicos da Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente “Alice de Almeida” – FUNDAC/PB.

Palestrante (2020)

Comportamento em Ambiente de Privação de Liberdade para Adolescentes e Jovens em Cumprimento de Medida Socioeducativa em Meio Fechado. Formação Continuada para Professores e Técnicos da Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente “Alice de Almeida” – FUNDAC/PB.

Instrutor (2020)

Plano de Segurança das Unidades Socioeducativas. Curso de Formação de Agentes Socioeducativos da Paraíba (IBADE – Instituto Brasileiro de Apoio e Desenvolvimento Executivo).

Professor (2022)

Processo Seletivo Simplificado para Professor no Curso de Controle de Acesso de Pessoas, Veículos e Objetos em Áreas de Segurança (Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba/ESPEP-PB).

Instrutor (2022)

Parâmetros de Segurança para Unidades Socioeducativas. Curso de Formação Continuada para Agentes Socioeducativos (Escola de Serviço Público da Paraíba ESPEP/PB).

Instrutor (2022)

Procedimentos Padrão de Revista e Equipamentos de Inspeção Corporal e Material e Segurança em Unidades Socioeducativa – Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente “Alice de Almeida” – FUNDAC/PB.

2023 – Processo Seletivo Simplificado para Professor

Curso de Curso de Controle de Acesso de Pessoas, Veículos e Objetos em Áreas de Segurança (Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba/ESPEP-PB).

Instrutor (2023)

Procedimentos Padrão de Revista e Equipamentos de Inspeção Corporal e Material e Segurança em Unidades Socioeducativa – Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente “Alice de Almeida” – FUNDAC/PB.

2024 – Processo Seletivo Simplificado para Professor

Curso de Controle de Acesso e Segurança em Área Hospitalar (Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba/ESPEP-PB).

2024 – Processo Seletivo Simplificado para Professor



Curso de Curso de Controle de Acesso de Pessoas, Veículos e Objetos em Áreas de Segurança (Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba/ESPEP-PB).

Metamorfose

Minha trajetória é tecida de encontros e desafios. Como mencionado anteriormente, iniciou-se no Exército Brasileiro (2001-2008) e na Polícia Militar da Paraíba (2010-2012) antes de ingressar no sistema penitenciário em 2012.

Estou presenciando nossa instituição e cargo metamorfoseando-se, de agente de segurança penitenciária para policial penal, de Secretaria de Estado da Administração Penitenciária para, se o Arbitro do Mundo permitir, a nobre Polícia Penal. Um reconhecimento tardio, mas justo, dada a complexidade de nossa missão, que requer ajustes constantes.

Evolução

Testemunhei a transformação da Seap-PB, um processo lento, mas inexorável, rumo à modernização. A polícia penal, que será realidade em breve, é mais que uma força de contenção; é um agente de transformação social. Minhas especializações em Gestão de Sistemas Prisionais e Gestão Pública, junto à experiência em diferentes cargos, nos passam a impressão de que estamos no caminho certo – o do progresso.



Integração

A promoção da integração com as demais Forças de Segurança Pública, bem como com as demais instituições públicas e Organizações da Sociedade Civil, é o caminho. Experimentei isso na missão dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos Rio 2016 – ao coordenar equipes, que às vezes, ultrapassavam 100 (cem) operacionais/dia, cuidando do controle de acesso de pessoas, veículos e objetos às instalações olímpicas e paraolímpicas.

Em 2019, tive outra oportunidade, dessa vez em nosso Estado, de planejar, elaborar e coordenar a “Operação Gabarito” na Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente “Alice de Almeida”. Essa Operação cuidou da substituição de mais de 97% do efetivo de agentes socioeducativos do Estado da Paraíba – por policiais militares estaduais, para que os servidores da Fundac/PB, inscritos no concurso público – para o cargo de agente socioeducativo da Paraíba, pudessem realizar a prova do concurso para o mesmo cargo, que ocorreu no dia 27 de outubro, do mesmo ano. Duração de 60h e foi necessário capacitar os mais de 140 policiais militares que iriam atuar em ambiente de cumprimento de medida socioeducativa – um desafio. Tudo isso nos deu a certeza de que nada é conquistado no isolamento!

Poder do diálogo

Aprendi que a arma mais poderosa em nosso arsenal não é a força, mas a palavra. O diálogo com a população privada de liberdade e com o público interno e



externo constrói pontes onde antes havia muros, desarma corações e abre caminhos para a ressocialização e o progresso de nossa instituição e carreira. Minha atuação como palestrante, instrutor e professor me deu segurança para acreditar na importância atribuída à comunicação e ao entendimento do comportamento humano.

Importância do Aperfeiçoamento

O conhecimento é nossa armadura! O aperfeiçoamento profissional constante nos torna mais eficazes, mais justos e mais humanos. Meus cursos em Direitos Humanos, Elaboração de Projetos, Gerenciamento de Crise e a formação como instrutor e o título de professor – são um compromisso que assumi comigo mesmo – a capacitação contínua.

A força da integração

Somos parte de um todo. A integração com as demais Forças Policiais, como demonstrado na “Operação Gabarito” que envolveu a Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente “Alice de Almeida” – FUNDAC/PB, Polícia Civil, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba, Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU e a Secretaria de Estado da Administração Penitenciária da Paraíba – SEAP/PB, ampliou nossa capacidade e visão estratégica.

Ficou explícito que, para proteger a sociedade e combater o crime organizado, que tece suas teias dentro



e fora dos muros, é necessária a integração entre as Forças Policiais.

Sistema prisional – Hoje

Comparado aos meus primeiros dias, o sistema prisional paraibano avançou, mas ainda há um longo caminho a percorrer. A crescente curva ascendente de crescimento da população carcerária no Brasil, a infraestrutura que necessita de aperfeiçoamento e adequação aos desafios contínuos impostos ao Sistema Penitenciário e os desafios voltados para os recursos humanos são fatos que exigem nossa atenção e ação.

As lições aprendidas em Gestão de Sistemas Prisionais e a participação na elaboração do “Plano de Segurança para Unidades de Internação e Execução de Medidas Socioeducativas no Estado da Paraíba” reforçam o pensamento de que há sempre a necessidade de investimento em infraestrutura e planejamento.

Lições e Aprendizados

A maior lição que aprendi é que cada vida importa. A ressocialização não é utopia, mas uma meta alcançável com investimento em pessoal, infraestrutura e, acima de tudo, em cidadania – necessitamos entender como podemos ser mais eficientes nesse tema (ressignificação/ressocialização).

Minhas atividades como professor e instrutor cauterizaram o pensamento de que é importante buscar



qualificação profissional e pessoal, e a experiência, atuando na área correcional – ratificaram o entendimento de que nada resiste – se todas as atividades não estiverem aliadas às boas práticas.

Liderar

Tive a oportunidade de exercer a função de Chefe de Segurança e Disciplina na Penitenciária Dr. Romeu Gonçalves de Abrantes – PB1/PB2, em 2013. A honra de dirigir o Centro Educacional do Jovem (CEJ), em 2016, e o Centro Socioeducativo “Edson Mota” (CSE) em 2017.

Liderar uma unidade socioeducativa ou estar responsável pela segurança e disciplina, em unidade prisional, é como reger uma orquestra complexa, onde cada instrumento tem seu papel fundamental – é preciso reconhecer isso!

A equipe é o coração da instituição, e sua articulação, qualificação e compromisso são a espinha dorsal de nossa missão. É preciso inspirar, motivar, mediar conflitos, zelar pelo bem-estar de todos e, acima de tudo, manter a chama da esperança acesa nos corações dos liderados – são a força motriz!

A gestão prisional é um ato de fé na capacidade humana de se reinventar, pude observar durante o desempenho das funções e experiências profissionais, seja responsável pela segurança e disciplina em um estabelecimento penal, responsável pela gestão de unidades socioeducativas, bem como (a demonstrada) na complexidade da Missão Rio 2016 – como coordenador



de equipe - e a “Operação Gabarito” que, sob nossa coordenação, exigiu o alinhamento com diversos órgãos de Segurança Pública para que pudesse transcorrer sem alterações.

Policia! penal

Ser policial penal é abraçar um sacerdócio moderno, uma missão que transcende a segurança e alcança a esfera da transformação social. Com minha trajetória no Exército e na Polícia Militar, trago a disciplina e o compromisso com a ordem.

Integrar a mais jovem Força de Segurança Pública da Paraíba é ser pioneiro, desbravador de um novo caminho, onde a justiça se alia à esperança e a lei à compaixão. É carregar nos ombros a responsabilidade de construir um sistema prisional mais justo, humano e eficaz, contribuir com o desenvolvimento da instituição.

Desafios – Determinação

Os desafios são muitos, mas nossa determinação é maior.

Construção da identidade, por exemplo: moldar a identidade da Polícia Penal, forjar um espírito de corpo que una tradição e inovação, é um desafio constante. Minha atuação, especialmente em comissões permanentes, na Corregedoria da Seap/PB, desde 2022, nos traz a certeza da importância de estabelecer padrões éticos e disciplinares.



Valorização profissional: o reconhecimento e a valorização da categoria, seja por condições de trabalho adequadas, por questões salariais, é uma oportunidade de crescimento - é um caminho. Nossa trajetória e experiência em diferentes funções me ajudaram a contribuir para uma administração mais eficiente e valorizadora.

Modernização do sistema: implementar novas tecnologias, aprimorar os processos de gestão, humanizar o atendimento à população carcerária e fortalecer a segurança - são metas que exigem investimentos e planejamento estratégico. Minha formação acadêmica, profissional e pessoal, e a participação na produção de um manual de segurança - foram oportunidades que sugiram e que pude demonstrar, na prática, a busca por processos organizados e seguros.

Ressocialização como prioridade: colocar a ressocialização no centro de nossas ações, oferecer educação, trabalho, saúde e apoio psicossocial aos privados de liberdade, é o caminho para quebrar o ciclo da violência e do crime - e construir uma sociedade mais segura.

Produção literária

A produção literária sobre o sistema prisional e a polícia penal é um farol que ilumina os cantos escuros da nossa realidade. Livros, artigos e estudos acadêmicos são ferramentas poderosas para desmistificar o cárcere, humanizar seus habitantes e promover o debate sobre a justiça e a ressocialização - uma "Pena Justa".

Minha produção científica, como o artigo “Princípios e Código Norteadores da Conduta do Arquivista em Instituições Públicas no Brasil”, publicado na revista científica eletrônica TARAIRIÚ da Universidade Estadual da Paraíba <<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/10724/1/PDF%20-%20Roberto%20Daniel%20de%20Figueiredo.pdf>>.

O artigo científico “TRAÇANDO O PERFIL PROFISSIONGRÁFICO PARA O INVESTIGADOR PRELIMINAR NO SISTEMA PRISIONAL PARAIBANO: Proposta de instrumento de recrutamento e seleção”, publicado em livro, no formato de artigo científico - exigido por aquela banca.

A Coleção Diálogos Arquivísticos, cujo título é: GESTÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: Avanços, Perspectivas e Desafios Contemporâneos - Volume 2.

O artigo: “O MODELO ATUAL DE PRISÕES: Por que o utilizamos e como chegamos até aqui?”, publicada no Blog “O Repórter” < https://oreporter10.blogspot.com/2025/04/o-modelo-atual-de-prisoas-por-que-o_33.html>.

Todas as produções escritas são formas de compartilhar o conhecimento e a experiência para o desenvolvimento da área.

Contribuição significativa

A experiência de ter colaborado no “Plano de Segurança para Unidades de Internação e Execução de Medidas Socioeducativas no Estado da Paraíba”,



considero uma contribuição significativa para a história da segurança prisional e socioeducativa.

Contribuir para a construção da memória da Seap-PB é um dever de honra. Somos personagens e autores dessa história e deixamos um legado para as futuras gerações, um testemunho de nossa luta, nossos sonhos e nossas conquistas.

É escrever com nossas próprias mãos as páginas de um novo capítulo na história do Sistema Prisional Paraibano.

Livro autoral

Participei, como mencionei anteriormente, com artigo para produção de um livro, na área de gestão pública. A ideia de escrever um livro, ou expandir a produção de artigos, é um norte que pretendo seguir.

A experiência em Gestão Prisional e Socioeducativa e minha atuação em diversas áreas desses Sistemas, acredito que me habilita a compartilhar essas experiências, reflexões e aprendizados com outros colegas e com a sociedade – de uma forma a dar voz – aos que não a têm, e de construir um futuro mais justo e humano para todos que atuem, ou que posteriormente venham atuar nessas instituições.



PERFIL

Roberto Daniel de Figueiredo

Nascimento: João Pessoa-PB, em 12/04/1982.

Formação: Bacharel em Arquivologia.

Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão de Sistemas Prisionais.

MBA em Gestão Pública.

Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão em Administração Pública.

Ingresso no Sistema Penitenciário da Paraíba: 2012.



Rogério Gominho



Ser policial penal é ser agente de segurança, de transformação social e de esperança. É carregar a missão de equilibrar disciplina com empatia, firmeza com justiça, e legalidade com sensibilidade.

Caminho percorrido: aprendizados, experiências, habilidades, superação

Minha entrada no sistema prisional paraibano ocorreu através do concurso de 2008. Nos primeiros dias e meses, atuei na subgerência de Recursos Humanos por um período de dois anos. Nesse setor, pude compreender a estrutura organizacional e administrativa do sistema. Durante esse período, também integrei Comissões de Sindicância e Inquérito Administrativo, o que me proporcionou uma visão mais aprofundada dos processos disciplinares e das responsabilidades funcionais no serviço público.

Posteriormente, fui trabalhar no Instituto de Psiquiatria Forense, onde atuei inicialmente como agente plantonista e, mais tarde, como coordenador de plantão. Essa experiência foi particularmente marcante, pois me permitiu conhecer de perto a realidade de pessoas com transtornos mentais que entraram em conflito com a lei. Trabalhar nessa unidade me trouxe uma compreensão mais sensível e técnica sobre os desafios que envolvem a interseção entre saúde mental e sistema penal.

Em meados de 2012, fui transferido para a Penitenciária de Recuperação Feminina Maria Júlia Maranhão, onde permaneci por um período inferior a um ano, também atuando como agente plantonista. Nessa unidade, percebi com clareza como a realidade do encarceramento feminino apresenta desafios específicos e muitas vezes invisibilizados, ligados às questões de gênero. As demandas sociais, emocionais e estruturais enfrentadas pelas mulheres privadas de liberdade exigem abordagens diferenciadas e sensíveis à sua condição.

Nesses anos iniciais, ficou evidente que o sistema prisional paraibano passava por um processo de transformação. Observavam-se melhorias significativas em termos de equipamentos, padronização de procedimentos e nas condições gerais de trabalho. Esse período também foi marcado por uma fase intensa de aprendizado. Como servidor oriundo do concurso de 2008, convivemos com colegas mais experientes — os chamados “antigões” — e também com novos servidores que ingressaram conosco no sistema e que, em muitos casos, já traziam bagagem na área da segurança pública, inclusive prisional. Essa convivência



e troca de experiências foram fundamentais para nosso crescimento e adaptação dentro do sistema.

Passados os anos iniciais da minha atuação no sistema prisional paraibano, minha trajetória profissional se consolidou principalmente com as funções e cargos que ocupei. Com destaque para as seguintes experiências:

Subgerência de Recursos Humanos (2009–2011):

- Atuação nos dois primeiros anos no sistema prisional, após aprovação no concurso de 2008.

- Experiência voltada à auxiliar estrutura administrativa daquela subgerência.

- Participação ativa como membro de Comissões de Sindicância e Inquérito Administrativo.

Instituto de Psiquiatria Forense (2011–2012):

- Iniciei como agente plantonista e posteriormente fui coordenador de plantão.

- Apreendi profundamente sobre a realidade de pessoas com transtornos mentais em conflito com a lei.

Penitenciária de Recuperação Feminina Maria Júlia Maranhão (2012 – 2013) inferior a 1 ano:

- Atuei como agente plantonista. Essa experiência ampliou minha compreensão sobre a realidade do encarceramento feminino, com seus desafios próprios e marcadamente distintos da população carcerária masculina.

Direção do Instituto de Psiquiatria Forense (2013 – atual):

- Após a substituição completa da gestão anterior, a médica psiquiatra Dra. Andreia Lígia assumiu como diretora titular e eu fui convidada a assumir como diretor-adjunto, compondo a nova equipe.

Foco inicial: melhorar a estrutura e as condições de trabalho dos servidores. Entre as principais ações:

- Criação de alojamentos para servidores plantonistas (masculino e posteriormente feminino). Ampliação e reforma do refeitório dos servidores.

- Organização de prontuários e registros de internos, desde sua inauguração).

- Implantação de uma horta terapêutica – ainda em funcionamento.

- Parcerias com a iniciativa privada para reformas e melhorias no ambiente da unidade.

- Fortalecimento da segurança física da unidade. Anteriormente, bastante vulnerável.

- Integração com o setor psicossocial para celebração de datas festivas (Carnaval, Páscoa, São João, Natal).

- Parcerias institucionais que enriqueceram a rotina dos internos com atividades de cunho educativo, terapêutico e ocupacional.

Em abril de 2013, com o afastamento da diretora titular por questões de saúde, assumi interinamente a direção.



- Em agosto de 2013, fui nomeado diretor titular da unidade, cargo que exerço até a presente data (2025).

Ao longo desses anos, desempenhei funções administrativas, operacionais e de gestão em unidades distintas, acumulando vivência – tanto no atendimento direto a internos – quanto na liderança de equipes e processos institucionais. A experiência no Instituto de Psiquiatria Forense, onde estou desde 2011 e dirijo desde 2013, tem sido especialmente marcante. Trata-se de uma trajetória repleta de aprendizado, superação de desafios e compromisso com a melhoria contínua das condições de trabalho, da segurança institucional e da dignidade no cumprimento da pena.

Sistema prisional paraibano

Ao olhar para o Sistema Prisional Paraibano hoje, em comparação com o meu primeiro ano de atuação, percebo uma evolução significativa e marcante. Vivemos um processo de aperfeiçoamento institucional, com avanços que seriam impensáveis no início da minha trajetória.

Nos primeiros anos, enfrentávamos sérias limitações estruturais, operacionais e organizacionais. Hoje, vejo um sistema que amadureceu, se organizou melhor e que se preocupa em buscar soluções que atendam as necessidades da categoria, modernizando os seus processos. Entre as mudanças mais relevantes, destaco:

- A criação de grupos especializados, como o GPOE, FTPEN, GECH, COPEN, que proporcionaram mais segurança, profissionalismo e agilidade às operações.

- Aponto a criação da Coordenação de Operações Penitenciárias (COPEN), que aprimorou a comunicação entre unidades e fortaleceu a coordenação das ações em nível estadual.

- O amadurecimento e evolução da Gerência de Inteligência e Segurança Orgânica Penitenciária (GISOP), que hoje atua de forma estratégica. Reconhecida e respeitada pelas entidades coirmãs em nível estadual e nacional.

- A implementação de sistemas eletrônicos de gestão, como o Infopen, que otimizou o controle e a produção de dados essenciais para as rotinas e tomada de decisões.

- O acautelamento individual e coletivo de armamentos e coletes balísticos, que promoveu a maior proteção aos policiais penais.

- A disponibilização de viaturas próprias para missões externas, algo que, nos anos iniciais, sequer era cogitado como possibilidade.

Essas conquistas refletem o esforço coletivo dos policiais penais da Paraíba, que ao longo dos anos vêm construindo uma identidade profissional cada vez mais forte, reconhecida e respeitada. A atividade policial penal, hoje, é mais estruturada, técnica e preparada para os desafios contemporâneos da segurança pública e do sistema prisional.

As lições e aprendizados que carrego dessa trajetória são muitas. Aprendi que as mudanças exigem persistência, diálogo e compromisso com o interesse público. Compreendi a importância da liderança

participativa, da valorização das equipes e da busca constante por soluções criativas mesmo diante de cenários adversos.

Tenho orgulho de fazer parte dessa caminhada, contribuindo com dedicação e responsabilidade para a construção de um sistema mais justo, seguro e eficiente – não apenas para os servidores, mas para toda a sociedade paraibana.

Missão do gestor

Como já foi dito, atualmente, exerço a função de diretor do Instituto de Psiquiatria Forense da Paraíba, e posso afirmar com convicção que dirigir uma unidade prisional é uma missão desafiadora, que exige dedicação, responsabilidade e, acima de tudo, um profundo compromisso com a função pública e com as pessoas envolvidas no processo – servidores e internos.

Essa não é uma tarefa que se realiza de forma solitária. A gestão de uma unidade prisional só é possível com o trabalho de uma equipe articulada, qualificada e compromissada. A atuação de cada servidor, especialmente daqueles que estão na linha de frente – na chamada “ponta da lança” – precisa ser valorizada e respaldada. São esses profissionais que vivenciam diariamente as complexidades do ambiente prisional e, por isso, merecem atenção especial e o suporte constante da gestão.

Manter a motivação diária para buscar melhorias no ambiente de trabalho e nas relações humanas é

um dos grandes desafios dessa função. Trata-se de um exercício contínuo de escuta, sensibilidade e ação. Isso envolve tanto o cuidado com a estrutura física e organizacional da unidade quanto a valorização das pessoas: o diálogo com os companheiros de trabalho, o acolhimento das famílias dos internos e a escuta da própria massa carcerária são fundamentais para uma gestão humanizada e eficiente.

Acredito firmemente que uma equipe entrosada, que confia uns nos outros, é mais eficiente, segura e preparada para lidar com as adversidades. Quando há confiança mútua e clareza nos objetivos, o ambiente de trabalho se torna mais saudável e produtivo. Nesse sentido, trabalhar com legalidade, com respeito às normas e sempre em defesa da integridade física e emocional de todos os envolvidos, deve ser um princípio norteador da atividade penitenciária.

Compreendo que uma gestão eficiente se constrói com a colaboração de todos, ouvindo, respeitando e valorizando cada integrante da equipe. Somente assim é possível avançar e promover um sistema prisional mais justo, seguro e digno para todos.

Policial penal

Ser policial penal, especialmente fazendo parte da mais jovem Força de Segurança Pública da Paraíba, representa, para mim, a quebra de estereótipos e a afirmação de uma identidade profissional em constante construção e fortalecimento. É exercer uma função



essencial à sociedade, muitas vezes invisibilizada, mas de altíssimo impacto na manutenção da ordem, da segurança e da justiça social.

Integrar essa força emergente é, ao mesmo tempo, um orgulho e uma grande responsabilidade. O policial penal moderno precisa ser um profissional completo, com um conhecimento técnico quase generalista. Deve dominar a legislação vigente, compreender os princípios do direito penal, processual e da execução penal, ter conhecimento operacional de segurança, e, sobretudo, desenvolver pensamento crítico e analítico, pois muitas vezes está diante de situações que podem evoluir para o caos em poucos segundos, exigindo respostas rápidas, inteligentes e dentro da legalidade.

Ser policial penal também é atuar para além da vigilância e da contenção. É trabalhar com a perspectiva da ressocialização, criando e mantendo condições que permitam que o indivíduo privado de liberdade possa cumprir sua pena de forma digna, com a possibilidade real de retornar ao convívio social como cidadão. Essa é uma das nossas missões mais nobres: cumprir e fazer cumprir as regras legais e sociais, não apenas com autoridade, mas também com humanidade e responsabilidade.

Portanto, ser policial penal é ser agente de segurança, de transformação social e de esperança. É carregar a missão de equilibrar disciplina com empatia, firmeza com justiça, e legalidade com sensibilidade. E é justamente esse equilíbrio que tem moldado a identidade da Polícia Penal da Paraíba — uma força jovem, sim, mas cada vez mais madura, respeitada e essencial para a segurança pública do nosso Estado.

Desafios

Os desafios que enfrento enquanto agente essencial nesse processo de formação da Polícia Penal e, por consequência, na evolução do sistema prisional da Paraíba, são muitos – e complexos. Mas acredito que o maior deles é não desmotivar, mesmo diante das dificuldades diárias, das limitações estruturais, da burocracia e da lentidão de alguns avanços.

Manter-se motivado, acreditando que o trabalho que fazemos hoje está ajudando a pavimentar o caminho para aqueles que virão depois de nós, é uma missão diária. É encontrar sentido no esforço coletivo, sabendo que, mesmo que não colhamos todos os frutos agora, estamos semeando um futuro mais estruturado, profissional e digno para a Polícia Penal e para o sistema prisional como um todo.

Como diz o ditado, “se não podes mudar tudo, procure pelo menos deixar as coisas melhores”. Esse tem sido um lema que carrego comigo. Não se trata apenas de grandes reformas ou projetos inovadores, mas de atitudes diárias, de posturas éticas, de pequenas melhorias no ambiente de trabalho, nas relações humanas, na organização interna, no respeito à legalidade e à dignidade de todos os envolvidos no sistema.

Nesse processo, o desafio é também ajudar a consolidar uma identidade profissional forte para a polícia penal, ainda em formação. Isso exige preparo, paciência e, sobretudo, responsabilidade com o legado que estamos construindo. Precisamos ser exemplos de conduta, compromisso e liderança, pois é essa postura



que inspira os mais novos e fortalece o respeito à nossa função perante a sociedade.

Ser parte dessa história é motivo de orgulho. E mesmo diante dos desafios, sigo com a convicção de que cada passo dado com seriedade e propósito é uma contribuição concreta para a evolução de um sistema mais justo, eficiente e humano.

Produção literária

Sou um entusiasta das produções literárias. Especialmente aquelas que têm se voltado, nos últimos anos, para o sistema prisional e a construção da identidade da polícia penal. Essas obras registram nossas memórias, nossas histórias e, também, nossos desejos enquanto profissionais e enquanto instituição. Trata-se de uma forma de eternizar experiências, desafios e aprendizados que, muitas vezes, ficam restritos aos muros das unidades prisionais.

Considero extremamente relevante contribuir com esse processo, seja como personagem, autor de artigos, colaborador ou mesmo trazer reflexões. Cada pessoa vive, percebe e interpreta a realidade sob uma ótica própria – é nesse compartilhamento de visões que se constrói o conhecimento coletivo. Quando escrevemos ou participamos de uma produção literária, estamos ajudando a formar um legado, a dar forma à identidade da Polícia Penal e a escrever, literalmente, as primeiras páginas dessa nova fase da história quase centenária da Seap-PB.

Se, de alguma maneira, o que vivi ou relatei – puder ajudar outras pessoas, orientar decisões ou inspirar



novas práticas, então considero que parte da nossa missão está sendo cumprida. Porque nossa atuação não se encerra no turno de trabalho – ela continua na forma como marcamos positivamente as pessoas e as instituições ao nosso redor.

Contribuir com esse campo literário, portanto, é também uma forma de serviço público, de valorização da nossa categoria e de construção de uma memória institucional sólida, crítica e respeitosa com a trajetória de todos que fazem e fizeram parte desse sistema.

Livro autoral

Publicar um livro, seja individualmente ou em parceria, é uma ótima forma de compartilhar conhecimentos e reflexões sobre o sistema prisional. Ainda não pensei nessa possibilidade, mas podemos amadurecer esse pensamento.

PERFIL

Rogério Borges Ferraz Gominho

Nascimento: Manaus-AM, em 14/07/1978.

Formação: Graduado em Administração e Direito.

Pós-Graduação:

Gestão da Qualidade e Produtividade.

Direito Material e Processual do Trabalho.

Ingresso no Sistema Penitenciário da Paraíba: 17/01/2009.



Stanley Gusmão



Com o passar dos dias, do serviço e da vivência na rotina prisional, tornou-se claro o verdadeiro significado da missão assumida: exercer, com firmeza e humanidade, o papel essencial da polícia penal na sociedade.

Primeira impressão: primeiros dias, meses...

A primeira impressão foi a de ter atravessado para um mundo paralelo – um universo à parte, delimitado por grades, concreto e olhares desconfiados. O som seco do portão de ferro se fechando atrás de mim ainda ecoa na memória, como se selasse o início de uma travessia sem retorno. Fui designado para a Penitenciária de Segurança Máxima Dr. Romeu Gonçalves de Abrantes – PB1, mas, por um equívoco, acabei me apresentando na Penitenciária Criminalista Geraldo Beltrão. Era meu primeiro contato real com o sistema, e, embora não

soubesse na época, aquele dia marcaria o começo de uma longa e intensa jornada no universo penitenciário.

Trajetória profissional

Penitenciária de Segurança Máxima Criminalista Geraldo Beltrão – Designado para exercício em 17/10/2012, logo após a nomeação em concurso público.

Gerência de Inteligência e Segurança Orgânica Penitenciária (GISOP) – Designado em 03/10/2018 à 03/04/2024.

Penitenciária de Regime Especial Desembargador Francisco Espínola – Nomeado como Diretor Adjunto em 21/12/2020 exonerado do cargo em 06/09/2022.

Penitenciária Regional Padrão de Catolé do Rocha – Desempenhei a função de Diretor na Unidade na Intervenção de Força Tarefa na Unidade – de 01/06/2021 a 30/06/2021.

Escola de Gestão Penitenciária (EGEPEN) – Dias atuais.

Na Penitenciária de Segurança Máxima, iniciei minha atuação como plantonista, assumindo posteriormente a função de coordenador de plantão. Nesse período, estive diretamente envolvido com a alimentação e gestão de dados prisionais nos sistemas INFOPEN e SIAPEN, além de ser responsável pelos aspectos técnicos de informática da unidade.

Após anos de dedicação à área de forense computacional e mobile – e já com uma Especialização em Inte-



ligência Prisional de Segurança Pública e de Estado – fui convidado a integrar a Gerência de Inteligência e Segurança Orgânica Penitenciária (GISOP). Nesse setor, atuei em diversas frentes da Contraineligência, participando de operações estratégicas dentro e fora do estado, representando a Inteligência e a Seap/PB em missões de relevância institucional e de Segurança Pública.

Em seguida, fui designado para a Penitenciária de Regime Especial Desembargador Francisco Espínola, com a missão de fortalecer o Complexo do PB1. Lá, ajudei a consolidar o primeiro núcleo de inteligência da unidade, criando um elo fundamental entre a penitenciária e a Gerência de Inteligência, otimizando o fluxo de informações estratégicas.

Recentemente, dei mais um passo na carreira ao assumir funções no setor pedagógico da EGEPEN – Escola de Gestão Penitenciária com o propósito de contribuir com a formação continuada dos policiais penais e, futuramente, colaborar na formação das novas gerações da Polícia Penal, fortalecendo ainda mais o capital humano da segurança pública paraibana.

Sistema prisional paraibano

O sistema penitenciário paraibano vem se profissionalizando significativamente, desde a chegada dos primeiros servidores concursados em 2009, marcando o início de uma nova identidade institucional. Essa evolução culminou na transformação do antigo cargo de agente penitenciário para policial penal – uma mudança que não



apenas reconheceu os direitos da categoria, mas também ampliou suas responsabilidades. Com isso, consolida-se um modelo de gestão mais justo, eficiente e comprometido com a legalidade, a segurança e, sobretudo, com a ressocialização da pessoa privada de liberdade.

Gestor

Tive a oportunidade de integrar as fileiras do Alpha-10 como Diretor Adjunto, compondo uma equipe estratégica dentro do Complexo Penitenciário PB1. Nesse papel, vivenciei de perto os desafios que transcendem o simples controle da população carcerária. A gestão da unidade envolvia uma série de aspectos complexos, como o abastecimento de água e energia, a organização das visitas externas, a segurança interna e externa, a administração das escalas de serviço, o convívio entre os policiais penais e a aplicação rigorosa de procedimentos disciplinares.

Além disso, estive à frente da delicada tarefa de alocar presos conforme sua tipificação criminal, suas ligações com facções, decretos de morte, envolvimento em crimes de repercussão, e outros processos que permeiam a rotina de uma unidade prisional.

Durante esse período, também participei de uma força-tarefa de intervenção na Penitenciária Regional Padrão de Catolé do Rocha, onde atuei como diretor por 30 dias. Junto à equipe de intervenção e aos dedicados plantonistas da unidade, fui responsável por estabilizar a situação e assegurar o funcionamento da unidade.



Essas experiências foram fundamentais para compreender, na prática, a complexidade da gestão prisional e a importância de um trabalho integrado e estratégico para a manutenção da ordem e segurança dentro das unidades.

PoliciaI penal

Sendo bem sincero, acredito que poucos, ou quase ninguém, cresceram sonhando em se tornar policial penal ou em lidar diretamente com a complexa realidade da população carcerária brasileira. No entanto, ao longo da caminhada em busca da aprovação em um concurso público, o destino reuniu homens e mulheres valorosos que hoje compõem as fileiras da Seap/PB.

Com o passar dos dias, do serviço e da vivência na rotina prisional, tornou-se claro o verdadeiro significado da missão assumida: exercer, com firmeza e humanidade, o papel essencial da polícia penal na sociedade. Cabe a nós garantirmos o cumprimento das penas impostas pelo Judiciário àqueles que transgridem as normas sociais, ao mesmo tempo, em que buscamos, com profissionalismo e respeito à dignidade humana, contribuir para a reintegração social dos apenados.

Desafios

Ao longo desses anos, enfrentei desafios complexos e transformadores no exercício da minha função como



Agente de Segurança Penitenciária, especialmente durante um dos períodos mais marcantes da história do sistema prisional paraibano: a transição institucional que culminou na criação da Polícia Penal.

Essa trajetória foi marcada por conquistas, aprendizados e um compromisso constante com a evolução da categoria e da segurança pública.

Reconhecimento e valorização da categoria, adaptação à nova identidade institucional, atuação em unidades de alta complexidade, contribuição para a inteligência e segurança institucional, liderança e gestão com foco humano e formação continuada e comprometimento ético.

Produção literária

A produção literária recente sobre o sistema prisional e a polícia penal é, sem dúvida, não apenas necessária, mas também urgente. Ela desempenha um papel crucial na construção da memória institucional, na análise crítica e na valorização de uma categoria que, por muitos anos, foi negligenciada e mantida à margem das discussões sobre segurança pública.

Refletir sobre essa produção é, portanto, refletir sobre o papel e o protagonismo dos servidores que, ao longo de anos, sustentaram o funcionamento do sistema prisional, enfrentando desafios enormes – muitas vezes sem o reconhecimento merecido. A emergência dessa narrativa é fundamental para que a história da polícia penal seja contada por aqueles que realmente



a vivenciaram e que, com dedicação, contribuíram para sua construção.

Não se pode tratar de segurança pública sem abordar o sistema penitenciário, uma vez que todas as articulações e ações relacionadas ao crime organizado estão, muitas vezes, dentro das unidades prisionais, onde os reeducandos passam – a maior parte de suas vidas. Assim, a compreensão do sistema prisional é essencial para qualquer estratégia de segurança pública eficaz.

Artigos - Livro autoral

Tive o privilégio de conhecer pessoas honrosas dentro da segurança pública, cujas orientações e apoio abriram portas tanto na área operacional quanto na literária. Foram esses encontros que me incentivaram a contribuir com artigos na Revista Brasileira de Execução Penal – DEPEN, no terceiro volume do livro Inteligência, Segurança Pública e Organização Criminosa e no livro Polícia Penal em Foco.

Além disso, tive a oportunidade de participar de diversas palestras em outros Estados e instituições de segurança pública e de ensino, bem como em eventos nacionais, abordando temas relacionados à perícia forense e ao sistema penitenciário.

E, por fim, planejo escrever um livro autoral sobre o sistema penitenciário, além de colaborar com colegas que possuem valiosas contribuições para publicações relacionadas à temática dessa área.



PERFIL

Stanley Gusmão de Paiva

Nascimento: Santo André-SP, em 01/06/1977.

Formação: Cursos/Especializações:

2012/2014 – Especialização em MBA Executivo em Gestão de Tecnologia da Informação.

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Título: Interferência da Tecnologia da Informação no Sistema Penitenciário do Estado da Paraíba.

Orientador: Christiane Maria Leite Pereira.

2013/2015 – Especialização em Inteligência Prisional de Segurança Pública e de Estado.

Faculdade de Comunicação Tecnologia e Turismo de Olinda-PE (FACOTTUR)

Título: Gestão da Segurança da Informação no Sistema Penitenciário do Estado da Paraíba.

Orientador: Jerlyane Dayse M. D. Santos.

2008/2011 – Graduação em Sistema de Informação.

Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ-Recife/PE)

Título: Teste em Sistema de Informação.

Orientador: Ivaldir Junior.

Desde 2015, venho me dedicando ao estudo da área de forense digital, com foco em perícia computacional e mobile. Ao longo desse período, concluí diversos cursos voltados para ferramentas de extração de dados, análise de evidências digitais e aplicação rigorosa da cadeia de custódia.

Ingresso no Sistema Penitenciário da Paraíba: 26/09/2012.



Thiago Robson Lopes



Ser policial penal, para mim, é resistir, propor e agir. É estar onde muitos não querem estar, e ainda assim, fazer valer cada esforço como oportunidade de transformação.

Primeiros dias: da adaptação à superação

Nos primeiros dias, foi um misto de incredulidade pelas cenas que eu jamais imaginei vivenciar, juntamente com uma sensação instintiva de receio pela própria vida. O odor fétido dos pavilhões, crianças lactantes atrás de grades em condições precárias, familiares em estado emocional [visivelmente fragilizados], agentes penitenciários com armamentos obsoletos e improvisando procedimentos. Este era o cenário caótico dos primeiros dias, o que me fez compreender o porquê do edital do concurso previa três dias de folga para a profissão. No entanto, parafraseando Charles Darwin,

acredito que não é o mais forte ou o mais inteligente que sobrevive, mas sim quem melhor se adapta às mudanças. E, no meu caso, os boletos foram grandes incentivos dessa adaptação.

Diante desse panorama, busquei, juntamente com meus colegas agentes penitenciários, assegurar a melhor prestação de serviço possível, e mesmo diante de limitações operacionais e estruturais, sobrevivemos aos primeiros meses.

Iniciei minha jornada na Penitenciária Júlia Maranhão, popularmente conhecida como Bom Pastor ou simplesmente Presídio Feminino. À época do meu ingresso, na Penitenciária Júlia Maranhão, Unidade Prisional destinada ao cumprimento de pena por mulheres em regime fechado, semiaberto e aberto, apresentava, já à primeira vista, as marcas de um sistema de difícil compreensão. Era uma instituição para mulheres, onde a estrutura arquitetônica original não considerava as especificidades de gênero. As agentes penitenciárias do sexo feminino sequer dispunham de alojamento, o que as levava a permanecer ininterruptamente nas áreas internas do pavilhão, em um plantão que, na prática, as submetia a condições semelhantes à própria custodiada.

Os familiares e visitantes também enfrentavam gigantescas dificuldades, não havia sequer bebedouros disponíveis, e as visitas ocorriam no interior das celas, uma prática que, embora institucionalmente tolerada, revelava o grau de precariedade e vulnerabilidade a que todos estavam expostos.

De servidor público a agente comprometido com a dignidade humana



Apesar das adversidades, foi nesse contexto que comecei a compreender, profundamente, a importância do papel institucional que me cabia. Mais do que uma estabilidade profissional, um contracheque ou um plantão sem fugas, percebi que minha missão exigia iniciativa, sensibilidade e um olhar voltado à transformação. Após uma experiência espiritual marcante durante um plantão, ao ler Hebreus 13:3 – ‘Lembraí-vos dos encarcerados, como se presos com eles’ – compreendi que aquela vivência, apesar dos desafios significativos, moldou mais do que um servidor público, forjou um agente comprometido com a dignidade humana. Foi a partir desse despertar que surgiram iniciativas e projetos voltados à melhoria das condições de vida das pessoas privadas de liberdade.

Participação em iniciativas que impactaram positivamente presos, servidores e familiares

Com o apoio de colegas e parceiros institucionais, iniciei a elaboração e implementação de projetos que buscavam responder, ainda que de forma modesta, às carências estruturais e humanas observadas no cotidiano da unidade. Uma das primeiras ações foi a mobilização para a doação de fraldas destinadas aos bebês lactantes que acompanhavam suas mães privadas de liberdade, uma iniciativa que, futuramente, evoluiria para a implantação do Projeto da Máquina de Fraldas, unindo dignidade infantil, capacitação e geração de renda.

Fui o autor do Projeto de Lei Estadual 11.449/2019, que instituiu a Semana Estadual de Assistência aos Familiares das Pessoas Privadas de Liberdade – uma conquista que carrego com orgulho. Além disso, colaborei

ativamente na construção e articulação de dezenas de outras iniciativas que impactaram positivamente presos, servidores e familiares, muitas das quais sequer têm meu nome associado diretamente. Modéstia à parte, não caberiam todas neste relato, mas é preciso destacar que nenhum desses avanços teria sido possível sem a união de esforços. Afinal, sozinho, não se vai longe.

Entre os projetos de maior relevância, destaco a idealização do Projeto de Produção de Saneantes no sistema prisional e doação para hospitais. Iniciativa reconhecida nacionalmente, levando-me à condição de finalista da 14ª edição do Prêmio Innovare.

Ressalto, igualmente, a idealização das fábricas de fraldas, sandálias e vassouras, como formas de ressocialização produtiva.

Promovi ainda a criação da cartilha digital “Guia do Visitante” e sua versão digital via QR code.

Articulei a aquisição e instalação de bebedouros nas áreas externas de algumas unidades prisionais para os familiares.

Também articulei a criação de sala de estabilização sensorial para crianças com TEA e outras deficiências.

Educação e cultura

No campo educacional e cultural, coordenei a realização da 1ª Semana de Arte e Cultura da Penitenciária de Psiquiatria Forense.

Articulei projetos como o Programa de Inclusão Através da Música e das Artes – PRIMA para filhos de pessoas privadas de liberdade.

É importante reconhecer que, junto às conquistas, também coleciono fracassos. Nem todas as iniciativas alcançaram os resultados esperados e há, ainda, uma dezena de projetos que permanecem como metas a serem concretizadas. E foi assim, entre grades, improvisos e fé – dei os primeiros passos – de uma jornada marcada por lutas, aprendizados e construção coletiva de dias melhores.

Múltiplas funções: viabilizando parcerias estratégicas que transformam ideias em projetos concretos

Foi na Penitenciária Feminina Júlia Maranhão que vivi minha primeira vivência prática no Sistema Prisional da Paraíba. Experiência já mencionada anteriormente. A partir dessa experiência inicial, assumi diferentes funções que ampliaram significativamente minha atuação institucional.

Na Gerência Executiva de Ressocialização, assumi a função de coordenador do Eixo Família e tive a oportunidade de desenvolver ações voltadas ao acolhimento dos familiares das pessoas privadas de liberdade e que, irracionalmente, sofrem preconceito pelo simples fato de visitar seus parentes. Dentre as principais iniciativas, destaco:

– O Projeto Cidadania é Fortalecer Vínculos, que promoveu ações integradas para reduzir os impactos emocionais da separação familiar.

- A criação da cartilha “Guia do Visitante”, posteriormente convertida em versão digital acessível por QR code (afixado) nas unidades prisionais, e a proposição do cadastro dos familiares nas Casas da Cidadania.

- Também idealizei ações afetivas e educativas como o Natal Solidário, voltado às crianças que visitam seus pais e mães no cárcere.

- Articulei campanhas de doação de brinquedos, kits de higiene e bebedouros para as áreas externas das unidades prisionais.

- Promovi, ainda, o levantamento estatístico de internos sem visita, ação fundamental para subsidiar políticas de atenção e reintegração.

- Coordenei atividades informativas, como palestras em parceria com o SINE-PB, que auxiliaram familiares e egressos na elaboração de currículos e preparação para entrevistas de emprego.

- Colaborei também, no âmbito do Conselho da Comunidade, o 1º casamento coletivo do sistema penitenciário paraibano, fortalecendo os vínculos familiares dentro da legalidade e com apoio institucional.

Essas e outras iniciativas culminaram na sanção da Lei Estadual 11.449/2019, de minha autoria, que instituiu a Semana Estadual de Assistência aos Familiares das Pessoas Privadas de Liberdade, consolidando, em nível legislativo, o reconhecimento da importância da família como eixo estruturante da política de execução penal.

Experiência transformadora

Atuar como Presidente do Conselho da Comunidade da Comarca de João Pessoa foi, e continua sendo, uma experiência profundamente transformadora, marcada por um sentimento de gratidão e propósito. Fui o primeiro policial penal a ser constituído presidente deste órgão.

O Conselho é um espaço de escuta ativa, autonomia cidadã e liberdade de atuação, que me permitiu, junto a outros membros e parceiros, articular ações robustas voltadas à dignidade humana e à melhoria da execução penal.

Foi também nesse espaço que desenvolvi, de forma prática, a habilidade de elaborar projetos e realizar articulações institucionais com diferentes órgãos públicos, entidades da sociedade civil e setores do sistema de justiça.

A partir dessa vivência, compreendi com ainda mais clareza que a política penitenciária precisa alcançar, de maneira equilibrada, três pilares essenciais: a pessoa privada de liberdade, seus familiares e os policiais penais. São esses três grupos que sustentam cotidianamente o sistema e que, não raro, enfrentam invisibilidades e negligências históricas.

Entre as muitas iniciativas realizadas, destaco a recente organização do primeiro casamento coletivo no sistema prisional da Paraíba – símbolo da preservação de vínculos familiares.

Promovemos, ainda, ações que vão desde a assistência básica, como a instalação de bebedouros para visitantes, até iniciativas mais complexas, como

articulações para inserção de familiares em programas sociais, mutirões de saúde, acesso à cultura, qualificação profissional e inserção produtiva.

O Conselho da Comunidade da Comarca de João Pessoa se consolidou como uma instância legítima de participação cidadã, com atuação comprometida e transformadora. Centenas de ações foram e continuam sendo executadas por meio desse espaço plural, que se sustenta na coragem, na escuta sensível e na construção coletiva.

Todas as iniciativas partem de um compromisso central, a valorização da dignidade humana e o fortalecimento do papel social da execução penal. Como bem define a juíza titular da Vara de Execução Penal, Dra. Andréa Arcoverde: “O Conselho atua como um verdadeiro braço social da VEP, contribuindo diretamente para a efetividade dos direitos e o aprimoramento das políticas públicas no campo penal”.

Assistência Religiosa

Como ponto focal da Paraíba na área de Assistência Religiosa, tive a responsabilidade de elaborar a minuta da Portaria Estadual que regulamenta a assistência religiosa nas unidades prisionais, documento construído com base em escuta interinstitucional e alinhado aos princípios da ética, segurança e respeito à liberdade de crença. Embora ainda não tenha sido oficialmente publicada, essa minuta representa um avanço técnico e institucional para garantir a atuação regularizada e plural da assistência religiosa no sistema penitenciário estadual.



No campo prático, atuei como Instrutor de Capelania Prisional, promovendo formações voltadas à atuação ética, humanizada e alinhada à legislação vigente. Vivenciei, ao longo dessa jornada, inúmeros relatos de transformação pessoal e social proporcionados pela espiritualidade, que, quando realizada com responsabilidade, contribui para restaurar vínculos, reduzir tensões e até mesmo evitar conflitos.

Eventos musicais e culturais

Além das ações formativas, fui responsável por fomentar eventos musicais e culturais nas unidades prisionais, proporcionando experiências marcantes por meio da arte e da fé. Destacam-se, entre essas iniciativas, as apresentações de grandes nomes do cenário musical cristão, como Rodolfo Abrantes, Grupo Logos e Salomão do Reggae, entre outros. Esses momentos, para além do impacto simbólico, representaram instantes reais de reconexão com a dignidade, com a esperança e com o valor humano de cada pessoa ali presente – internos, servidores e visitantes.

Gestor

Como Gestor Estadual do Projeto PROCAP (Programa de Capacitação Profissional e Implementação de Oficinas Produtivas), atuo na coordenação estratégica e no fortalecimento das ações produtivas e educacionais dentro das unidades prisionais da Paraíba. Embora super

desafiador, o PROCAP é uma grande fonte de qualificação e diminuição da reincidência quando executado.

Articulador institucional

Para além das funções formais que exerci ao longo dos anos, considero que minha principal contribuição ao sistema penitenciário tem sido como articulador institucional – alguém que atua na interseção entre diferentes setores, promovendo diálogos, construindo pontes e viabilizando parcerias estratégicas que transformam ideias em projetos concretos. Embora não exista, oficialmente, o cargo de “articulador institucional”, percebo que essa é, em essência, a função que venho desempenhando na prática, mobilizando pessoas, inspirando cooperação e reunindo esforços em torno de causas que promovam dignidade, inclusão e inovação no ambiente prisional.

Essa visão sistêmica, aliada à capacidade de articulação, sensibilidade social e habilidade para transitar entre diferentes eixos de atuação, foi sendo moldada e consolidada ao longo da trajetória, não somente pelos acertos, mas também pelos erros que me ensinaram e fortaleceram. Essas características, me permitiram construir pontes entre o poder público, a sociedade civil, entidades religiosas, universidades, órgãos do sistema de justiça e o setor produtivo, resultando em projetos integrados, sustentáveis e com impacto real no cotidiano das pessoas privadas de liberdade, seus familiares e os servidores que operam o sistema.



Sistema prisional paraibano

A grande lição que tiro da minha trajetória é que o sistema prisional não é falido – embora, em muitos aspectos, esteja em estado crítico, ainda é plenamente possível reverter esse quadro. Costumo dizer que, se no plano macro nem sempre temos meios imediatos para promover transformações estruturais, no plano micro é possível e imprescindível fazer o seu melhor, todos os dias. Cada ação que realizo, por menor que pareça, carrega em si o potencial de gerar impacto positivo e inspirar mudanças mais amplas.

Caminho com a convicção de que há muitas pessoas e instituições com enorme capacidade de contribuição, mas que ainda não foram devidamente provocadas, ou precisam ser sensibilizadas e convencidas do seu papel nesse processo.

Outro aprendizado central foi perceber que o sistema prisional não se sustenta de forma isolada. A construção coletiva deixou de ser um ideal e passou a ser uma exigência. Projetos centrados em uma só figura tendem ao esgotamento; estruturas que ignoram a interdependência institucional caminham para a estagnação. A própria Lei de Execução Penal, em seu artigo 4º, nos lembra que a responsabilidade pela execução da pena é compartilhada com a comunidade. Embora isso devesse ser evidente e lógico, já que a segurança pública é, constitucionalmente, responsabilidade de todos, ainda há, na prática, um movimento de esquivas, quando o que se espera é corresponsabilidade.



Infelizmente, também aprendi que ações motivadas por vaidade pessoal ou por projetos egocêntricos costumam gerar retrocessos institucionais. Da mesma forma, teorias conspiratórias, geralmente gestadas por mentes inseguras, criam ruídos desnecessários, minam o ambiente e dificultam a construção de soluções reais. Nessas horas, fica evidente o quanto o poder público ainda precisa aprender com a objetividade, a eficiência e a cultura de resultado típicas do setor privado, sobretudo quando o foco está no interesse coletivo e na entrega de valor social.

Portanto, se há algo que essa jornada me ensinou com profundidade, é que enquanto houver pessoas dispostas a agir, haverá sempre um caminho possível, mesmo quando o sistema parece estar na UTI.

Ser policial penal

Para mim, ser policial penal é muito mais do que integrar uma estrutura de contenção ou vigilância. É ter a consciência de que lidamos, ao mesmo tempo, com o privado de liberdade, mas também com famílias em sofrimento e com servidores que também enfrentam suas próprias batalhas.

Ao contrário das demais forças, cuja atuação está majoritariamente centrada na repressão e na prevenção, a Polícia Penal atua no pós-delito, naquilo que o sistema muitas vezes negligencia, mas que é determinante para a segurança pública de longo prazo, ou seja, a ruptura do ciclo da reincidência.



Com a efetiva implantação de políticas de ressocialização, capacitação profissional e trabalho prisional, a Polícia Penal passa a operar não apenas como garantidora da ordem interna, mas como vetor de reintegração. E essa reintegração, quando bem conduzida, representa um retorno concreto para o Estado. A redução dos índices de reincidência penal, o alívio do sistema judiciário e prisional e, sobretudo, a possibilidade de retorno financeiro direto, já que, conforme a Lei de Execução Penal, parte do salário dos presos que trabalham volta aos cofres públicos para custeio da própria manutenção carcerária.

Ou seja, ao promover trabalho digno, formação cidadã e ocupação produtiva, a Polícia Penal deixa de ser apenas custo e passa a representar investimento com retorno mensurável, tanto em termos de segurança quanto em termos econômicos. Isso nos confere um papel institucional único e reforça a importância de fortalecer essa nova carreira com políticas sérias, estrutura adequada e servidores valorizados.

Ser policial penal, portanto, é ter a chance real de transformar realidades e fazer do cárcere não o fim da linha, mas o ponto de virada para centenas de vidas e para o próprio Estado.

Ser policial penal, para mim, é resistir, propor e agir. É estar onde muitos não querem estar, e ainda assim, fazer valer cada esforço como oportunidade de transformação.

Desafios

Os desafios que enfrentei — e continuo enfrentando — enquanto agente essencial na formação da Polícia

Penal e na evolução do sistema prisional paraibano são múltiplos, complexos e, muitas vezes, silenciosos. O que exige fé e cuidados com a saúde mental.

O primeiro deles foi romper com a lógica da mera contenção, que historicamente definiu o dia a dia do cárcere. Trabalhar por uma nova mentalidade institucional exige não apenas conhecimento técnico, mas coragem para propor, insistir e resistir em ambientes historicamente avessos à inovação. Principalmente, quando (qualquer projeto ou iniciativa) tem como público – o privado de liberdade ou seu familiar – corre-se o risco de ser pejorativamente rotulado de “direitos humanos” e ser interpretado como policial ingênuo ou frágil, impossibilitando qualquer forma de ascensão funcional ou nomeação para cargos relevantes, visto que, o perfil do policial operacional e tático é mais valorizado, exigindo bastante jogo de cintura e estratégias para seguir e, mitigar os danos resultantes dessa atuação e perfil dissonante.

Ainda assim, acredito que esse é o caminho necessário e possível para que a Polícia Penal se fortaleça não apenas como força de segurança, mas como agente legítimo de reconstrução social.

Outro grande desafio é atuar em um sistema ainda carente de estrutura, mas talvez o desafio mais sutil e mais constante tenha sido combater o isolamento institucional. Entender que a Polícia Penal só se fortalece com a participação da sociedade civil, com a articulação entre poderes e com o reconhecimento de que ninguém constrói política pública sozinho – foi determinante para minha atuação. O Conselho da Comunidade, por exemplo, foi um espaço fundamental para desenvolver essa visão



ampliada. Nele, percebi que o policial penal pode e deve ser também formulador de soluções.

Produção literária

Nos últimos anos, a produção literária voltada ao sistema prisional e à Polícia Penal tem sido não apenas relevante, mas essencial. Estamos diante de uma oportunidade histórica de registrar, com voz própria, a construção de uma recente estrutura policial, de uma nova cultura e de uma nova consciência sobre o papel da execução penal na sociedade paraibana. Ver a Polícia Penal sair do silêncio intramuros e institucional para ocupar páginas e livros é, por si só, um avanço.

Sinto-me profundamente honrado em fazer parte desse processo, não apenas como personagem da história que se escreve diariamente nas unidades prisionais, mas também como alguém que escolheu contribuir ativamente com ideias, reflexões e experiências. Ser autor, ou coautor, nesse campo, é uma forma de garantir que os aprendizados, os desafios e as soluções não se percam com o tempo, mas sirvam de base para os que virão depois de nós. Como já diria Sócrates, “uma vida não examinada não vale a pena ser vivida”.

Livro autoral

A experiência acumulada ao longo dos anos no sistema prisional, especialmente no campo da assistência religiosa, despertou em mim não apenas



a necessidade, mas o compromisso de transformar vivências em conteúdo acessível e estruturado.

Por essa razão, pretendo avançar no âmbito da literatura. Já iniciei a organização de um livro autoral voltado à assistência religiosa no cárcere, abordando os aspectos legais, operacionais e sobretudo metafísicos e humanos.

PERFIL

Thiago Robson dos Santos Lopes

Nascimento: João Pessoa-PB, em 20/11/1985.

Filho de Wilma Goretti dos Santos Lopes (Muito Orgulho, Minha Mãe!)

Formação:

Graduado em Game Design

Graduado em Inteligência Artificial

Graduando em Ciências da Computação

Pós-graduação em Perícia Forense Computacional

Pós-graduação em Cibersegurança, Direito Digital e Segurança de Dados

Pós-graduação em Desenvolvimento e Engenharia de Software,

Inteligência Artificial e Inteligência de Dados

Pós-graduação em Direitos Humanos e Segurança Pública

Ingresso no Sistema Penitenciário da Paraíba: 2009



Esta obra foi composta na fonte Bahnschrift,
capa impressa em papel triplex 250g, miolo em papel Pólen 80g.
Impressão na Editora Letras e Versos
Rio de Janeiro - Brasil